



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – PGLA

LINGUAGEM INCLUSIVA E/OU NÃO BINÁRIA: INCLUSÃO DE *ALUNES* LGBTQIA+

NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

HENYERSON JESUS ANGULO GUZMAN

BRASÍLIA-DF

2023

HENYERSON JESUS ANGULO GUZMAN

**LINGUAGEM INCLUSIVA E/OU NÃO BINÁRIA: INCLUSÃO DE *ALUNES* LGBTQIA+
NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Língua, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fidel Armando Canas Chavez

Brasília - DF

2023

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

AG9931 ANGULO GUZMAN, HENYERSON JESUS
LINGUAGEM INCLUSIVA E/OU NÃO BINÁRIA: INCLUSÃO DE ALUNES
LGBTQIA+ NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA /
HENYERSON JESUS ANGULO GUZMAN; orientador FIDEL ARMANDO
CANAS CHAVEZ. -- Brasília, 2023.
150 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) --
Universidade de Brasília, 2023.

1. LINGUÍSTICA APLICADA. 2. LINGUAGEM INCLUSIVA. 3.
LINGUAGEM NEUTRA. 4. TEORIA QUEER. 5. ENSINO DE ESPANHOL. I.
CANAS CHAVEZ, FIDEL ARMANDO, orient. II. Título.

HENYERSON JESUS ANGULO GUZMAN

**LINGUAGEM INCLUSIVA E/OU NÃO BINÁRIA: INCLUSÃO DE *ALUNES* LGBTQIA+
NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Língua, Cultura e Sociedade.

Defendida e aprovada em: _____ de _____ de 2023

Banca Examinadora formada por:

Prof. Dr. Fidel Armando Cañas Chávez

Universidade de Brasília (orientador)

Prof. Dr. Robson Carapeto-Conceição

Freie Universität Berlin (examinador externo)

Profa. Dra. Yamilka Rabasa Fernández

Universidade de Brasília (examinadora interna)

Profa. Dra. Janaína Soares de Oliveira Alves

Universidade de Brasília (examinadora suplente)

Brasília - DF

2023

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília - UnB e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PGLA, porque me deram a oportunidade e os estímulos para realizar esta pesquisa e enriquecer a minha formação acadêmica.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PGLA da Universidade de Brasília – UnB, por contribuírem com seus conhecimentos e motivações: à professora Mariana Mastrella-de-Andrade, à professora Janaína Soares, à professora Lúcia Barbosa e ao meu estimadíssimo orientador, o professor Fidel Chávez.

À banca da minha qualificação por colaborar para que a pesquisa seguisse um caminho mais amadurecido e sensível: à professora Yamilka Rabasa e ao professor Kleber Da Silva.

Aos participantes, por seu compromisso que serviu de motor para a realização da pesquisa. Também por colaborarem com a produção do guia da linguagem inclusiva e/ou não binária que apresento na seção de apêndices deste texto.

A minhes alunes LGBTQIA+, por compartilharem suas vivências e dificuldades para acessar com dignidade ao sistema educativo e por demonstrarem que o ensino da língua espanhola é mais bonito quando há empatia no processo.

À minha família biológica, por ser uma fonte de permanente afeto e apoio emocional.

A minhas amigas, meus amigos e minhes amigues, por terem se tornado minha família nesses anos de vivências intensas.

Finalmente, à educação pública e gratuita, por contribuir com que o mundo seja cada vez menos desigual e garantir a dignidade de pessoas que por muitos anos foram associadas à marginalidade.

Cómo no decir que junto a nosotros también están los que nos inspiran, los que nos ayudan, los maestros que escribieron antes que nosotros y que nosotros leemos buscando un bastón, un apoyo frente a lo inasible de escribir. Y están los lectores. No. No estoy sola cuando escribo.

Camila Sosa Villada, *El viaje inútil: trans/escrituras*,

2022, p. 63

RESUMO

Tendo em vista a expansão da linguagem inclusiva e/ou não binária, nas últimas décadas, que quebra com o binarismo nominal de gênero gramatical na língua espanhola, isto é, o reconhecimento de outros gêneros gramaticais além do masculino e do feminino, nesta pesquisa proponho descrever qual é o conhecimento atual destas alternativas da linguagem inclusiva e/ou não binária que têm docentes de ELE formados por uma instituição federal de Brasília. Por meio desta pesquisa, qualitativa-intepretativista, na modalidade de Estudo de caso, eu busco conhecer qual é o posicionamento desse professorado com relação à inclusão de gênero nas aulas de espanhol por meio de entrevistas e formulários; objetivo, também, elaborar um manual que mostre as alternativas não binárias de inclusão que oferece a língua espanhola com a finalidade de que professores de ELE possam usá-las em suas aulas, com alunes LGBTQIA+ e de todas as identidades, pois considero que a Linguística Aplicada, tomando emprestadas as palavras do professor Vilson Leffa (2001), tem a capacidade de responder “ao que a sociedade precisa”. Dentre os resultados esperados, intenciona-se abrir uma discussão em torno do papel da linguagem na constituição das identidades e da responsabilidade dos docentes na luta contra a discriminação.

Palavras-chave: linguagem inclusiva e/ou não binária; linguagem inclusiva; Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira; ELE; pessoas de gênero não binário; lésbicas, gay, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e mais; LGBTQIA+.

RESUMEN

Ante la expansión, en las últimas décadas, del lenguaje inclusivo y/o no binario, que rompe con el binarismo nominal del género gramatical en la lengua española, es decir, el reconocimiento de otros géneros gramaticales además del masculino y el femenino, en esta investigación me propongo describir el conocimiento actual de estas alternativas proporcionadas por el lenguaje inclusivo y/o no binario entre profesores de ELE egresados de una institución federal de Brasilia. A través de esta investigación cualitativa-interpretativa, en forma de estudio de caso, pretendo averiguar cuál es la posición de estos profesores en relación a la inclusión de género en las clases de español a través de entrevistas y formularios; También pretendo crear un manual que muestre las alternativas de inclusión no binarias que ofrece la lengua española para que los profesores de EFL puedan utilizarlas en sus clases con estudiantes LGBTQIA+ y de todas las identidades, porque creo que la Lingüística Aplicada, tomando prestadas las palabras del profesor Vilson Leffa (2001), tiene la capacidad de responder "a lo que la sociedad necesita". Entre los resultados esperados, se pretende abrir un debate en torno al papel del lenguaje en la constitución de las identidades y la responsabilidad de los profesores en la lucha contra la discriminación.

Palabras clave: lenguaje inclusivo y/o no binario; lenguaje inclusivo; Enseñanza de Español como Lengua Extranjera; ELE; personas de género no binario; lesbianas, gays, bisexuales, travestis, transexuales, intersexuales y más; LGBTQIA+.

ABSTRACT

Given the expansion, in recent decades, of inclusive and/or non-binary language, which breaks with the nominal binarism of grammatical gender in the Spanish language, that is, the recognition of other grammatical genders besides masculine and feminine, in this research I propose to describe the current knowledge of these alternatives provided by inclusive and/or non-binary language among ELE teachers graduated from a federal institution in Brasilia. Through this qualitative-interpretative research, in the form of a case study, I intend to find out what is the position of these teachers in relation to gender inclusion in Spanish classes through interviews and forms; I also intend to create a manual that shows the non-binary inclusion alternatives offered by the Spanish language so that EFL teachers can use them in their classes with LGBTQIA+ students and students of all identities, because I believe that Applied Linguistics, borrowing the words of Professor Vilson Leffa (2001), has the ability to respond "to what society needs". Among the expected results, we intend to open a debate on the role of language in the constitution of identities and the responsibility of teachers in the fight against discrimination.

Keywords: inclusive and/or non-binary language; inclusive language; Teaching Spanish as a Foreign Language; ELE; non-binary gendered people; lesbian, gay, bisexual, transvestite, transsexual, intersex and more; LGBTQIA+.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1 - Processo diacrônico da geração de dados	41
Figura 2 - Categorias	45
Figura 3 - Subcategorias	46
Quadro 1 - Cronograma	47
Quadro 2 - Reunião com participante 1	51
Quadro 3 - Reunião com participante 2	56
Quadro 4 - Reunião com participante 3	59

LISTA DE ABREVIATURAS

ELE: espanhol como língua estrangeira.

LA: Linguística aplicada.

LI: Linguagem inclusiva.

LGBTQIA+: acrônimo que engloba as categorias lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo e assexual. O "mais" representa outras identidades, como pansexual, genderqueer, não binário, polisssexual, 2-espírito etc. Apesar de que hoje outras siglas são popularizadas, como LGBT e LGBTQIAPN+, eu decidi usar LGBTQIA+ porque acredito que no momento que começou esta pesquisa era a mais divulgada.

GLOSÁRIO¹

Cisgênero: uma pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

Comunicação inclusiva: é o processo de transmitir informações e estabelecer interações de forma a reconhecer e respeitar as diferenças e a diversidade das pessoas. A comunicação inclusiva busca ser acessível a todos os indivíduos, sem excluir ou discriminar ninguém com base na identidade de gênero ou em outras características.

Estereótipos de gênero: são crenças simplificadas e generalizadas sobre as características, funções e comportamentos tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres em uma determinada sociedade. Esses estereótipos podem ser limitadores e contribuir para a discriminação e a desigualdade de gênero.

Expressão de gênero: refere-se à forma como uma pessoa mostra seu gênero ao mundo por meio de aparência, atitude, comportamento ou gestos.

Gênero: construção sociocultural e psicológica que determina o conceito de mulheres, homens e outras categorias não binárias ou normativas.

Heteronormatividade: heterossexualidade como norma social de orientação sexual em uma sociedade.

Identidade de gênero: percepção subjetiva que um indivíduo tem de si mesmo em relação ao gênero.

Linguagem androcêntrica: uso do gênero masculino para se referir a todas as pessoas.

LGBTQIA+: acrônimo que engloba as categorias lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo e assexual. O "mais" representa outras identidades, como pansexual, genderqueer, não binário, polisssexual, 2-espírito etc.

Não binário: uma pessoa que assume uma identidade de gênero que não se encaixa nas categorias de binarismo de gênero, pois não se percebe como homem ou mulher.

Orientação sexual: a capacidade de sentir desejo e atração sexual, emocional e afetiva por pessoas do mesmo gênero e/ou de um gênero diferente do seu.

Patriarcado: domínio masculino em uma sociedade ou grupo social.

Pronomes pessoais: são palavras usadas para se referir a uma pessoa na terceira pessoa, substituindo seu nome. Os pronomes pessoais na língua espanhola incluem opções como "él", "ella", "elle", "ellos", "ellas" e "elles", e podem variar de acordo com a identidade de gênero da pessoa a quem se referem.

¹ O presente glossário não tem o intuito de estabelecer definições teóricas complexas em função dos conceitos teóricos que guiam esta pesquisa, somente oferecer uma orientação dos termos que serão utilizados ao longo do texto que são mais explorados na seção da fundamentação teórica.

Terminologia inclusiva: refere-se ao uso de termos e vocabulário que não excluem e discriminam pessoas com identidades de gênero diferentes. Isso implica o uso de palavras e expressões que reconheçam a diversidade de gênero e evitem reforçar estereótipos ou preconceitos.

Transgênero: pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

Travesti: uma identidade individual e política que reivindicam as mulheres trans latino-americanas e que vai além do binário de gênero, pois é usada por pessoas designadas como homens ao nascer que se identificam e vivem como mulheres comumente marginalizadas pela classe dominante da sociedade.

SUMÁRIO

SEÇÃO 1.....	14
INTRODUÇÃO.....	14
1.1 A urgência da visibilidade LGBTQIA+.....	16
1.2 Objetivos.....	17
1.2.1 Objetivo principal.....	17
1.2.1 Objetivos específicos.....	18
1.3 Perguntas da pesquisa.....	18
SEÇÃO 2.....	19
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 Estudos queer: uma aproximação historiográfica.....	19
2.2 Corpos que (não) importam.....	23
2.2 O binarismo na língua(gem).....	26
2.4 A escola normativa.....	30
2.5 Educação inclusiva: um professorado aliado dos subalternizados.....	32
SEÇÃO 3.....	35
METODOLOGIA.....	35
3.1 Método e natureza da pesquisa.....	35
3.2 Contexto da pesquisa e participantes.....	38
O trabalho de campo da pesquisa foi desenvolvido com a contribuição de três docentes de espanhol que se formaram em uma instituição pública de ensino superior localizada em Brasília em diferentes anos: 2009, 2011 e 2018. Atualmente, eles prestam serviço como professores de espanhol em três ambientes independentes um do outro, sendo estes uma universidade particular, um instituto federal de ensino médio e o outro de forma autônoma através de aulas online. Apesar de que a pesquisa não foi medida por uma instituição, os espaços de trabalho deles foram importantes para que o conteúdo discutido nos nossos encontros fosse aplicado nas suas práticas como docentes de maneira voluntária..	38
Entrei em contato com eles através de um grupo de Facebook no qual publiquei a motivação da minha pesquisa. Os três profissionais mostraram interesse rapidamente e organizamos os encontros nos quais fiz a coleta de dados.....	38
3.3 Descrição de participantes.....	38
3.3.1 Participante 1.....	38
3.3.2 Participante 2.....	39
3.3.3 Participante 3.....	39
3.4 Instrumentos para a produção de dados.....	39
3.5 Procedimentos para a coleta de dados.....	41
3.5.1 Acerca das entrevistas e contatos individuais com os participantes.....	43
3.5.2 Acerca da entrevista com grupo focal.....	44
3.6 Procedimentos para a análise dos dados.....	44
3.7 Considerações ética.....	47
3.8 Cronograma.....	47
SEÇÃO 4.....	49
ANÁLISE DE DADOS.....	49
4.1 Primeiro contato com participantes.....	50
4.1.1 Primeiro contato e encontro com a participante 1.....	50
4.1.2 Primeiro contato com o participante 2.....	56
4.1.3 Primeiro contato com o participante 3.....	59
Quadro 4: Reunião com participante 3.....	59
4.2 Sobre a intervenção.....	61
SEÇÃO 5.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72
APÊNDICES.....	79

SEÇÃO 1

INTRODUÇÃO

“Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua”.

bell hooks (1994, p. 857)

As inquietudes que motivaram esta pesquisa surgiram em uma sala de aula de ELE (Espanhol como Língua Estrangeira) que eu ministrava em uma escola de línguas no Distrito Federal; nessa aula, uma pessoa, estudante não binarie, advertiu que a língua, como era mostrada no livro didático, não reconhecia sua identidade de gênero e, portanto, apagava sua existência. Como eu, docente, devia lidar com essa advertência, ou, melhor falando, essa provocação? Como lidam outros professores com isso? Como é tratada a diversidade de gênero nas salas de aula de ELE?

O linguista aplicado é, ao mesmo tempo que um pesquisador, um ativista social que responde a problemas que envolvem a linguagem e que surgem em determinados tempos e espaços da sociedade da qual ele faz parte. O professor Rajagopalan (2003, p. 106 *apud* Damianovic, 2015, p. 191) define o linguista aplicado como “um ativista, um militante, movido por certo idealismo e convicção inabalável de que, a partir da sua ação, por mais limitada e localizada que ela possa ser, seja possível desencadear mudanças sociais de grande envergadura e consequência”.

É por isso que me parece necessário que o professorado assuma posturas que questionem não somente o mundo que o cerca, mas também o mundo que está dentro de si mesmo, dentro das suas falas, da sua forma de pensar, da sua visão de mundo. Neste sentido, parece necessário que se questione o que se ensina e o que se absorve diariamente de uma cultura que se levanta sob as consequências da colonização europeia na América Latina: dentre delas, o patriarcado, que deixa de lado e vulnerabiliza pessoas como as mulheres ou os membros da comunidade LGBTQIA+; ao mesmo tempo, acho que esse processo pode ser mais interessante ainda se também se questionasse a forma como a gente fala e se refere a outras pessoas: cabe mencionar aqui, portanto, a discriminação linguística, que reside “na mentalidade, consciente ou inconsciente, do falante ou do ouvinte, fruto da mentalidade social na qual a pessoa, o outro, ou ambos simultaneamente, desenvolvem” (Meseguer, 1994, p.90, tradução minha)², pois, através da língua, se reproduz a discriminação de gênero que historicamente tem imperado na sociedade.

É possível que pelo fato de eu ter sido um estudante *queer* me deparei desde muito cedo que a diversidade dentro de uma sala de aula, ao meu ver, deve ser celebrada, que a padronização dos corpos por meio de um imperativo heteropatriarcal produz sofrimento e afastamento de alguns corpos que se negam a ser padronizados. Já sendo professor de ELE, encontrei estudantes LGBTQIA+ que me acompanharam no processo de me entender não só como um sujeito social

² No original: *no radica en la lengua sino en la mentalidad, consciente o inconsciente, del hablante o del oyente, fruto de la mentalidad social en la que el uno, el otro, o ambos a la vez, se desenvuelven.*

mas como um agente de transformação que pode quebrar a ordem que regula a realidade não das pessoas LGBTQIA+, mas a de todas as pessoas que passam por minhas aulas.

Do ponto de vista diacrônico, a discriminação na língua não é mais que o resultado de uma sociedade que por séculos tem excluído grupos que não se encaixam na figura dominante, ou seja, o homem cisgênero e heterossexual, pois “falar é apropriar-se de um ou outro dos estilos expressivos já constituídos em e pelo uso, e objetivamente caracterizado por sua posição em uma hierarquia de estilos que expressa a hierarquia dos grupos correspondentes” de uma sociedade (Bourdieu, 1985, p. 28, tradução minha)³.

Desta maneira, é compreensível que não somente o corpo discente como também o professorado não considerem a possibilidade de usar formas gramaticais inclusivas e/ou não binárias que demonstrem empatia com alguns grupos discriminados, e, por sua vez, tendem a pactuar com a norma tradicional de gênero na língua, que flerta com a cultura patriarcal, usando o masculino como marcação genérica no espanhol [e no português]. Isto é, em vez de aplicar algumas alternativas vigentes na língua como o uso dos morfemas de gênero “-e” e “-x”, usam simplesmente o “-o” do masculino em palavras como “alumno” quando bem poderiam utilizar “alumne” e “alumnx” para o tratamento com uma pessoa não binária.

É possível citar como a prática de uso das estratégias alternativas já é adotada e incentivada em diferentes espaços institucionais como a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autônoma de Buenos Aires, que aprovou “a validez da linguagem inclusiva nas produções acadêmicas, administrativas, técnicas e de qualquer outra índole que gerem no corpo docente, discente, egressxs e não docentes desta Faculdade” (UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES, 2019, tradução minha)⁴. A partir da Lei da Identidade de Gênero da Argentina, em seu artigo 1º, inciso c, estabelece que toda pessoa tem direito de ser tratada de acordo com sua identidade de gênero.

Alguns dos meus estudantes têm se identificado abertamente como pessoas trans, travestis ou não binárias com os quais acho importante usar a linguagem inclusiva para que saibam que estão em um espaço confortável, dialógico e democrático. Mas a linguagem não binária, ao meu ver, não é exclusiva com pessoas que transitam entre os gêneros binários, ela serve para descrever de forma abrangente a todas as pessoas, sem deixar ninguém por fora; ela é libertadora, pois quebra com uma regra que é mantida há anos a partir de uma lógica binária que coloca uns corpos sobre os outros; ela é questionada pelas “autoridades” da língua, um exemplo disto é o posicionamento que a Real Academia Espanhola mantém quanto ao uso dos gêneros desde há alguns anos, sendo que em 2020 afirma que:

En algunos ámbitos se ha difundido la idea de que el masculino genérico es una herencia del patriarcado. Su uso es lesivo para la mujer, por lo que se ha de evitar en el discurso. Sin embargo, esta tesis carece de fundamento. El masculino genérico es anterior al masculino específico y su génesis no se halla relacionada con el androcentrismo lingüístico (RAE, 2020).

³ No original: *hablar es apropiarse de uno u otro de los estilos expresivos ya constituidos en y por el uso, y objetivamente caracterizado por su posición en una jerarquía de estilos que expresa la jerarquía de los correspondientes grupos.*

⁴ No original: *la validez del lenguaje inclusivo en las producciones académicas, administrativas, técnicas y de cualquier otra índole que se generen en los claustros docentes, estudiantes, graduadxs y no docentes de esta Facultad.*

Tem passado mais de meio século de resistência desde que os movimentos feministas e a comunidade LGBTQIA+ conquistassem direitos na sociedade: a retirada da homossexualidade e da transgeneridade dos manuais de doenças mentais da Organização Mundial da Saúde; a conquista do voto feminino; o reconhecimento do casamento homoafetivo em diferentes países; as leis de reconhecimento de gênero. É possível ver muitas destas conquistas refletidas no espanhol.

A partir dessa premissa, faço uso da responsabilidade que me concede ser um linguista aplicado, que “vê a necessidade de explorar como o uso da linguagem é historicamente construído em torno de questões de poder para evitar o desenvolvimento de uma prática de ensino que tem mais a ver com acomodação do que com acesso ao poder” (Damianovic, 2015, p. 192). Desta maneira, acredito pertinente constatar como o professorado de espanhol formado por uma instituição federal do Distrito Federal se relaciona com a linguagem inclusiva e com as situações de diversidade sexual ou de gênero na sala de aula e nas suas práticas docentes.

1.1 A urgência da visibilidade LGBTQIA+

O mundo é cada dia menos desigual, por isso, ser diferente na atualidade é menos perigoso, mas ainda não é seguro. As pessoas LGBTQIA+ continuam sofrendo discriminação de diferentes tipos: psicológica, verbal, física e legal. De acordo com o relatório *Homofobia de Estado 2017*, publicado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex (ILGA), em mais de oito países do mundo existem, até hoje, evidências da aplicação de pena de morte para pessoas que realizam atos sexuais com pessoas do mesmo sexo (Carroll, Mendes, 2017, p. 42).

Na América do Sul, região onde exerço a profissão de docente, embora a homossexualidade seja despenalizada na maioria dos países e países como a Argentina e o Uruguai sejam os mais progressistas em relação aos direitos e aceitação de pessoas LGBTQIA+ do mundo (Barrientos, 2016, p. 349), ainda existem países, como o país onde nasci, a Venezuela, no qual a Lei Orgânica de Registro Civil e o Código Civil estabelecem que a união estável e o casamento são unicamente entre homem e mulher cisgêneros e não existem direitos plenos de identidade para pessoas trans ou não binárias. Já o Brasil, onde estou produzindo esta pesquisa, está mais avançado quanto aos direitos LGBTQIA+ em relação com o meu país. Entretanto, de acordo com *Trans Murder Monitoring* (“Observatório de Assassinatos Trans”, em inglês), o país ocupa o topo do ranking mundial dos países mais violentos contra a população trans pelo 12º ano consecutivo: só nos primeiros nove meses de 2020, 124 pessoas foram assassinadas pelo fato de serem diferentes e vulnerabilizadas socialmente (TMM, 2021), sendo que só no Brasil, segundo uma pesquisa publicada em *Scientific Reports* (Spizzirri, 2021), ligada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), as pessoas trans e as não binárias representam juntas mais de 2% da população brasileira.

Por outra parte, uma onda conservadora, tradicionalista e cristã tem aumentado no Brasil nos últimos dez anos, sendo que os direitos conquistados pela população LGBTQIA+ continuam estando em risco. No passado 10 de outubro, a Comissão de Previdência, Assistência Social,

Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei 580/07 que proíbe o casamento homoafetivo, o qual ainda terá que ser avaliado para ser submetido a votação no Senado Federal.

Portanto, é impossível pensar em linguagem inclusiva e/ou não binária sem considerar essa informação, já que se trata de um conjunto de ações que vão além do uso de uma marcação de gênero diferente do “-o” do masculino em contextos que envolvem não só pessoas identificadas com o gênero masculino, é, também, um posicionamento político, é ter empatia com pessoas que vivem a violência de uma forma sistemática e estruturada e é dar visibilização de quem por motivos históricos é apagado de diferentes áreas de atuação na sociedade.

É por isso que também há resistência à linguagem inclusiva e/ou não binária nos setores conservadores. Governos e instituições de poder, se escondendo atrás de motivações linguísticas (gramaticais), buscam proibir as ações inclusivas na linguagem por motivos ideológicos. Na Argentina, que é um dos países que mais tem abraçado a discussão sobre a linguagem inclusiva na língua espanhola, o Ministério da Educação do Governo da cidade de Buenos Aires emitiu em 2022 uma resolução que regula o uso das marcações de gênero representadas com os morfemas -e, x, @ e outras nas escolas públicas e privadas (ARGENTINA, RESOLUCIÓN N.º 2566/MEDGC/22). Por outra parte, no Brasil, tem passado pelo Congresso Nacional vários projetos de lei que buscam proibir a linguagem neutra⁵ em diversos espaços da sociedade brasileira (Barbosa Filho, 2022).

Desta maneira, é pertinente que na educação, especificamente no ensino de ELE, sejam discutidas estas propostas já conhecidas e aplicadas por múltiplos usuários da língua. É fundamental, então, que o corpo docente esteja capacitado para enfrentar uma situação de discriminação de gênero na sala de aula, que saiba abordar, com as ferramentas que a língua proporciona, o tratamento com pessoas trans ou não binárias e, ao mesmo tempo, dialogar sobre esse conhecimento com alunes que serão falantes de espanhol em um mundo menos desigual.

1.2 Objetivos

A pesquisa se direcionou aos seguintes objetivos gerais e específicos:

1.2.1 Objetivo principal

(i) **conhecer** o posicionamento do professorado de ELE formado por uma instituição federal do Distrito Federal com relação à inclusão de gênero através da linguagem inclusiva e/ou não binária e como é refletido isto na sua atuação docente.

⁵ Nesta pesquisa eu abraço a terminologia mais comum em espanhol (inclusiva) no lugar de neutra, já que acredito que esta última se entende como algo que não apresenta características enviesadas, sendo que a linguagem inclusiva evidentemente tem um viés que parte da intenção de incorporar pessoas historicamente marginalizadas nos atos de fala. Porém, Barbosa Filho, no artigo, usa a palavra neutra que é amplamente incorporada no vocabulário brasileiro para se referir ao tema.

1.2.1 Objetivos específicos

(ii) **narrar** quais conhecimentos da linguagem inclusiva e/ou não binária que o professorado formado por dita instituição tem e como este se posiciona sobre o assunto.

(iii) **relatar** como impacta aos participantes a apresentação de um manual das alternativas de inclusão na língua espanhola adequadas para reduzir, no ensino de ELE, o uso de uma linguagem excludente e tradicionalista.

Entendendo que “qualquer produção de conhecimento gerada pelo linguista aplicado deve (...) responsabilizar-se por um projeto político-pedagógico que busque transformar uma sociedade desigualmente estruturada” (DAMIANOVIC, 2015, p. 188), pretendo, então, desenvolver uma pesquisa que beneficie não somente as pessoas diretamente afetadas pelas forças de poder, mas que também tenha o poder de contribuir para tornar a sociedade um pouco menos desequilibrada, já que, se “a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão” (FREIRE, 1968, p. 2).

1.3 Perguntas da pesquisa

Minha pesquisa será orientada pelas seguintes perguntas:

- a. Quais são as alternativas de linguagem inclusiva e/ou não binária e como seu uso no ensino ELE para lidar com pessoas LGBTQIA+ podem ajudar a reduzir o impacto causado pelo uso de uma linguagem que compactua com a dominação masculina nas identidades das pessoas não binárias, travestis ou trans?
- b. O que pensam e sabem os professores das alternativas inclusivas de gênero nas aulas de ELE formados por uma instituição federal do Distrito Federal, e qual é o posicionamento deles em relação à causa LGBTQIA+?
- c. Como o contato com um manual de linguagem inclusiva e/ou não binária impacta os participantes e sua atuação no ensino de ELE?

SEÇÃO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção apresento as conceitualizações que sustentam esta pesquisa em cinco partes. Na primeira, faço uma breve e modesta aproximação historiográfica aos estudos *queer*; na segunda parte, os corpos marginalizados e sua importância nas relações de poder ganham protagonismo; depois, me debruço sobre o papel da linguagem na construção do binarismo e a solidificação das diferenças; na quarta parte, falo sobre como a escola tem sido historicamente um lugar onde se acentuam as relações de poder; e, por fim, na quinta parte da seção reflito sobre uma educação inclusiva e aliada dos ditos marginais da periferia.

Desta maneira, os estudos *queer* serão de tamanha importância para a realização desta pesquisa. Trabalhos de Judith Butler e Paul Preciado, que dialogam com autores que problematizam as noções de sujeito, identidade, agência e identificação, serão o eixo da fundamentação teórica desta pesquisa; ao mesmo tempo, trabalhos de pedagogia inclusiva que seguem esta mesma linha de pensamento, como o trabalho de Guacira Lopes Louro e o de Tomaz Tadeu da Silva, também me acompanharão nesta viagem que tem a intenção de abrir mais um caminho que projete um ensino de espanhol mais libertador (FREIRE, 2011).

Por outra parte, sendo que esta é uma pesquisa na Linguística Aplicada, abordarei noções sobre o papel da língua(gem) na constituição das identidades e na demarcação das estruturas binárias da sociedade, portanto a teorização sobre a linguagem inclusiva ou não binária serviram de suporte para a criação do manual que apresentei para o professorado que fez parte do grupo focal deste Estudo de Caso interventivo.

2.1 Estudos *queer*: uma aproximação historiográfica

No final da década de 80 e principalmente durante a década de 90, o ativismo LGBTQIA+ dos Estados Unidos passou a se apropriar do termo *queer* com a intenção de ressignificá-lo de forma provocativa (BERNINI, 2018), pois desde o século XVIII o termo costumava ser usado na língua inglesa não só para nomear o considerado estranho, raro ou fora do comum, mas também como insulto que “eco e reitera os gritos de muitos grupos homófobos” (LOURO, 2004, p. 38) contra a diversidade sexual e de gênero performada por pessoas historicamente minorizadas no mundo ocidental moderno.

De acordo com Bernini (2018), há dois eventos relevantes que evidenciam a redefinição do termo *queer* como indicador de identidade política na década de 90 dentro dos espaços do ativismo e da academia: a fundação da associação Queer Nation⁶ em Nova Iorque e a realização do congresso Queer Theory organizado pela teórica Teresa de Lauretis na Universidade de Santa Cruz na Califórnia; por outra parte, o autor destaca duas publicações que, apesar de não falarem propriamente o termo, são tidas até hoje como eixos fundadores dos estudos; esses textos são os

⁶ De acordo com o autor (2000), o nome da organização Queer Nation foi aprovado oficialmente no dia 17 de maio de 1990. O grupo nasceu com o intuito de exigir dignidade e respeito diante da violência anti gay que tinha se intensificado com a epidemia de AIDS.

seguintes: *Epistemologia do Armário* (1990) de Eve Kosofsky Sedgwick e de *Gênero em Disputa: feminismo e subversão da identidade* (1990) de Judith Butler.

Desta maneira, é possível pensar que os debates promovidos pelo ativismo e o empoderamento já tido como *queer* abriram as portas para que, na academia, se questionassem as estruturas sociais que fazem que os corpos “indesejáveis” sejam deslocados ao campo da abjeção, e foi a partir de engrenagens entre os estudos do pós-estruturalismo francês, o feminismo da terceira onda e estudos subalternos, que emergiram os chamados estudos *queer*.

É por isso que me parece importante destacar que o que hoje se conhece como movimento LGBTQIA+ é o fruto de diversos ativismos que possibilitaram inúmeras conquistas sociais que custaram a força, o suor e o sangue de muitas pessoas no passado, antes inclusive do termo ser usado desse lado da linha.

Apesar de que a sociedade ocidental moderna e eurocentrada seja regulada por uma lógica binária que consolidou a dominação masculina (Bourdieu, 2000), que forçou as mulheres e as identidades dissidentes à subalternização, a partir do século XIX diversos grupos têm se organizado para lutar por respeito e dignidade em um mundo no qual se consolidaram estruturas de dominação (família, escola, estado e igreja) lideradas por agentes de dominação (homens brancos, europeus e heterossexuais).

De acordo com Renan Quinalha (2022), na Alemanha do final do século XIX se germinou o que por muito tempo se chamou de ativismo homossexual. Na época, a Europa já gozava de inúmeros privilégios que ganhou com a exploração e o trabalho escravo de outros continentes; e a industrialização daquela região permitiu a consolidação de grandes centros urbanos que possibilitaram a concentração de identidades sexuais e de gênero dissidentes.

O ativismo alemão começou com o funcionário político Karl Heinrich Ulrich, que a partir dos anos 1860 lutou pelos direitos homossexuais e pela revogação do parágrafo 175 do código penal que punia as relações homossexuais. Por outra parte, já na virada do século, o médico e sexólogo Magnus Hirschfeld liderou uma série de ações que contribuíram para que as pessoas LGBTQIA+ da época naquele país participassem nas esferas da produtividade, da política, da academia e da cultura, convertendo-se Berlim um ponto importante da diversidade sexual (QUINALHA, 2022). Entretanto, esses direitos foram engolidos pelas atrocidades autoritárias da onda fascista que assolou a Europa no século XX.

O cenário de guerra na Europa no início do século passado fez com que o epicentro do ativismo LGBTQIA+ se estabelecesse deste lado do Atlântico.

Por razões históricas vinculadas ao tipo de colonização e à geopolítica, os Estados Unidos já despontavam com cada vez mais relevância no cenário internacional. Uma Europa enfraquecida do ponto de vista político, econômico e industrial abriu um caminho mais curto para a consolidação da potência estadunidense (QUINALHA, 2022, p. 67).

Foram muitas as organizações e ações que se fundaram a partir da década de 1950 no país norte-americano, que já contava com fortes movimentos feministas e afro-estadunidense. O autor (QUINALHA, 2022) destaca os seguintes: Mattachine Society, liderado por Harry Hay; as ações de Frank Kameny, astrônomo que levou o primeiro caso de discriminação no trabalho para a

discussão política por ter sido afastado do Serviço de Mapa do Exército; e Daughters of Bilitis, fundado pelo casal lésbico Del Martins e Philips Lyon.

Por outra parte, bares dos principais centros urbanos daquele país se consolidaram como espaços de encontro para as pessoas LGBTQIA+, onde surgiram diversos protestos que interrompiam as vias públicas com a intenção de reivindicar direitos das populações da sigla, principalmente dos mais marginalizados, já que por muito tempo a visibilidade mediática se centrou nos corpos de homens cis gays brancos, o qual contribuía para que os corpos travestis, lésbicos, bissexuais, não binários, latinos, negros e etcétera, ficassem no campo da incompreensão. Isto é, se é possível afirmar que hoje a sociedade enxerga mais alguns corpos LGBTQIA+ do que outros, é possível pensar que há mais de 60 anos atrás os rostos do ativismo dissidente mais ressaltantes eram os rostos de homens cis gêneros gays principalmente brancos.

No entanto, houve um distúrbio que em junho do ano 1969 em Nova Iorque foi divisor de águas para o ativismo: as confrontações com a polícia no bar Stonewall, lideradas por mulheres travestis como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, possibilitaram significativos debates sobre os direitos da população LGBTQIA+ no país norte-americano e no mundo, e não só pelo fato dos Estados Unidos manterem uma posição de poder que permite que seus referentes nacionais sejam exportados como referentes universais para países em desenvolvimento, mas também pelas conquistas que estes corpos marginalizados e periféricos alcançaram naquele país historicamente liderado pela heteronormatividade eurocentrada.

É neste contexto que o *queer* começou a ser o foco de estudo, não só com o intuito de abrir um debate crítico à hegemonia do movimento homossexual no ativismo dissidente, mas também, e principalmente, com a intenção de colocar em discussão que os corpos nomeados estranhos, que ultrapassam as linhas traçadas pelos sujeitos que aceitam e reiteram as normas regulatórias da heterossexualidade compulsória (Butler, 2003), precisam ser ouvidos e visibilizados, pois tirar o óculo que o poder nos coloca, permite enxergar que do outro lado da linha há vidas sendo ameaçadas e que o mundo governado pelo binarismo produz uma cruel desigualdade.

É claro que as vidas LGBTQIA+ de cada um dos “dois”⁷ lados do globo sofrem dificuldades para gozar de dignidade na sociedade, porém, a partir do momento em que pensamos a modernidade como uma herança do processo colonizador que fez com que o eixo do mundo se consolidasse no local dos brancos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, é possível pensar que a periferia do mundo, o local dos racializados, tercermundistas e marginalizados, vivencia dificuldades ainda mais complexas.

É por isso que entendo que a discussão em torno do *queer*, “conformando-se em meio a afecções e afetos dos corpos dissidentes, (...) só pode se imaginar em processo de decolonização permanente” (Gomes Pereira, 2015, p. 413), já que trazer o debate e a teorização para este lado do mundo, o Sul Global, é passar por uma política de localização dos corpos colonizados.

⁷ Digo “dois” assumindo a estrutura binária que estabeleceu a colonialidade no mundo: o Norte Global e o Sul Global, que se distribuem não geograficamente mas politicamente.

Desta maneira, creio importante abordar o *queer* a partir do entendimento decolonial. O processo de transição do *queer* para o *cuir*⁸ é necessário na medida em que somos nós, as vozes fronteiriças do terceiro mundo subalternizado, que devemos ser os contadores das nossas próprias histórias. É aqui que a autora chicana, lésbica, mestiça e dona de outros adjetivos⁹, Gloria Anzaldúa (2009), ganha uma relevância significativa, já que as demarcações fronteiriças que limitam, colonizam e embranquecem os corpos *queer* do Sul Global são o eixo nos estudos da autora.

Queer é usado como um guarda-chuva falso de unificação sob o qual todos os "queers" de todas as raças, etnias e classes são empurrados. Às vezes, precisamos desse guarda-chuva para solidificar nossas fileiras contra os estrangeiros. Mas mesmo quando buscamos abrigo sob ele, não devemos esquecer que ele homogeneiza, apaga nossas diferenças. Sim, podemos todos amar pessoas do mesmo sexo, mas não somos iguais. Nossas comunidades étnicas lidam conosco de maneira diferente. Eu devo constantemente afirmar minha singularidade, devo dizer: Isso é o que penso sobre amar mulheres. Devo enfatizar: A diferença está na minha relação com minha cultura; a cultura branca pode permitir que suas lésbicas saiam - a minha não. Esta é uma maneira de evitar ser sugado pelo redemoinho da homogeneização, de ser puxado para o abrigo do guarda-chuva queer (Anzaldúa, 2009, p. 164)¹⁰.

É por este motivo que creio imperativo recordar que a América Latina teve e tem um ativismo que deu vida aos estudos *queer/cuir* neste lado do mundo. Na década de 1970, no Brasil, 1978 foi o ano no qual se teve a primeira reunião do grupo Somos (Grupo de Afirmação Homossexual) que foi pioneiro na consolidação do Movimento homossexual brasileiro (MHB), cujo nome deve-se, segundo Ronaldo Trindade (2018), à uma referência à revista argentina voltada para o público LGBTQIA+ no país sul-americano; também em 1978, foi lançada a primeira publicação do jornal brasileiro *Lampião da Esquina* (GREEN, QUINALHA et al, 2018) que foi fundamental para a visibilidade dos corpos *cuir* no Brasil.

Assim, os estudos *queer* no Brasil tiveram suas primeiras aparições na década de 1990: segundo Fábio Feltrin de Souza e Fernando José Benetti (2016), a revista *Cadernos Pagu* publicou entre 1995 e 1999 três artigos que parecem fazer parte da emergência dos *Estudos Queer* na academia brasileira com conceitos sobre heterossexualidade compulsória, heterossexismo, binarismos, desnaturalização do sexo e sexualidades múltiplas. Também, os autores destacam os nomes de Tânia Navarro Swain, UnB; Mário César Lugarinho, USP; Denilson Lopes, UnB; e outros pesquisadores que se aproximaram às teorias sobre gênero de Judith Butler e outros; pois a aproximação da academia com a diferença sexual e de gênero “ocorreu de forma gradual, acompanhando não apenas a maturidade do campo intelectual brasileiro no que tange aos estudos de gênero, como também num forte diálogo com pesquisadores de outros países” (SOUZA, BENETTI, 2016).

⁸ Mudança gráfica do termo em inglês com o intuito de trazê-lo para nossas línguas.

⁹ A autora argumenta que a dupla adjetivação que acompanha a palavra “escritor” é um processo pelo qual só passam pessoas que fazem parte de grupos minorizados, já que a palavra “escritor”, por si só, refere a ideia universal de pessoa branca e heterossexual. “If the writer is middle class, white, and heterosexual s/he is crowned with the “writer” hat—no mitigating adjectives in front of it” (Anzaldúa, 2009, . 164).

¹⁰ No original: Queer is used as a false unifying umbrella which all “queers” of all races, ethnicities and classes are shoved under. At times we need this umbrella to solidify our ranks against outsiders. But even when we seek shelter under it we must not forget that it homogenizes, erases our differences. Yes, we may all love members of the same sex but we are not the same. Our ethnic communities deal differently with us. I must constantly assert my differentness, must say, This is what I think of loving women. I must stress: The difference is in my relationship to my culture; white culture may allow its lesbians to leave—mine doesn’t. This is one way I avoid getting sucked into the vortex of homogenization, of getting pulled into the shelter of the queer umbrella (Anzaldúa, 2009, p. 164).

No campo da pedagogia, a professora Guacira Lopes Louro e o professor Tomaz Tadeu da Silva “podem ser vistos como importantes pesquisadorxs *Queer* na década de 1990” (Souza, Benetti, 2016). Os trabalhos deles invitam a desestabilizar os currículos, as bases da educação e a “naturalidade” das práticas normativas que imperam na escola, do qual falarei mais adiante.

Desta maneira, entendo que o ativismo pelos direitos dos grupos minorizados nos Estados Unidos e na América Latina permitiram que o poder que transforma os corpos não normativos em corpos indesejáveis fosse de grande interesse para a academia, nascendo assim, os chamados Estudos *Queer*, a partir dos quais são produzidos saberes que estão entrelaçados às mudanças do tempo e às relações de poder entre as pessoas na sociedade.

2.2 Corpos que (não) importam

O corpo como uma arqueologia, (um) processo de escavação, de descobertas de territórios, de rachaduras que se fazem, de terremotos que modificam as coisas, que as transformam, que me fazem outra mesmo.
Linn da Quebrada¹¹

Um corpo não é só composto por carne e limitado ao biológico, também um campo do imaginário e do simbólico o compõem; isto é, não é possível pensar em um corpo sem que não seja ocupado por um sujeito que encarne esse corpo. Todo corpo é, então, composto por carne e demarcações discursivas, quer dizer, há uma história não só genética mas também cultural na matéria desse corpo. Os sujeitos são, portanto, legíveis culturalmente de acordo com a história que os compõe. O “sexo”, que se estabelece a partir da genitália e concepções baseadas na reprodução, é determinante para a materialização dos corpos, porque, de acordo com Judith Butler (2019, p. 20), é a partir do “sexo” que os sujeitos são condicionados a produzirem suas demarcações, limites e ações de forma reiterada ao longo da vida com a intenção de ganhar inteligibilidade social e cultural. A autora diz ao respeito que:

(...) a diferença sexual é sempre uma função de diferenças materiais que são, de alguma forma, marcadas e formadas por práticas discursivas. (...) “sexo” não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força regulatória é evidenciada como um tipo de poder produtivo, um poder de produzir – demarcar, circular, diferenciar – os corpos que controla. (...) “sexo” é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo. Não se trata de um simples fato ou uma condição estática do corpo, mas de um processo no qual normas regulatórias materializam o “sexo” e alcançam essa materialização com uma reiteração forçada dessas normas.

Neste sentido, um corpo que importa é encarnado por um sujeito que cumpre com as exigências que o currículo social da sociedade ocidental moderna impõe sobre o mesmo, através de práticas de poder que os próprios sujeitos produzem, o qual lhes concede o ingresso ao campo da inteligibilidade cultural; em outras palavras, um corpo que importa é formado por um sujeito que produz um ato performativo que lhe foi condicionado a seguir e reiterar -caso não queira ser ininteligível na sociedade da qual faz parte- a partir do nascimento, de maneira que, o sexo é “uma das normas pelas quais o “sujeito” pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural” (Butler, 2019, p. 17) e a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

¹¹ No documentário *Bixa Travesty* (2019).

Isto significa, então, que o mundo que herdamos da colonização europeia -a modernidade, se levanta sob uma política que faz dos órgãos chamados sexuais; as práticas sexuais; as identidades normais e as desviadas; e os códigos da masculinidade e a feminilidade; uns agentes de controle sobre as vidas das pessoas, pois estas são atravessadas pela ação da biopolítica do poder, o qual, segundo o entendimento de Paul Preciado (2005) a partir de uma leitura cruzada entre Michel Foucault e Monique Wittig, tem a heterossexualidade não como uma prática sexual mas como um regime político, uma tecnologia destinada a produzir corpos héteros que servem de coluna vertebral para o mundo heterocentrado no qual vivemos.

Portanto, todo corpo que atravessa os limites traçados pela heteronormatividade é um corpo abjeto, expulso para as margens da sociedade, para o outro lado do abissal (Sousa Santos, 2007), o lado dos que não são configurados como sujeitos (Butler, 2019) nem fizeram parte da esfera da produtividade por anos, encurralados no campo da marginalização. Mas esses corpos são corpos que não importam mesmo? De acordo com Louro (2001, p. 548), Jacques Derrida defendeu a tese de que a lógica da sociedade ocidental moderna opera através de binarismos:

(...) este é um pensamento que elege e fixa como fundante ou como central uma ideia, uma entidade ou um sujeito, determinando, a partir desse lugar, a posição do 'outro', o seu oposto subordinado. O termo inicial é compreendido sempre como superior, enquanto que o outro é o seu derivado, inferior (Louro, 2001, p. 548).

Assim, os estudos de Derrida (1991), principalmente sua crítica à obra de J. L. Austin (1962), serviram de base para que os estudos *queer* abordassem a performatividade e a desconstrução do binarismo que opera na modernidade, que diante de dois lados, há um fundador superior e outro derivado e inferior.

As pessoas LGBTQIA+ são colocadas do lado oposto das normas que regulam o gênero e a sexualidade e ao mesmo tempo legitimam a existência dessas normas. Desta maneira, os corpos LGBTQIA+ importam para demarcar os limites que não devem ser ultrapassados por sujeitos que gozam de inteligibilidade cultural. Sem estes corpos, não há um referente do que não se deve ser; nessa lógica binária, não há bem sem mal nem centro sem periferia.

Destaco então que trabalhos de Foucault serviram de base para o surgimento dos estudos *queer*, pois estes permitiram explorar a construção discursiva das sexualidades, uma vez que para Foucault (1976) a sexualidade é tida como uma construção a partir de discursos pronunciados por entidades de poder que produzem, multiplicam e controlam as categorias da sexualidade.

A partir de uma forma de investigação crítica a qual Foucault chamou de “genealogia”, reformulando Nietzsche, Butler (2010) afirma que a crítica genealógica não procura as origens do gênero, nem a verdade íntima do desejo feminino, tampouco uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver. Pelo contrário, “ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (Mazzaro, 2021, p. 1058).

Em consequência, os Estudos *Queer* não só buscam colocar em discussão como essa lógica restringe as identidades e os desejos de algumas pessoas em decorrência do privilégio de outras, também buscam desestabilizá-la através de processos de desconstrução que podem permitir que o binarismo não afete mais as vidas dos corpos que foram e são expulsos do campo

da compreensão cultural e são condicionados a caminharem por uma estrada que por vezes é cheia de sofrimento e obstáculos e sem chances para alcançar dignidade.

Por outra parte, entendendo que esta é uma pesquisa que busca abrir um debate entre vozes do Sul Global, creio necessário que a discussão do *queer* entenda-se decolonial, começando pelo fato de que o *queer* mesmo carrega uma potencialidade de mutação, sendo que as normas sociais que esta teoria estuda não são fixas e a partir de um processo de intersecção, é possível explorar como operam as diferentes instituições de poder sobre as populações subalternizadas de acordo com as realidades locais e históricas das mesmas. Para isso, trago a voz de Gloria Anzaldúa (2009), autora que por sua condição de lésbica, mestiça e chicana¹², mesmo tendo nascido no Norte Global, é colocada no espectro da diferença, o que corrobora a ideia de que o *queer* e o *cuir* se diferenciam em muitos sentidos.

O pensamento da autora incita a desencaixar a teoria *queer* de perspectivas mais hegemônicas a partir da sua própria história pessoal, sendo que sua ancestralidade atravessou uma fronteira com o intuito de alcançar a dignidade fantástica que promete o sonho americano. Em *Borderland/La Frontera: La nueva mestiza* (Anzaldúa, 2016), a autora compreende a fronteira não só como uma linha divisória entre duas nações (Estados Unidos e México no seu caso), mas como um lugar onde diferentes realidades e identidades culturais se atravessam e se acentua um processo de dominação cultural, linguístico e psicológico entre os sujeitos que se relacionam.

Desta maneira, é possível dizer que atravessar uma fronteira é ser atravessado por uma colonialidade no corpo e no espírito que se manifesta através da heteronormatividade, do racismo e da discriminação religiosa. Mas no meio dessa relação de poder, a ancestralidade permite recuperar espaços, pois ela acompanha as famílias migrantes nas suas vidas incompreendidas por muito que tenha sido cruzada pela colonização. A autora destaca a importância de entender a fronteira como um espaço de empoderamento, que permite destacar vestígios do passado que servem como símbolos que contribuem com a desconstrução dos saberes aprendidos e impostos pela colonialidade:

Hoy día la Virgen de Guadalupe es la imagen religiosa, política y cultural más poderosa de los Chicanos /mexicanos. Ella, como mi raza, es una síntesis del Viejo y el Nuevo Mundo, de la religión y la cultura de las dos razas de nuestra psique, los conquistadores y los conquistados. Es el símbolo del hombre o la mujer mestizos que son fieles a sus valores indígenas. La cultura chicana se identifica con la madre (indígena) más que con el padre (español). Nuestra fe está enraizada en atributos, imágenes, símbolos, magia y mitos indígenas. Dado que Guadalupe asumió la devastación física y psicológica del indio conquistado y oprimido, ella es nuestro símbolo espiritual, político y psicológico. Como símbolo de fe y esperanza, ella sostiene y asegura nuestra supervivencia. El indio ha sobrevivido, a pesar de la desesperación y el sufrimiento extremos y del casi genocidio. Para los mexicanos de ambos lados de la frontera, Guadalupe representa nuestra rebelión contra los ricos, las clases medias y altas; contra su opresión de los indios y los pobres (Anzaldúa, 2016, p. 74)¹³.

¹² Pessoa estadunidense de origem mexicano.

¹³ Hoje em dia, a Virgem de Guadalupe é a imagem religiosa, política e cultural mais poderosa dos Chicanos/mexicanos. Ela, assim como minha raça, é uma síntese do Velho e do Novo Mundo, da religião e da cultura das duas raças em nossa psique: os conquistadores e os conquistados. Ela é o símbolo do homem ou mulher mestiços que são fiéis aos seus valores indígenas. A cultura chicana se identifica mais com a mãe (indígena) do que com o pai (espanhol). Nossa fé está enraizada em atributos, imagens, símbolos, magia e mitos indígenas. Visto que Guadalupe assumiu a devastação física e psicológica do índio conquistado e oprimido, ela é nosso símbolo espiritual, político e psicológico. Como símbolo de fé e esperança, ela sustenta e assegura nossa sobrevivência. O índio sobreviveu, apesar da desesperança, do sofrimento extremo e quase genocídio. Para os mexicanos de ambos os lados da fronteira,

É possível pensar, portanto, na metáfora da viagem (Louro, 2004) para refletir sobre os trânsitos dos corpos, suas partidas e suas chegadas e seus desvios no caminho. Pensando a partir da lógica ocidental, o corpo é um sujeito viajante cujo roteiro de viagem é configurado antes de que este tenha sequer a autonomia para traçar suas próprias andanças, e há expectativas de que os caminhos sejam transitados como foi planejado; porém, os corpos estranhos e colonizados rompem os roteiros, atravessam fronteiras e se colocam nos espaços da incompreensão social.

Tal Como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões (Louro, 2004, p. 16).

É por isso que entendo os estudos *queer* a partir de uma perspectiva decolonial, o qual me permite pensar nos corpos colonizados e cuir como sujeitos fronteiriços que não só atravessam linhas proibidas nos caminhos das suas viagens, mas que são atravessados por uma colonização se pensarmos que essas viagens foram programadas no exterior das suas realidades culturais e geográficas, no eixo do mundo.

2.2 O binarismo na língua(gem)

A las travestis no nos nombra nadie, salvo nosotras. El resto de la gente ignora nuestros nombres, usa el mismo para todas: putos.
Camila Sosa Villada¹⁴

De acordo com as colocações no apartado anterior, os Estudos *Queer* possibilitam entender que o gênero se constitui em função de atos performativos que as pessoas encenam e repetem na medida em que suas vidas ocorrem, mas é através da linguagem que essa performatividade se materializa no cotidiano, pois ela “ocupa lugar central na vida humana; afinal, é ela que nos permite a simbolização do real, uma vez que viabiliza a formação de conceitos, a abstração e a organização, em nosso sistema cognitivo, da realidade externa a nós” (Cerutti-Rizzatti et al, 2008, p. 11). Isto é, há uma relação imbricada entre ambos o gênero e a língua(gem), uma vez que, de acordo com Norman Fairclough (2001, 209), a identidade é medida pela linguagem, o “eu” se constrói a partir de uma performance linguística.

Desta maneira, assim como entendo que o gênero é um ato performativo regulado por uma ordem binária instaurada pelo poder, entendo que a língua(gem) atravessa um processo similar; ambos são atos performativos na medida em que se fazem e refazem na prática social por meio de performances cotidianas que para se manterem “coerentes” e dentro dos limites, é preciso que sejam aprendidos através da repetição -como uma performance artística. Assim, entendo a linguagem não como uma competência linguística que todo ser humano possui de forma inerente, mas como uma performance que permite, segundo Alastair Pennycook (2007, p. 60), “estabelecer um amplo conjunto de forças sociais, culturais e discursivas”.

A partir disto, consigo afirmar que a língua(gem) possibilita a construção e a manutenção

Guadalupe representa nossa rebelião contra os ricos, as classes médias e altas; contra a opressão dos índios e dos pobres.

¹⁴ SOSA, C. *Las malas*. Tusquets. Buenos Aires, 2019.

dos sujeitos, uma vez que ela permite que as identidades sejam produzidas através da citação de enunciados semióticos que cedem ao sujeito um efeito de exclusividade ou naturalidade inquestionável e estruturado por uma matriz heterossexual que forma uma escala de inteligibilidade cultural que naturaliza os corpos, gêneros e desejos. É no discurso que “a força da ordem masculina se revela no fato de prescindir de qualquer justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não sente a necessidade de se enunciar em discursos capazes de legitimá-la” (Bourdieu, 2000, p. 22)¹⁵.

Por outra parte, o evento histórico que em 1492 trouxe a língua espanhola por meio de um projeto de poder colonialista estabeleceu hierarquias que consolidaram quem tinha o direito de gozar o privilégio da titularidade de sujeito coerente e quem era destinado à incompreensão e a servir, quer dizer, se instaurou uma ideia que colocou um povo superior e seus inferiores.

Dito de outra forma, o idioma espanhol arribou em uma terra que ainda não era conhecida como as Américas em decorrência de um processo que estruturou uma lógica binária que estipulou um lado matriz tido como o cânon e seu o oposto: o bem contra o mal, o amo e o escravo¹⁶, o homem e a mulher. De acordo com Ramón Grosfoguel, quem já abordou amplamente o conceito de colonialidade¹⁷:

O patriarcado europeu e as noções europeias de sexualidade, epistemologia e espiritualidade foram exportadas para o resto do mundo através da expansão colonial, transformadas assim nos critérios hegemônicos que iriam racializar, classificar e patologizar a restante população mundial de acordo com uma hierarquia de raças superiores e inferiores (Grosfoguel, 2008, p. 125).

Portanto, apoiado nisto, é possível pensar que nossas línguas estão mais para paternas do que maternas, sendo que servem para performar uma série de preconceitos ancorados nesse princípio colonizador e androcêntrico. A língua funciona neste sentido, conforme com Gabriel Nascimento (2019, p. 22), como lugar para desenhar projetos de poder. E a partir da linguagem é possível ver com intensidade a problemática ocidental diante das diversidades, uma vez que “o fenômeno mais marcante da inaptidão linguística ocidental diante da diversidade de corpos é a manifestação linguística das diferentes identidades de gênero” (Carvalho, 2022, p. 122).

A principal casa normativa da língua espanhola, a Real Academia Espanhola, que nasceu em 1713 sob o lema de ser uma instituição que “limpa, fixa e dá esplendor”, continua propondo uma gramática que limpa e fixa a língua para que os setores que têm acesso ao aprendizado das suas regras ganhem o esplendor que falar de acordo com suas normas lhes concede. Esta academia, que limpa e fixa, até hoje insiste em perpetuar o projeto de poder que exclui os corpos subalternizados.

Uma das mais claras exclusões na língua que a RAE descreve e promove é o uso da vogal temática masculina de forma genérica. Isto é, se em em uma sala de aula, por exemplo, há um número majoritário de pessoas que preferem ser tratadas no feminino e uma pessoa que

¹⁵ No texto original “la fuerza del orden masculino se descubre en el hecho de que prescinde de cualquier justificación: la visión androcéntrica se impone como neutra y no siente la necesidad de enunciarse en unos discursos capaces de legitimarla”.

¹⁶ “Escravo”, de acordo com a lógica colonial, mas partindo do fato de que na escravidão as pessoas não são inerentemente escravas e sim obrigadas a serem serviçais por meio da força, a palavra mais adequada é “escravizado”.

¹⁷ Entende-se por colonialidade a herança da colonização e suas consequências e impactos na atualidade.

prefere o masculino, a norma estabelece que o correto é usar o masculino para tratar todas as pessoas, o que constata como o patriarcado opera na língua(gem). Esse é um posicionamento que a RAE mantém há vários anos. Em 2005 argumentava que:

El uso genérico del masculino se basa en su condición de término no marcado en la oposición masculino/femenino. Por ello, es incorrecto emplear el femenino para aludir conjuntamente a ambos sexos, con independencia del número de individuos de cada sexo que formen parte del conjunto. Así, los alumnos es la única forma correcta de referirse a un grupo mixto, aunque el número de alumnas sea superior al de alumnos varones (RAE, 2005)¹⁸.

É difícil pensar que uma academia que é financiada por um Estado monarca que tem um histórico de apagamento de povos, culturas e línguas do Sul Global teria um posicionamento mais inclusivo apenas quinze anos depois, na atualidade. O seu último informe sobre o tema publicado em 2020 manifesta de fato uma preocupação diferente sobre o sexismo discursivo, porém, ele evidencia que a pulsão higienista de “limpar” e “fixar” e “dar esplendor” ainda é muito forte, sendo que segue coerente com a lógica binária de gênero da sociedade ocidental moderna, uma vez que não faz menções às subjetividades não binárias, os corpos dissidentes que lutam pelo reconhecimento na vida social, e desmerece as propostas de linguagem inclusiva que visibilizam esses corpos: “el uso de la @ o de las letras «e» y «x» como supuestas marcas de género inclusivo es ajeno a la morfología del español, además de innecesario, pues el masculino gramatical ya cumple esa función (...)” (RAE, 2020).

Trata-se de uma academia que abraça a normatividade e se apoia em conceitos positivistas com o intuito de defender que “*hechos empíricos muestran que los masculinos genéricos no son residuos del patriarcado*¹⁹” (RAE, 2020) ignorando que:

“A língua é uma atividade cognitiva. Pois ela não é simplesmente um instrumento para reproduzir ou representar ideias (pois a língua é muito mais do que um espelho da realidade). A língua é também muito mais do que um veículo de informações. A função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sociohistóricos e permitir que se entendam” (Marcuschi, 2008: 67).

Na contramão, há pelo menos meio século existe uma preocupação com o combate à discriminação de gênero na língua(gem), que partiu dos movimentos feminista e LGBTQIA+, mas que repercutiu em outros setores: na década de 1970 se editavam guias de linguagem não sexista em diferentes países hispânicos (Bengoechea Bartolomé, 2009, p. 4); na década de 1990 Paulo Freire levava em conta as críticas a “uma linguagem machista, portanto discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres” (Freire, 1997, p. 34-35); desde os anos 1970 se escrevia sobre as alternativas inclusivas do gênero gramatical (Meseguer, 1976, 1994); e também desde a década de 1980 diversos organismos como ministérios, governos e universidades de países de língua espanhola têm impulsionado guias de linguagem não sexista ou inclusiva.

Desta maneira, têm havido várias propostas para contrarrestar a discriminação na língua(gem). Já foi proposto o desdobramento de gênero (eles e elas) e o uso do “x” ou o do “@” como marcas de gênero no lugar do masculino “-o”. Porém, mesmo que tenham sido amplamente

¹⁸ O uso genérico do masculino baseia-se em sua condição de termo não marcado na oposição masculino/feminino. Portanto, é incorreto usar o feminino para se referir conjuntamente a ambos os sexos, independentemente do número de indivíduos de cada sexo que façam parte do conjunto. Assim, 'os alunos' é a única forma correta de referir-se a um grupo misto, mesmo que o número de alunas seja superior ao de alunos do sexo masculino.

¹⁹ Os fatos empíricos mostram que os masculinos genéricos não são resquícios do patriarcado.

usados, ficaram aquém do binarismo na língua(gem), pois o desdobramento exclui as identidades não binárias, tendo como referente só dois lados, e “essas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real” e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma auto-naturalização apta e bem-sucedida” (Butler, 2003, p.58). Por sua vez, o “x” e o “@” não são executáveis na oralidade, de forma que só funcionam para serem vistos, portanto as pessoas cegas, por exemplo, ficam excluídas do uso destas duas opções.

Com a chegada do novo milênio, há cada vez mais pessoas que reclamam o direito de serem reconhecidas como indivíduos que não performam identidades de gênero binário (homem/mulher), pelo que a busca por uma marcação de gênero que as deixe mais confortáveis é um assunto que tem estado presente nas discussões sobre o tema. É por isso que, por volta da segunda década do século XXI, se popularizou uma alternativa que marcou uma divisão de águas para o gênero na língua. Se trata do uso de “-e” como marcação de gênero genérica: os pronomes “elle” e “elles”, o artigo “le”, etc., no lugar do masculino “-o”, os pronomes “él” e “ellos”, o artigo “el”, etc., o qual ajuda a contrarrestar a discriminação das pessoas que historicamente têm sido colocadas às margens da compreensão e desconstruir a lógica binária que governa na modernidade.

Dito isto, parece pertinente mencionar que em outras línguas já existem alterações no sistema gramatical com o intuito de incluir um gênero neutro que não deixe de fora as pessoas que não se reconhecem dentro do binarismo. Tal fato ocorreu com o idioma sueco, que em 2015 virou notícia após a inclusão do pronome de gênero neutro “hen” ao Dicionário da Academia Sueca (embora esse pronome tenha surgido na década de 1970 com ativistas dos direitos das mulheres, foi apenas na última década que foi abraçado pela população) (AFP, 2015).

De acordo com Sarmiento Salinas (2019), professor de ELE na Suécia, parece pertinente tomar partido da proposta de uso do “-e” como marcador de gênero em sala de aula. Segundo ele, adotar esta opção, atribuída a Meseguer (1976), seria mais cômodo para os estudantes, os quais já contam em sua língua materna com uma alternativa similar. Em concreto, no artigo “Sexismo y lenguaje”²⁰, do qual parte a proposta de Sarmiento, se menciona que:

El género masculino debe quedar reducido, como es el caso del femenino, a género específico. Como las desinencias en o y en a son, en la mayoría de los casos, las propias del masculino y el femenino, una solución sencilla consiste en asignar la desinencia en e al género común, es decir, a la persona. Así, cuando uno se dirige a un grupo en una conferencia, en una carta circular, etc., podrá comenzar diciendo "queridos amigos". Los trabajadores podrán escribir en sus pancartas reivindicativas "estamos hartos de ser explotados". Los políticos podrán llamar compañeres a sus partidaries. Los progenitores podrán educar a sus hijes más fácilmente en forma no sexista. En los periódicos, los anuncios por palabras solicitarán una cocinere, una abogade o una secretarie. La prohibición de especificar sexo al ofrecer un empleo existe ya por ley en el Reino Unido (Meseguer, 1976).

Do outro lado do atlântico, na América Latina, estas práticas inclusivas não são exclusivas do espanhol, visto que, já há alguns anos os falantes da língua portuguesa assumiram preocupações com a discriminação de gênero na língua, de maneira que “tem pessoas que, ao escrever, usam “a/o” (amiga/o). Outras utilizam “@” (querid@s) ou optam pelo “x” (professorxs) ou pelo “e” (todes)” (Motta, Núñez, 2016, p. 86). Essa preocupação se reflete não somente em

²⁰ O artigo, atribuído a Álvaro García Meseguer (1976), foi consultado em https://www.grijalvo.com/Alvaro_Garcia_Meseguer/Sexismo_y_lenguaje.htm. De acordo com a fonte, o original foi publicado na revista Cambio 16, número 260, em novembro de 1976. Se desconhece a página.

guias para linguagem inclusiva como também em artigos acadêmicos sobre a linguagem e teorizações queer (Freitas, 2015; Ramos Barbosa Filho, 2020; Moita Lopes, 2017; Moita Lopes, 2021; Fabrício, 2019).

Desta maneira, a realização desta investigação põe em discussão um tema vigente e de caráter social e transformador, que munirá os professores de espanhol com ferramentas que permitirão trabalhar junto os discentes, o povo, para uma “educação que lhe [ponha] à disposição meios com os quais [seja] capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica” (Freire, 2011, p. 114).

2.4 A escola normativa

As pessoas LGBTQIA+ quebramos a ordem regulatória que opera na sociedade ocidental moderna, manifestamos desejos e práticas sexuais incongruentes com uma heteronorma que é tida como uma verdade inquebrantável. Essa “verdade” coloca nos margens tudo que não se enquadra nela, ela é reproduzida no cotidiano, às vezes sutil e imperceptivelmente, através de pequenas ações como falas que afirmam e sustentam o binarismo de gênero e a heterossexualidade como norma, e, outras vezes, essa “verdade” é expressada através de discriminação direta contra os que fogem da ordem social: podem ser pequenas ações pejorativas fantasiadas de opiniões e gestos ou grandes ações manifestadas em xingamentos, violência física e até em morte em muitos casos. Diz Judith Butler (2003, p. 39):

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” - isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade.

Nesse sentido, a diferença dos corpos subalternizados, que caminham por uma trilha diferente à que foi-lhes trazada, é muito visível na escola, pois a escola, de acordo com Louro (1997, p. 58), “servindo-se de símbolos e códigos, (...) afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui”. Foi na escola que pela primeira vez eu me enxerguei como um corpo estranho: nomeado estranho pelo outro a partir do momento em que eu manifestei meu rechaço, que com o tempo foi aumentando, ao que me correspondia como sujeito lido como masculino. Diz Guacira Louro (1997, p. 68) de novo:

[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado- os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as.

Assim, a escola, tida como uma instituição disciplinar que serve como instrumento de ideologização, “inclina as pessoas da classe subordinada à submissão e à obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e a controlar” (Silva, 2005, p. 32). Dessa maneira, faz sentido concordar com a ideia de que muitos professores de línguas não estejam comprometidos com uma insurgência que abra espaços para os historicamente silenciados, pois ela precisa que seus docentes sejam defensores das práticas que mantêm o poder concentrado.

A escola, de acordo com Foucault (1987, p. 164), fabrica sujeitos disciplinados, portanto, consequentemente, nela se sustém uma mecânica do poder que “define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (Foucault, 1987, p. 164).

Na escola se forjam as dicotomias porque ela é constituída pelas dicotomias, pela subordinação das diferenças. Os currículos, as leis e políticas educacionais são fortalecidos e produzidos por dualismos: bom/ruim, certo/errado, gramatical/agramatical, existente/inexistente, cisgênero/transgênero, heterossexual/homossexual. Emilia Ferreiro (2001), em referência à escolarização no Sul Global, explica que

La escuela pública, gratuita y obligatoria del siglo XX es heredera de la del siglo pasado, la cual fue encargada de misiones históricas de suma importancia: crear un solo pueblo, una sola nación, liquidando las diferencias entre los ciudadanos, considerados como iguales delante de la ley. La tendencia principal fue equiparar igualdad con homogeneidad. Si los ciudadanos eran iguales delante de la ley, la escuela debía contribuir a generar esos ciudadanos homogeneizando a los niños, independientemente de sus diferencias iniciales²¹.

Desta maneira, a escola, tida como um instrumento de controle da sociedade ocidental moderna, molda e cria cidadãos coerentes com as práticas do poder para reproduzirem a cultura de massa que se traduz em um pensamento único que “socializa as pessoas para se policiarem contra sua própria liberdade” (Shor, 2013, p. 37), isto é, a pedagogia autoritária oprime não só os corpos incompreendidos, ela também oprime os sujeitos inteligíveis pelo poder, uma vez que são estabelecidos limites.

Mesmo as pessoas cis-heterossexuais, que são coerentes com o currículo social aprendido, tem, na escola e na vida social, limites para explorar sua criatividade, expressar suas emoções, exercer seu direito individual de trans-identidade, explorar seus desejos e, portanto, exigir sua liberdade, uma liberdade que muitas vezes desconhecem ou são condicionadas a desconhecer e rejeitar. Guacira Louro (1997, p. 79) diz a respeito que:

É indispensável que nos demos conta de que as preocupações e a vigilância em relação à sexualidade não se restringem às alunas, nem mesmo apenas aos alunos, mas a todas as pessoas (inclusive aos adultos) que convivem na escola.

Assim, em uma sociedade que vive de medos aprendidos e fantasiosos -do fim da família cis-heterossexual, por exemplo, como a sociedade do Brasil, onde propostas de programas contra a discriminação LGBTQIA+ nas escolas desatam terror, como o Escola sem Homofobia²², que inclui materiais didáticos para professores e que um ex presidente do país chamou pejorativamente como “kit gay” durante sua campanha nas eleições presidenciais²³- é esperado que a formação de professores seja controlada, vigiada e disciplinada, que se formem professores incapazes de respeitar e coabitar com a diferença.

²¹ A escola pública, gratuita e obrigatória do século XX é herdeira da do século anterior, que foi incumbida de missões históricas de grande importância: criar um único povo, uma única nação, liquidando as diferenças entre os cidadãos, considerados como iguais perante a lei. A tendência principal foi equiparar igualdade com homogeneidade. Se os cidadãos eram iguais perante a lei, a escola deveria contribuir para gerar esses cidadãos homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferenças iniciais.

²² https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sem_Homofobia

²³ Com a intenção de infundir medo e ganhar votos, o candidato Jair Bolsonaro mentiu ao dizer que o tal do “kit gay” eram um projeto do candidato oposto, como relata o El País no seguinte link: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html

Parece ser por esse motivo que a linguagem inclusiva causa incômodos dentro de instituições que historicamente foram lideradas por protetores das tradições ocidentais. Em Buenos Aires, que é uma das cidades que lidera a discussão sobre a linguagem inclusiva no mundo hispânico, há resoluções aprovadas que proíbem o uso da linguagem não binária em escolas.

Se quer, nesse contexto, um pensamento único na formação de professores, pois o “universo “deste lado da linha” só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética” (Sousa Santos, 2007, p. 71).

2.5 Educação inclusiva: um professorado aliado dos subalternizados

Os estudos *queer* constroem um trabalho mais ambicioso que objetiva fazer uma crítica à oposição heterossexual/homossexual. Eles não têm como foco, propriamente, explorar a opressão de homem ou mulheres homossexuais, pois explorar isso só é possível a partir de uma mudança epistemológica que permita romper com o binarismo que organiza as práticas sociais, as relações e os conhecimentos dos sujeitos na vida social onde a heterossexualidade normativa e “compulsória” (Butler, 2003), é o lado fundador superior e a homossexualidade é o lado derivado inferior. Louro (2001, p. 549) diz a respeito que:

Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse ‘outro’ permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. Numa ótica desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (a heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida como ‘natural’.

Desta maneira, os estudos *queer* estabelecem um novo paradigma que estende as teorizações feministas da hipótese da construção social do gênero para o domínio da identidade sexual (SILVA, 2005, p. 105), isto é, a homossexualidade e a heterossexualidade precisam ser repensadas pelo fato de serem também construções sociais e históricas, as quais se alimentam uma à outra.

A partir disso, Butler (2003) propõe explorar a noção de identidade, pois a sociedade constrói normas regulatórias do sexo dos sujeitos, suas identidades, que precisam ser performadas continuamente, pois nunca nenhum corpo se conforma com essas normas em todo momento da sua vida, portanto, é preciso uma repetição performática dessas normas com a intenção de reafirmar um gênero a partir de um olhar heterossexual e binário. Conseqüentemente, a partir do momento em que a identidade sexual foi tida como um ato performativo, se enfatizou a possibilidade de trânsito entre as fronteiras da mesma: embora as normas regulatórias insistam na heterossexualidade compulsória, há um espaço para os corpos “abjetos” que escapam dessa ordem, pois cruzam as fronteiras e performam identidades que não lhes foram atribuídas e, desta maneira, são tidos como desvios dos corpos que “importam”, os inteligíveis, estabelecendo assim, estes últimos, sua hegemonia.

Porém a teoria *queer* vai além da identidade sexual, diz Silva (2005, p. 107) que o *queer*, neste sentido, se torna:

[...] uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa.

Nesta ordem de ideias, é imperativo pensar como a escola, que funciona como instrumento do poder instaurado, poderia ser um espaço liderado por docentes subversivos que saibam lidar com esses corpos “abjetos”, que ficam por fora do espectro da continuidade regulatória, como as pessoas LGBTQIA+, pois é na escola que temos nossa primeira experiência de vida social. Daí a importância de uma formação docente que abrace os estudos *queer*, já que estes são conformados por um conjunto de teorizações que questionam e abrangem, de forma interseccional, as desigualdades forjadas a partir das diversas identidades: gênero, sexualidade, raça, etnia, etc., uma vez que, sob o olhar *queer*, é preciso entender que os sujeitos são formados por diferentes identidades ao mesmo tempo, sendo que a noção de “gênero”, por sua vez, não é separada “das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (Butler, 2003, p. 20).

O *queer* visa tornar visíveis as violências e os desequilíbrios na sociedade, portanto uma formação de professores de línguas que seja atravessada pelo *queer*, está intimamente ligada ao compromisso de transformar o fazer docente em um processo que permita alcançar a justiça social, que só é possível, de acordo com Zeichner (2008, p. 17), formando professores “determinados a trabalhar dentro e fora de suas salas de aula a fim de mudar as desigualdades tanto no ensino quanto na sociedade como um todo”.

É preciso uma formação engajada no preparo de docentes que aprendam a lidar não só com as diferenças mas com o fato de como estas são produzidas e, em consequência, possam estabelecer diálogos entre cada uma das vozes com a intenção de desconstruir, dentro da sala de aula, a subalternização dos corpos incoerentes com as normas. Uma formação de professores fortalecida pelos estudos *queer*, permite, de acordo com Louro (2001, p. 550), que

A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito.

A partir disso, se mostra promissória a função da língua(gem) dentro desse processo. Mas para entender isso, acho relevante explorar os conceitos e as relações entre língua e linguagem. Fabrício (2017) lembra que até algum tempo nos estudos da linguagem imperou uma visão modernista de língua que, condensada no diagrama saussuriano, se separa da linguagem, estabelecendo então uma ruptura entre “linguagem, signo e mundo social”, quer dizer, era comum pensar na linguagem como uma habilidade de comunicação abstraída e separada do mundo social que se manifesta através de conjuntos de signos denominados línguas. Diz Fabrício (2017, p. 610):

O instrumental linguístico, concebido primordialmente como mediador entre o sujeito pensante e o mundo, não teria outra função que não a de intermediação epistêmica e de representação ou

descrição de objetos –isto é, pensamentos, ideias, estado de coisas e o chamado “real”. O processo seria, sobretudo, mental, desvinculado de corpos e seus pertencimentos geográficos, comunitários, identitários e sociopolíticos.

Porém, parece ser mais pertinente ter a função da linguagem não como um meio para descrever a realidade, e sim como um “fragmento material da realidade” (Bakhtin. Volóchinov, 1997, p. 33) que existe só a partir da interação social e que está composto de significados que se tecem de acordo com a realidade que nos cerca, que não é fixa e está em constante movimento, pois a “temporalidade e espacialidade ordinárias estão sempre em devir, repetindo, mas também negociando ou reinventando formas de ocupar um certo espaço-tempo social” (Fabrício, 2017, p. 611).

É aqui que cobra sentido que a língua(gem) tenha um papel protagônico no processo de desconstrução das normas que regulam nossas vidas, sendo que é a partir da linguagem, da descoberta dos sinais que a compõem, que surgem as identidades. Assim, entendo a linguagem sob o olhar de Hilário Bohn (2005) que, partindo da definição de Bakhtin, a define como uma “produção de sentidos na interação social, portanto, não fixa, mas móvel, não homogênea, mas sempre marcada pela enunciação e portanto afetada pelos traços culturais do entorno social em que se realiza” (BOHN, 2005, p. 19).

Desta maneira, abordar a língua(gem) partindo dessa tese ajudará a argumentar a proposta de incluir um gênero inclusivo ou não binário na língua espanhola como uma prática relevante no contexto da formação de professores desta língua. Desconstruindo as normas “fixas” é possível preparar profissionais comprometidos com levantar questionamentos a tudo que nossas realidades nos mostram como verdades inquebrantáveis e naturais, já que o binarismo na língua deixa os corpos marginalizados “sem nomes” e do lado da inexistência.

É preciso, então, um professorado que tenha presente o caráter transformador que a prática docente carrega como prática social. Desde a Linguística Aplicada é possível provocar discussões que abram passo a transformações que façam do ensino de ELE um lugar mais abrangente, uma vez que a LA é entendida como um campo de estudos meritório e ideológico (Moita Lopes, 2006) que dialoga com teorias que estranham e desnaturalizam os modos tradicionais de produzir conhecimentos na tentativa de compreender nossa contemporaneidade a partir de histórias periféricas e de vozes de sujeitos sociais outros.

SEÇÃO 3

METODOLOGIA

Na medida que o conhecimento existe coletivamente, ninguém pode dizer que tem um saber melhor do que o do outro, ou mais útil ou mais verdadeiro. Ele é igual em todos esses aspectos; difere apenas na complementação. O que o indivíduo sabe não é igual ao que o outro sabe – e nem totalmente diferente – é complementar, como as partes de um quebra-cabeças.

Vilson J. Leffa (2011, p. 8)

Nas seções anteriores fiz uma reflexão sobre os motivos que levantaram as inquietações que originaram esta pesquisa e, por outra parte, coloquei em discussão como a teoria *queer* pode conversar com a educação para fazer dela uma prática mais inclusiva e libertadora e qual é o papel da língua(gem) nessa conversa. O descrito nas seções anteriores me ajudou a alcançar os objetivos traçados nesta pesquisa.

Nesta seção, apresento a metodologia que apliquei no desenvolvimento da pesquisa. Como um dos meus objetivos foi apresentar um manual que detalhasse o uso da linguagem inclusiva e/ou não binária na língua espanhola para que professores de espanhol formados por uma instituição federal do Distrito Federal relataram suas impressões sobre a aplicação do conteúdo do mesmo nas suas aulas, optei por tomar como base uma metodologia qualitativa-interpretativista de cunho etnográfico, pois o “ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (Prodanov, 2013). Por sua vez, acredito que aplicar a modalidade de estudo de caso foi coerente neste processo, sendo que esta pesquisa apelou para formas subjetivas de conhecimento que capturam a compreensão experiencial de um determinado grupo (Simons, 2014).

Também apresentarei os instrumentos que utilizei para a produção de dados: entrevistas, grupo focal e questionários. Consequentemente, explicarei os procedimentos para a coleta de dados e a análise dos mesmos. Por fim, explicitarei os detalhes relativos às considerações éticas, sendo que o comitê da instituição na qual apresentei esta pesquisa precisou fazer uma revisão ética para trabalhar com as pessoas que tiveram o importante papel de participantes desta pesquisa.

Desta maneira, no recorrer desta seção apresentarei e defenderei os princípios epistemológicos e ontológicos que serviram de guia para a realização da pesquisa e as escolhas que fiz referentes ao desenho da investigação.

3.1 Método e natureza da pesquisa

Como já foi dito antes, adotei uma abordagem qualitativa de análise dos dados que foram gerados com os participantes da pesquisa, pois esta abordagem permite ter, de acordo com Chizzotti (2006, p. 28) “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de

pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Desta maneira, a partir do encontro com os participantes, abracei uma perspectiva êmica, que é definida por Fetterman (2010, p. 20) como o coração da etnografia, pois é a percepção interna da realidade do participante dentro do espaço pesquisado, o ambiente online neste caso, o que permitiu compreender e descrever com precisão situações e comportamentos, já que, se bem esta não é uma pesquisa etnográfica, a percepção êmica me permitiu trazer as vozes dos participantes para compreender os significados, valores, crenças e práticas culturais a partir da ótica deles mesmos. Por sua parte, uma perspectiva ética, que é outro elemento da etnografia, me favoreceu para analisar e interpretar os relatos dos participantes a partir de um ponto de vista externo. Dito isso, foi necessário usar estes elementos da etnografia, pois serviram de referências para o trabalho no campo e na análise dos dados.

Por outra parte, a modalidade de estudo de caso se enquadra com o desenho desta pesquisa, pois esta abordagem metodológica permite fazer de um determinado espaço, que é único e delimitado, um território de análise no qual o objetivo é examinar um fenômeno complexo, de acordo com Simons (2014). Esta estratégia permitiu relatar como o contato com os professores influenciou suas próprias práticas, sendo que o meu foco foi dialogar, com o grupo participante, sobre o uso da linguagem inclusiva e/ou não binária na prática de ELE.

Ademais, me pareceu pertinente escolher a modalidade de estudo de caso interventivo, que Faltis (1997) descreve como uma estratégia adotada que estuda quais efeitos têm uma determinada intervenção nos participantes de um caso em uma pesquisa, levando em conta que elaborei e apresentei um manual que mostrava as possibilidades vigentes de inclusão na língua espanhola para o grupo focal, o qual entendo como ações interventivas com o objetivo de estudar de que forma essa intervenção afetou os participantes do grupo.

A fim de garantir autenticidade nas análises desta pesquisa, consegui empreender um trabalho de campo em um contexto didático e interativo: dois encontros com um grupo focal de três professores formados em língua espanhola por uma universidade federal no Distrito Federal do Brasil, nos quais 1) abri uma discussão em torno a um manual sobre as práticas da linguagem inclusiva e/ou não binária no ensino de espanhol como língua estrangeira e 2) que cada participante expusesse suas impressões sobre a aplicação destas práticas inclusivas nas suas aulas.

Desta forma, o trabalho particular com este grupo específico poderá convidar o leitor da pesquisa a relacionar essa particularidade subjetiva com o sistema no qual ela está inserida, de maneira que quem ler o trabalho consiga relacionar os depoimentos destes três professores e o contexto geral no qual foram coletados, o tratamento da linguagem inclusiva e/ou não binária que manejam docentes de ELE formados por uma instituição federal de Brasília. Assim, seguindo os critérios de Stake (1994, p. 141), os leitores podem “experimentar vicariamente esses acontecimentos e tirar conclusões” para que possam se colocar na posição das pessoas entrevistadas, já que suas experiências, perspectivas e significados foram analisados a partir de uma abordagem êmica.

Portanto, entendo que a subjetividade, como definição ontológica, de acordo com González Rey (2005), permite que a sociedade e os indivíduos que a compõem sejam estudados de forma inseparável, de maneira que a realização desta pesquisa consiga dar com sentidos subjetivos que levem a aspectos do funcionamento social.

Nessa mesma linha de pensamento, assumo que a realização desta pesquisa contribuiu para quebrar com os paradigmas que uma vez direcionaram as pesquisas relacionadas com as “sexualidades não-normativas”, que, dominadas por uma pulsão positivista da ciência natural, de acordo com Gamson (2006), ajudavam a “demonstrar empiricamente a ‘normalidade’ do homossexual” (Gamson, 2006, p. 348). Minha intenção é que a partir da experiência única, contextual e histórica com o grupo participante, os resultados do projeto possam conversar com os leitores para que as generalizações sejam feitas em coletivo, sendo que todo conhecimento é socialmente construído.

A partir disso, abracei a advertência de Greenwood (2006, p. 98) sobre a pesquisa social, na qual afirma-se que esta deve assumir uma postura voltada para a sociedade com o fim de “alcançar resultados válidos, realizar uma mudança social útil, e reconectar as universidades à sociedade como um todo”, sendo que as universidades, que historicamente responderam aos interesses das elites, hoje estão atravessando uma crise em decorrência dos novos interesses dessas mesmas elites que se conformam como grupos de poder: é cada vez mais prático e econômico para as grandes corporações criar seus próprios centros de pesquisa, deixando as academias por fora dos seus interesses, quer dizer, as universidades estão cada vez mais fragilizadas e a pesquisa social precisa, então, mudar o paradigma com a intenção de resgatá-la.

É por meio destes pressupostos que encarei esta pesquisa, que visou abrir um debate entre professores de espanhol sobre as alternativas inclusivas na língua espanhola com a intenção de garantir que as pessoas trans, travestis e não binárias possam ser reconhecidas como indivíduos com direito à existência social, à inteligibilidade cultural, com o fim de vencer as normas regulatórias que colocam seus corpos às margens dos corpos que importam, pois:

(...) as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2019, p. 21).

E, desta maneira, a linguagem inclusiva e/ou não binária descreve uma manifestação social que procura mudar uma realidade que afeta as liberdades das pessoas; portanto, eu acho promissório que a Linguística Aplicada atenda essas expressões da sociedade que têm a língua(gem) como centro da discussão, sendo que este campo disciplinar, que visa ter um compromisso real com a sociedade, pode responder às perguntas educacionais pelos novos paradigmas.

3.2 Contexto da pesquisa e participantes

O trabalho de campo da pesquisa foi desenvolvido com a contribuição de três docentes de espanhol que se formaram em uma instituição pública de ensino superior localizada em Brasília em diferentes anos: 2009, 2011 e 2018. Atualmente, eles prestam serviço como professores de espanhol em três ambientes independentes um do outro, sendo estes uma universidade particular, um instituto federal de ensino médio e o outro de forma autônoma através de aulas online. Apesar de que a pesquisa não foi medida por uma instituição, os espaços de trabalho deles foram importantes para que o conteúdo discutido nos nossos encontros fosse aplicado nas suas práticas como docentes de maneira voluntária.

Entrei em contato com eles através de um grupo de Facebook no qual publiquei a motivação da minha pesquisa. Os três profissionais mostraram interesse rapidamente e organizamos os encontros nos quais fiz a coleta de dados.

O locus da pesquisa foi exclusivamente o ambiente online uma vez que este é o ambiente de trabalho dos professores participantes, de maneira que os nossos encontros ocorreram em um espaço que resultava familiar para todos os envolvidos no campo. A continuação, explicarei mais detalhadamente o perfil de cada um dos participantes.

3.3 Descrição de participantes

Os três participantes são professores formados em Letras Espanhol em diferentes anos na mesma instituição e ensinam a língua em diferentes contextos. Vou explicar o contexto detalhado de cada um deles, sem revelar seus dados reais, a continuação:

3.3.1 Participante 1

A primeira participante se percebe como mulher cisgênero, tem 35 anos de idade, é brasileira, reside no Distrito Federal, é professora de espanhol e trabalha com alunos particulares. Fala três línguas, sendo estas português (como língua materna), espanhol e inglês. Fez graduação em Letras Espanhol, se formou em 2009 na instituição pública federal do Distrito Federal que mencionei anteriormente e completou estudos no nível de pós-graduação.

Em seu questionário que respondeu em um momento prévio à entrevista, ela manifestou que tem conhecimento do que significam as siglas LGBTQIA+, a cisgeneridade, a transgeneridade e a não binariedade.

Por outro lado, afirmou que entende o que é a linguagem inclusiva, que não a usa, mas que se sentia preparada para ensiná-la em aula.

Em geral, posso dizer que a participante 1 se mostrou bastante aberta em participar e aprender com a pesquisa, já que sentia, de acordo com ela, que no seu círculo social e de trabalho não havia muito espaço para dialogar sobre os temas que conversamos durante as entrevistas.

3.3.2 Participante 2

O segundo participante se identificou como homem e também como pessoa cisgênero. Ele tem 26 anos, é brasileiro, reside no Distrito Federal do país e trabalha como professor de espanhol em uma instituição particular de nível superior. Se formou em Letras Espanhol em 2018 na mesma universidade que a primeira participante e fala inglês e francês, além de espanhol e português. Igual que a outra participante, ele tem estudos do nível de pós-graduação na mesma universidade que se formou em Letras.

No questionário, respondeu que não sabe o que significam por completo as siglas LGBTQIA+, porém, afirmou saber o significado da transgeneridade, a cisgeneridade e o não binariedade. Contudo, disse que tem conhecimento da linguagem inclusiva mas que não a usa e que não se sente preparado para ensiná-la em sala de aula com seus estudantes.

Este participante parecia bastante aberto a estabelecer um diálogo não só comigo mas com os outros participantes. Também manifestou desejo de aprender sobre o uso e o ensino da linguagem inclusiva participando na pesquisa, assim como também se mostrou interessado em fazer sugestões e conhecimentos significativos que logo acrescentei no manual que apresentei na entrevista.

3.3.3 Participante 3

Este terceiro participante tem 32 anos de idade, se identifica como homem cisgênero, é brasileiro e também reside no Distrito Federal. É professor de espanhol em uma instituição federal de ensino médio em Brasília e foi formado em 2011 na mesma instituição que os outros dois participantes. Faz doutorado em Linguística e além de espanhol e português, fala francês.

Nas suas respostas do questionário, o terceiro participante afirmou que tem conhecimento sobre o significado das siglas LGBTQIA+, sobre a transgeneridade, a cisgeneridade e a não binariedade. Afirmou que sabe como usar e ensinar a linguagem inclusiva em sala de aula.

Em geral, o terceiro participante teve muito interesse em fazer parte da pesquisa participando da entrevista e compartilhando a sua experiência tanto no ensino e quanto no aprendizado da linguagem inclusiva.

3.4 Instrumentos para a produção de dados

A pesquisa de um caso muitas vezes requer, de acordo com Stake (1994, p. 148), uma triangulação de procedimentos que ajuda a reduzir interpretações errôneas da análise de dados; assim, é possível entender a triangulação como um processo de utilização de percepções múltiplas para esclarecer o significado, verificando a repetibilidade de uma observação ou interpretação, mas reconhecendo, ao mesmo tempo, que não há nem se quer perfeição nesse processo, pois não é possível repetir uma observação nem mesmo uma interpretação de forma perfeita; o que a triangulação permite, então, é encarar um fenômeno de diferentes maneiras.

Por isso, escolhi quatro instrumentos que me ajudaram a tratar o fenômeno que estudei nesta pesquisa, sendo estes os seguintes: grupo focal, entrevista semi estruturada, entrevista focalizada e questionários, que podem ser consultados na seção referente aos apêndices.

Como já foi dito antes, o grupo focal foi conformado por professores de espanhol formados no curso de Letras Espanhol de uma universidade federal localizada no Distrito Federal, com estes participantes fiz dois encontros de entrevistas semiestruturadas, definida por Biasoli-Alves (*apud* Rosa, 2006) como uma entrevista aberta que levanta questões gerais que busca que modos de pensar ou agir sobre o tema focalizado na pesquisa sejam expressados.

Ao mesmo tempo, sendo que a entrevista como instrumento objetiva direcionar o pesquisador “para uma dominação geral” (Rosa, 2006) de um determinado tópico na conversa com o participante, acreditei pertinente abraçar outro tipo de entrevista com o fim de garantir mais confiabilidade com as pessoas entrevistadas para produzirmos os dados com maior fluência, sendo esta a entrevista focalizada.

Segundo Rosa (2006) (*apud*, Merton, Fiske e Kendal, 2000, p. 184), a entrevista focalizada é uma entrevista qualitativa onde os entrevistados são expostos a “uma situação concreta onde o entrevistador já terá estudado a situação antecipadamente derivando numa análise de conteúdo sobre os efeitos de determinados aspectos da situação”.

Também, “para Merton, Fiske e Kendal (1946, p. 545) *apud* Valle (2000, p. 184) a Entrevista Focalizada para se obter resultados produtivos deve basear-se em quatro critérios” (ROSA. 2006, p. 48): direção, que permite que os entrevistados respondam livremente; especificidade, que visa conduzir os entrevistados a responderem concretamente; amplitude, que permite indagar mais a partir da gama de respostas que o entrevistado forneça; e profundidade e contexto pessoal, que permitirá conhecer melhor a carga afetiva que têm as respostas dos participantes.

Desta maneira, aproveitando instrumentos vários e variações dos mesmos, foi possível captar respostas confiáveis que me permitiram desenvolver dados para uma análise com maior validade. Assim, a continuação apresentarei os outros instrumentos que usei no campo com os participantes.

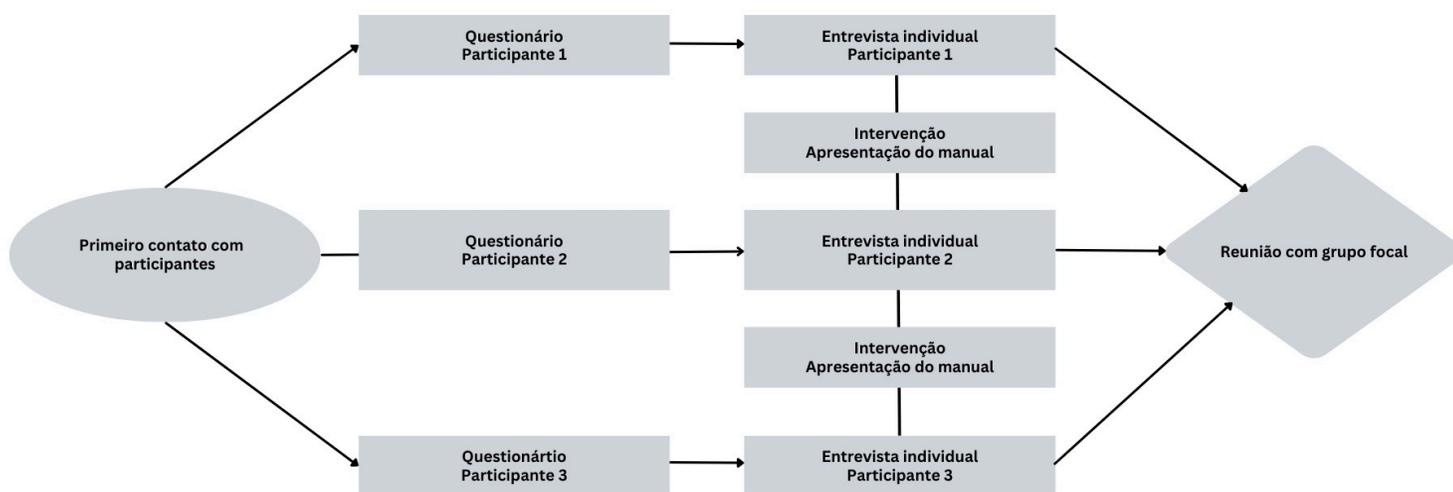
Como a entrevista semi estruturada e focalizada não foi suficiente para obter dados aprofundados, documentar múltiplas perspectivas e experiências e explorar questões contestadas, usei um questionário aberto para conhecer o perfil dos professores participantes, sendo que um dos meus objetivos foi relatar o posicionamento desses docentes com relação às pautas LGBTIQA+ e o uso e conhecimento da linguagem inclusiva e/ou não binária no ensino de ELE.

Por outra parte, com o fim de responder ao meu primeiro objetivo, que visou relatar o conhecimento dos professores da instituição já mencionada sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária, antes e depois da intervenção, tive a intenção de que eles participassem na realização do manual apresentado, de maneira que pudessem acrescentar informação, atividades e sugestões para fazer dele um lugar de consulta que pudesse ser usado em sala com estudantes.

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

Como mencionei anteriormente, para realizar a coleta de dados precisei de quatro instrumentos: questionários, entrevistas semi-estruturadas, entrevistas focalizadas e grupo focal. A coleta foi feita da seguinte maneira: 1) pedi para os participantes que respondessem o questionário; 2) realizei uma entrevista individual com cada um deles, na qual apresentei o manual da linguagem inclusiva e/ou não binária; e 3) convoquei o grupo focal para realizarmos uma entrevista grupal. Na seguinte figura é possível ver em detalhe o procedimento.

Figura 1. Procedimentos para a coleta de dados.



Fonte: o autor.

Para começar, com a intenção de alcançar os meus objetivos, antes de realizar a reunião individual com cada um dos participantes, pedi que preenchessem um questionário composto por perguntas fechadas e abertas sobre seus compromissos com as pautas da comunidade LGBTQIA+ e seus conhecimentos sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária. Suas respostas me ajudaram a constatar se há engajamento social na prática docente dos profissionais, pois entendo que os professores de línguas somos agentes sociais que podemos ter a responsabilidade de nos comprometermos com uma transformação da sociedade que visa vencer a educação bancária, que se limita, de acordo com Paulo Freire (1987), a fazer depósitos de conhecimentos e a domesticar e a padronizar as pessoas para que atuem de determinada forma, o que estabelece, portanto, uma relação distante entre os educadores e os educandos.

O questionário foi feito através de formulários da plataforma Google, o qual fornece a opção de criar questões de maneira online só precisando um email, de maneira que tivesse dados mais pontuais e individuais com cada um dos participantes.

Depois de que cada um dos participantes responderam o questionário, tivemos o primeiro encontro com eles, que teve o objetivo de ver qual é o conhecimento que eles tinham sobre as alternativas inclusivas e/ou não binárias na língua espanhola e fazer a intervenção que consistiu na apresentação do manual. Nesse encontro, feito por meio da plataforma Zoom, os participantes descreveram e relataram suas opiniões e experiências sobre as formas que servem para expressar a diversidade das identidades de gênero através da linguagem não binária, de maneira que ficou

registrado como eles abordavam as questões relacionadas ao tópico antes e depois da “intervenção” do caso.

A apresentação do manual não só serviu para mostrar a proposta da linguagem inclusiva e/ou não binária no espanhol, mas também para dialogar sobre a importância social que ela tem para as pessoas trans, travestis e não binárias, portanto abordamos questões pertinentes as categorias de gênero e sexo existentes na sociedade que vivemos com a intenção de destacarmos que o Brasil, de acordo com a *Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)*, é o país onde essas pessoas são mais assassinadas no mundo.

A apresentação do manual foi feita no meio da reunião individual com cada um dos participantes. Através da plataforma, compartilhei a tela e mostrei o documento do manual em um pdf que elaborei com as ferramentas do site de design Canvas, com o intuito de que eles levassem e refletissem sobre o conteúdo do mesmo para que, na reunião em grupo, pudessem expressar como esta intervenção impactou as suas práticas docentes.

Eu comecei a elaborar o manual em março de 2023, pouco antes da reunião com a participante 1. Porém, mesmo achando que havia finalizado ele, os participantes 2 e 3 me sugeriram que acrescentasse atividades que estimulassem os professores para trabalharem com estudantes em sala de aula, o qual descrevo mais detalhadamente na seção da análise. Portanto, embora o manual fosse feito por mim, os participantes acrescentaram ideias que me ajudaram a finalizar o produto, de maneira que posso afirmar que o resultado final foi uma construção em coletiva.

A partir de perguntas semi-estruturadas e focalizadas, consegui captar suas impressões sobre o tema e incentivá-los que refletissem sobre as alternativas inclusivas na língua espanhola usadas no ensino de ELE, com o fim de que o estudantado aprenda a empregá-las não só quando pertinentes (dialogando com pessoas trans não binárias) mas também nos cotidianos, sendo que as alternativas existem para desconstruirmos o que é tido como natural no mundo e que limita nossas capacidades de nos relacionarmos em comunidade. Suas impressões foram narrativas valiosas para a realização da análise.

Finalizada a primeira parte da coleta de dados, o questionário e a entrevista individual com cada um dos participantes, convoquei os participantes para o encontro em grupo. No segundo encontro dialoguei sobre suas experiências com a linguagem inclusiva e/ou não binária nas suas práticas de ensino de ELE depois da intervenção, que aconteceu dois meses depois.

Desta maneira, seus relatos foram valorizados como narrativas, levando em conta que “contar uma história está frequentemente associado a estudos de caso” (Simons, 2014), pois a história como ferramenta “é uma estrutura útil tanto para a coleta de dados quanto para a comunicação dos resultados dos estudos de caso” (Simons, 2014).

Consequentemente, essas histórias, suas narrativas, me ajudaram a mostrar o contexto subjetivo dos participantes e a entender de que lugar vêm o que foi dito, o que possibilitou o acesso às suas crenças, emoções, identidades e motivações, pois, “as narrativas (escritas, orais e

visuais) são um poderoso instrumento que nos dão a possibilidade de refletir e de ressignificar nossas histórias” (Barcelos, 2018, p. 35).

No segundo encontro comentamos de novo o manual já revisado no início (no primeiro encontro individual) e os professores puderam expressar se foi possível, ou não, aplicar o conteúdo do mesmo nas suas aulas, isto é, as alternativas da linguagem inclusiva e/ou não binária e suas justificações sociais. Penso que abordar de novo o manual conseguiu mostrar se houve, ou não houve, alguma mudança nas abordagens relativas às marcas de gênero na língua espanhola.

É importante mencionar que devido à pandemia da Covid-19 que se instaurou no mundo desde 2020, acreditei importante que os dois encontros com os professores participantes fossem na modalidade online, não só por causa do distanciamento social, que enquanto a pandemia existia era importante mantê-lo na medida do possível, mas também porque os encontros virtuais, por meio de plataformas como Zoom, podem ser proveitosos para o registro dos dados.

Portanto, convoquei os participantes para fazermos os dois encontros de forma online, pois provavelmente esta modalidade, como já foi dito, é um ambiente familiarizado, uma vez que, desde que a pandemia começou, grande parte dos professores têm dado muitas das suas aulas de espanhol e de outras línguas de maneira online. O ambiente, o das plataformas digitais, foi aproveitado como o ambiente natural dos professores participantes, o que me ajudou na instalação do vínculo de confiabilidade entre eu e eles, já que selecionar corretamente o lugar, o momento e os meios proporciona aos entrevistados “condições de privacidade e tranquilidade no momento de realização da Entrevista” (Rosa, 2006, p. 100).

Além disso, o formato digital me permitiu registrar os dados por meio de gravações, o qual resulta ser um procedimento muito comum nas pesquisas qualitativas.

Destaco que se bem que eu tinha pensado fazer as duas reuniões para realizar as entrevistas com todos os participantes juntos, no final preferi fazer a primeira reunião com cada um deles de maneira individual antes de juntar os três professores. Depois, na segunda reunião virtual, juntei todos para que respondessem algumas perguntas de novo sobre as suas impressões e experiências depois da intervenção (a apresentação do manual) que tiveram no primeiro encontro individual.

3.5.1 Acerca das entrevistas e contatos individuais com os participantes

A primeira que fez a entrevista individual foi a participante 1, foi feita no dia 17 de março de 2023. Nessa entrevista, ela respondeu várias questões sobre os conhecimentos da linguagem não binária e o que aprendeu sobre o tema na instituição onde se formou. Também apresentei o manual e comentei suas impressões sobre o mesmo. A reunião foi documentada através da plataforma de videoconferências Zoom e teve uma duração de 54 minutos.

Depois aconteceu o mesmo esquema com o participante 2 no dia 06 de abril de 2023. Respondeu às perguntas do questionário e logo tivemos a reunião pelo Zoom. Fiz algumas perguntas pertinentes ao tema, no caso o ensino e aprendizado da linguagem inclusiva, e depois o

vimos juntos o mesmo manual que mostrei para a participante anterior. A reunião terminou depois de 45 minutos de entrevista.

O último contato individual foi com o participante 3 e teve o mesmo processo realizado no dia 19 de abril de 2023: o questionário e a entrevista com a mesma estrutura e perguntas que as outras duas, na qual o professor pôde expressar suas impressões antes e depois da apresentação do manual da linguagem inclusiva. A reunião pelo Zoom teve a duração de 30 minutos.

3.5.2 Acerca da entrevista com grupo focal

A intenção era juntar os três participantes em uma reunião virtual pelo Zoom para que narrassem suas experiências depois de ter tido o acesso ao manual que apresentei na primeira entrevista. No entanto, só dois deles conseguiram participar. O participante 3 se ausentou por motivos pessoais, porém se mostrou muito prestativo durante o processo inteiro. Esta reunião teve a duração de 45 minutos e aconteceu no dia 18 de abril e ambos professores relataram os movimentos que aconteceram após a intervenção do primeiro encontro.

Todos esses dados coletados foram de tamanha importância para a realização da pesquisa, já que eles contribuíram para que eu pudesse criar diálogos entre suas narrativas, as minhas, as das vozes da literatura referente ao tema.

3.6 Procedimentos para a análise dos dados

Depois de que a coleta de dados foi finalizada, de acordo com as informações que proporcionei no apartado anterior, fiz a análise dos mesmos. Para analisar esse dados abracei a ideia de fazer uma análise de conteúdo, a qual entendo sob o olhar de Rosana Hoffman Câmara (2013), quem, de acordo com Laurence Bardin (2011), lembra que esta técnica de tratamento dos dados é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Portanto, para a análise dos dados segui o esquema que as autoras recomendam: três fases da Análise de Conteúdo, que são 1) a pré-análise, 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

A primeira fase, a pré-análise, serviu para organizar os dados. As autoras entendem esta fase como “um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise, a escolha deles, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material” (Câmara, 2013). Desta maneira, fiz transcrições das entrevistas dos três encontros individuais e o encontro grupal com os participantes, o qual se tornou o corpus da minha pesquisa, assim como o questionário respondido por cada um deles.

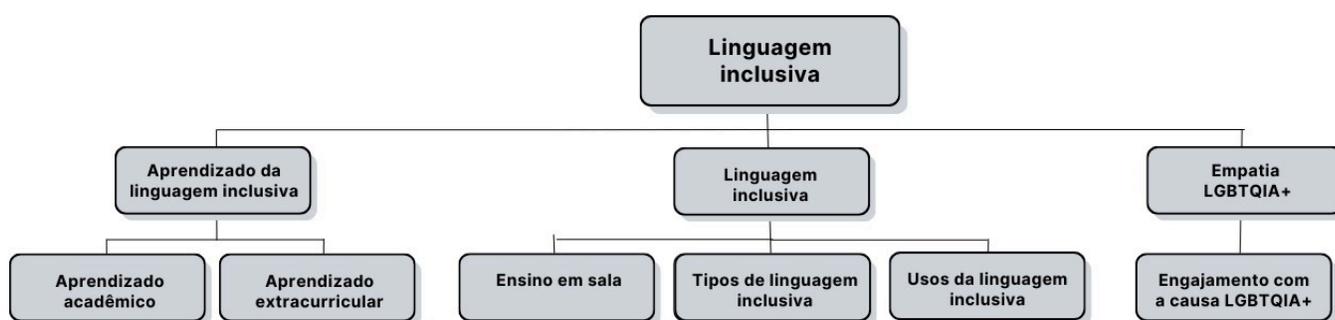
Para isso obedeci as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade que Câmara (2013) adverte para a seleção dos dados, ou seja,

procurei não omitir nada do que foi falado nas entrevistas e garantir que a amostra representasse o universo da pesquisa, que os documentos se adaptassem ao conteúdo e objetivo e que os elementos não se classificassem em mais de uma categoria. Desta maneira, que tudo que os participantes disseram, as narrativas, o material que apresentarei e as suas respostas no questionário foi de suma importância.

Depois de transcrever as entrevistas e de fazer uma leitura flutuante das mesmas, iniciei a segunda fase, a fase da exploração do material, onde escolhi as categorias de codificação, que Bodgan e Biklen (1994) definem como um meio de classificar os dados para agrupá-los por tópicos, de maneira que possam ser identificados e separados uns dados de outros que representem outra temática. Para isso, usei as ferramentas da plataforma Atlas.ti, a qual contribuiu para que o processamento dos dados qualitativos fosse mais automatizado, já que esta fornece um gerenciador de documentos que facilita a seleção indutiva dos dados que logo separei por categorias.

As categorias, que começaram a aparecer inclusive antes desta fase -durante a coleta de dados- foram compostas pelas falas e as respostas dos questionários dos professores participantes; as quais estão, na íntegra, identificadas por títulos referentes à temática organizadas em quadros matriciais. As definições das categorias obedecem a, seguindo o postulado por Bardin (2011, *apud* Câmara, 2013), conceitos definidos no referencial teórico e foram fundamentadas nas falas relacionadas aos tópicos das mesmas. A figura 2 expressa a categorização.

Figura 2. Categorias.

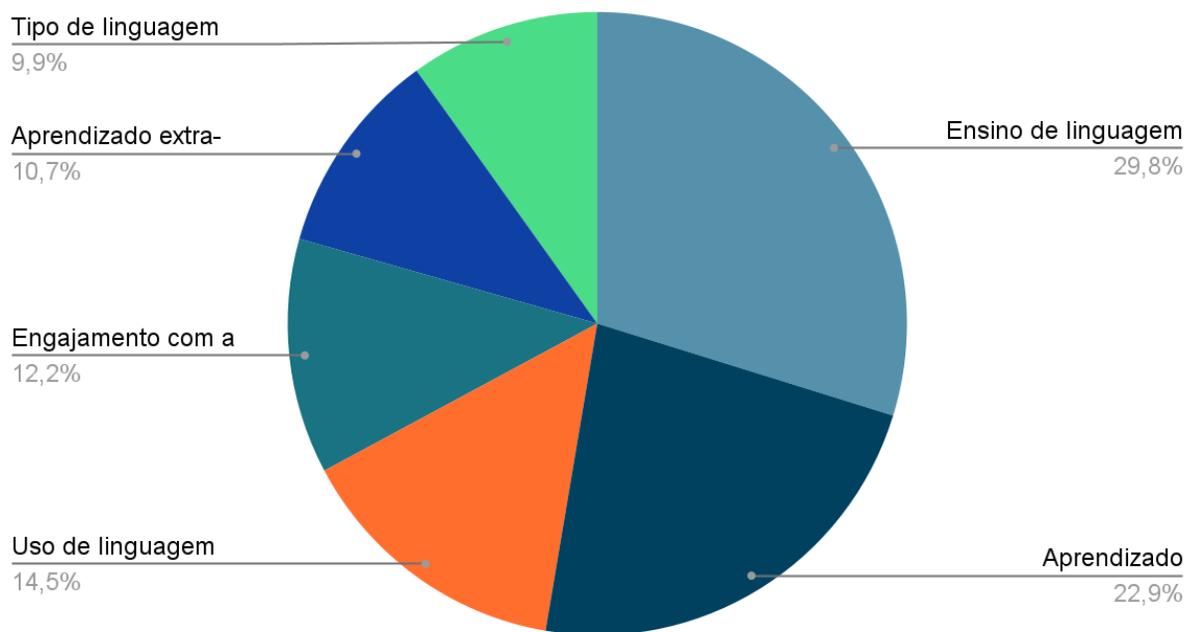


Fonte: o autor.

As categorias surgiram com o intuito de descrever de onde vem o aprendizado que cada participante tem sobre a linguagem inclusiva: se foi aprendido no curso de graduação, em algum outro ambiente acadêmico ou em um espaço extracurricular. Da mesma maneira, procurei explorar qual é o conhecimento que cada participante maneja sobre a linguagem inclusiva, se a usa, se já a ensinou em sala de aula e qual é o seu compromisso com as causas LGBTQIA+.

Foram codificadas 131 citações distribuídas em 6 subcategorias identificadas nos dados obtidos nas entrevistas, tanto nas reuniões individuais quanto na reunião com o grupo focal. A figura 3 mostra como foram distribuídas as citações em cada uma das subcategorias.

Figura 3. Subcategorias: citações.



Fonte: o autor.

Após organizar o material por categorias surgidas a partir de conceitos relacionados à teoria, empreendi a terceira fase da análise, o tratamento dos resultados: inferência e interpretação, na qual procurei tornar os resultados significativos e válidos a partir de inferências e interpretações relacionadas com o que há por trás do que os participantes disseram nas respostas contidas nos resultados dos dados. Câmara (2014, p. 188) diz a respeito:

Calcado nos resultados brutos, o pesquisador procurara torná-los significativos e válidos. Esta interpretação deverá ir além do conteúdo manifesto dos documentos, pois, interessa ao pesquisador o conteúdo latente, o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido.

Para fazer o processo de inferência na minha pesquisa, me inclinei pelas recomendações de Gomes (2009, *apud* Bauer, 2002), quem diz que para isso, é preciso passar da dimensão sintática, quer dizer, o “como algo é dito”, a exemplo de palavras, vocabulário e estilo, à dimensão semântica, que seria “o que é dito”, a exemplo de temas e avaliações.

Portanto, neste processo eu procurei deduzir de forma lógica o conteúdo já em análise, mantendo uma postura êmica e ao mesmo tempo ética, pois, de acordo com Fetterman (2010), no trabalho etnográfico, também é fundamental estudar determinado fenômeno a partir de uma perspectiva externa, social e científica da realidade.

Por outra parte, abraço a noção de “interpretação” que Gomes (2009) maneja, pois me parece coerente pensar no ato de interpretar os dados como uma busca de sentidos de falas e ações com a intenção de alcançar uma compreensão ou explicação além do que é descrito e analisado com o auxílio da fundamentação teórica adotada, cujo alcance é possível quando se tem uma síntese entre “as questões da pesquisa; os resultados obtidos a partir da análise do material coletado; as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada” (Gomes, 2009, p. 91).

Para que a interpretação na minha pesquisa fosse possível, e assim concluir a análise, me apoiei ainda nos caminhos que este último autor recomenda: leitura do material selecionado, exploração do material e elaboração da síntese interpretativa de uma realidade social, de forma que a estrutura metodológica tenha a devida rigorosidade que toda interpretação em pesquisas das

ciências sociais devem ter para que os leitores possam vivenciar uma experiência vicária mais rica.

3.7 Considerações ética

Como mencionei antes, os participantes desta pesquisa foram professores de espanhol formados por uma determinada instituição federal localizada no Distrito Federal do Brasil, especificamente os professores que se formaram em diferentes anos deste século que exercem a docência em diversos espaços, de maneira que este trabalho não teve ligação com nenhuma instituição em si.

Como trabalhei com pessoas, precisei submeter meu projeto no CEP-CONEP, formado pela Conep (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e pelos CEP (Comitês de Ética em Pesquisa), pelo qual optei para que o Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília faça a revisão ética do mesmo. Portanto, precisei disponibilizar uma documentação necessária através da ferramenta eletrônica chamada Plataforma Brasil, a qual me outorgou a aprovação do projeto e pode ser consultado através do número de processo 67850122.0.0000.5540.

Da mesma forma, os participantes assinaram o termo de consentimento no qual constava que seus nomes não seriam revelados e seriam substituídos pelos pseudônimos participante 1, participante 2 e participante 3.

Ao final do trabalho de pesquisa: a) **elaborei** um manual de linguagem inclusiva para que professores e futuros professores de ELE possam consultá-lo e se sintam mais confiantes ante a uma situação de sexismo, discriminação linguística de gênero não só nas salas de aula, mas também na vida; b) **esbocei** uma reflexão em torno do uso da linguagem inclusiva no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira que manejam os professores participantes e como estes se posicionam à respeito; e, também c) **descrevi** o perfil deste professorado e seu posicionamento com relação às pautas LGBTQIA+.

3.8 Cronograma

Considerando os objetivos propostos e a discussão dos problemas apresentados até o momento, apresento o cronograma no qual realizei a condução da pesquisa no quadro 1:

Quadro 1. ATIVIDADES PERÍODO (ANO/SEMESTRE)

Atividades	1º ano
Revisão bibliográfica	1º semestre
Disciplinas	1º e 2º semestre

Qualificação	Final do 2º Semestre
Atividades	2º ano
Coleta e seleção de dados	3º semestre
Análise preliminar dos dados	3º semestre
Elaboração de duas seções da dissertação	3º semestre
Revisão e análise dos dados	3º semestre
Redação provisória	3º semestre
Discussão dos resultados	4º semestre
Conclusão do projeto	4º semestre
Elaboração da versão final da dissertação	4º semestre
Defesa da dissertação	Final do 4º semestre

SEÇÃO 4

ANÁLISE DE DADOS

Na seção anterior, descrevi o método e a natureza da pesquisa, o contexto, os participantes, os instrumentos para a produção de dados, os procedimentos para a coleta dos mesmos e o processo da análise que empreguei.

Como foi visto, esta pesquisa contou com diferentes instrumentos para a produção e coleta de dados com os quais obtive um volume em condições confiáveis. Como foram apenas três professores que contribuíram na condição de participantes, os dados de cada um deles foram de tamanha importância, já que acredito que três é um número suficiente de vozes para alcançar os objetivos traçados neste projeto e responder as perguntas que serviram de sul²⁴ para a realização do mesmo.

Esta seção apresenta a análise de dados produzidos por meio dos instrumentos acima mencionados. Tratando-se este projeto de um estudo de caso interventivo, apresentarei e descreverei os dois momentos do caso. Sendo a apresentação do manual do espanhol inclusivo²⁵ o ponto máximo da intervenção, buscarei relatar quais foram as principais narrativas e reflexões tanto antes quanto depois da mesma, de maneira que seja possível observar as diferenças entre os dois momentos que vivenciaram os participantes durante a pesquisa com o intuito de alcançar uma generalização que permita que “as vozes das pessoas; e detalhes suficientes de tempo, lugar e contexto (possam) fornecer uma experiência vicária que ajude os leitores a discernir o que é semelhante e diferente de seu próprio contexto” (Stake, 1978, *apud* Simons, 2014, p. 460).

Como as primeiras três reuniões foram individuais com cada um dos participantes, analisarei nesta seção, de forma cronológica e por separado, os dados obtidos e categorizados em cada uma das reuniões com o intuito de descrever o primeiro contato que os participantes tiveram com o manual e qual era a situação em que eles se encontravam em relação aos conhecimentos e as capacidades implicadas na linguagem inclusiva e/ou não binária antes da apresentação do mesmo.

Esta análise foi feita a partir de inferências e interpretações (Gomes, 2009) que permitem deduzir o conteúdo de forma lógica para alcançar sentidos e uma compreensão e explicação além do que é descrito nas citações analisadas. Desta maneira, poderá ser possível que o processo de leitura da pesquisa seja uma experiência ainda mais vicária, que Stake (1994) entende como a capacidade que os leitores ganham para compreender e sentir as situações descritas no estudo de caso não através de uma experiência pessoal direta, mas sim através da narrativa e interpretação oferecidas pelo pesquisador; o seja, os leitores podem se colocar no lugar dos envolvidos no estudo de caso e obter uma compreensão mais profunda, embora indireta, das experiências e conclusões apresentadas.

²⁴ A modo de desconstrução decolonial, apropriado a significação da palavra norte e a transfiro para a palavra sul, já que o norte não tem por que ser a meta nas nossas vidas colonizadas.

²⁵ O manual se encontra nos apêndices.

4.1 Primeiro contato com participantes

A continuação, analisarei os dados obtidos antes da intervenção que aconteceu em cada um dos encontros com os participantes, começando pelo que entendo como as narrativas (BARCELOS, 2015) da participante 1, seguindo com as do participante 2 e terminando com as do participante 3, para depois analisar os dados obtidos na reunião com o grupo focal após a intervenção do caso.

Com o intuito de alcançar os objetivos desta pesquisa, decidi empreender uma análise que ajude a responder o seguinte:

- Quais conhecimentos a respeito da linguagem inclusiva os participantes dominam?
- Qual é a origem destes conhecimentos?
- Como é o compromisso que os participantes têm com as causas LGBTQIA+ na sua prática como docentes de espanhol?

A linguagem inclusiva e/ou não binária no idioma espanhol, como expliquei na seção de fundamentação teórica, é possível defini-la como um conjunto de alternativas que procuram questionar as normas que historicamente usamos para representar os gêneros na língua. Isto quer dizer que, desde há algumas décadas, algumas comunidades de falantes têm proposto diversas alternativas à tradição com motivo de vencer a discriminação, o binarismo e a colonialidade que opera nas sociedades hispânicas que são produzidas através da língua e refletidas nela mesma.

É a partir desta diversidade de alternativas inclusivas que tentarei descrever o conhecimento que os participantes demonstraram ter com relação à linguagem inclusiva e/ou não binária no espanhol antes da apresentação do manual.

4.1.1 Primeiro contato e encontro com a participante 1

Apresento o seguinte quadro a modo de resumir, separar e classificar por categorias os dados analisados logo abaixo. No seu interior exponho 1) de onde vem o conhecimento que a participante 1 tem com relação à LI, 2) o que sabe sobre a LI e 3) qual é o seu compromisso com as causas LGBTQIA+.

Quadro 2: - Reunião com participante 1

Aprendizagem de LI	Linguagem inclusiva	Empatia LGBTQIA+
<p>Aprendizado acadêmico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não aprendeu nada sobre a LI nos estudos universitários. Começou seus estudos de Letras Espanhol em 2005 e, de acordo com ela, a discussão não havia entrado no seu espaço acadêmico. 	<p>Tipos de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uso de palavras genéricas e coletivas como “a humanidade” ou “as pessoas” no lugar de dizer “o homem”. • Uso de -e como vogal temática. • @ como vogal temática. • O problema de desdobrar é que fica cansativo. • [A LI com -e] parece até francês. • Ela tem dúvidas sobre como é tratada esta discussão em outros países da América Latina e acredita que o Peru é muito conservador para tratar esta pauta. 	<p>Engajamento com as causas LGBTQIA+</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ela considera que a discussão tem que ser feita nas universidades para que chegue aos estudantes e aos professores. • Entende que a LI existe para dar visibilidade a um grupo de pessoas invisibilizadas. • Disse que todos os participantes deveriam aprender sobre a LI sem obrigação. • Acredita que este tipo de discussão dentro das universidades faz com que se desarticule a RAE como principal referente da língua espanhola.
<p>Aprendizado extracurricular</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ela acompanha a discussão na Argentina. 	<p>Usos de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem dúvidas sobre se a LI atual é ideal. • O uso do @ com vogal temática é problemático para incluir na oralidade. • Tem dificuldades para usar a LI. • Ela não usaria para tratar todas as pessoas, só as pessoas não binárias. 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Ela acredita que não é para substituir as marcações de gênero binárias pelas marcações de gênero não binárias da LI. • Ela entende que a LI ainda não se concretizou. 	
	<p>Ensino em aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se sente preparada para ensinar sobre LI. • Ela disse que não conseguiu chegar aos estudantes com os quais poderia se sentir à vontade para abrir esta discussão em aula. • O cenário de polarização atual no Brasil faz com que a professora se sinta desconfortável em tratar este tópico por medo de ficar sem estudantes que paguem por seu serviço autônomo. 	

A professora relatou que tem conhecimento de várias formas para evitar a linguagem androcêntrica que privilegia os homens; o uso de palavras genéricas e coletivas como “a humanidade” ou “as pessoas” no lugar de dizer “o homem”.

Ela afirma: “Usar as pessoas, o ser humano, em vez de falar as mulheres e os homens” (PARTICIPANTE 1) é uma forma de linguagem inclusiva na língua espanhola.

Por outro lado, como foi mencionado antes, outras formas além da mencionada acima pela participante 1 têm sido popularizadas na última década do século em curso. É o caso do uso da vogal temática -e, que busca quebrar não só com o masculino genérico mas também com a binariedade na língua e na vida social, pois é “uma alteração consciente na morfologia de gênero

e do paradigma [que] é motivada por questões identitárias: por uma manifestação que inclua não só homens e mulheres, mas também pessoas não binárias” (Cavalcante, 2020).

A participante 1 disse a respeito dessa proposta de linguagem inclusiva e/ou não binária que conhece “a mudança, por -e ou a não denominação de gênero” (PARTICIPANTE 1), de maneira que antes da apresentação do manual ela afirma ter uma noção significativa desta proposta.

Da mesma maneira, ela refletiu que:

Se a (linguagem inclusiva) que tem hoje em dia é a ideal ou não, não sei dizer, porque existem muitas discussões a respeito de, por exemplo, usar o arroba, porque o arroba não tem som, não tem como pronunciar, então você colocar o arroba no lugar de uma letra não está passando mensagem nenhuma, na verdade (PARTICIPANTE 1).

O que evidencia que há outras alternativas que tornam a língua um espaço mais inclusivo que fazem parte do conhecimento da participante. O uso do arroba (@) é usado também para vencer o masculino genérico, porém, como foi explicado na seção teórica, é um símbolo que não faz parte do alfabeto hispânico, além de dar uma ideia binária, já que o arroba busca representar as vogais temáticas -a e -o do feminino e do masculino na língua espanhola, o que deixa por fora da representatividade às pessoas trans não binárias; e a participante 1 parece demonstrar que tem noção disso.

No entanto, a professora comenta que, apesar de ter esses conhecimentos, tem dificuldades para lembrar como seriam aplicadas estas linguagens inclusivas na língua em uso: “O problema é que eu não lembro qual seria, nem no português, nem no espanhol” (PARTICIPANTE 1), já que ela, que começou a universidade de Letras Espanhol em 2005, não teve nenhuma discussão a respeito na sua formação acadêmica, no entanto, outros debates como as cotas raciais já existiam no seu ambiente acadêmico.

Em 2005 a discussão sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária se centrava, de forma geral, no questionamento do masculino como genérico em detrimento do apagamento do feminino. No artigo *Conflito de regras e dominância de gênero*, Raquel Meister Ko. Freitag (2022) recapitula projetos de lei que buscaram a visibilização linguística das mulheres durante os primeiros anos do século em curso. Na época, a Câmara do Congresso Federal discutia a utilização, na legislação e documentos oficiais, de vocábulos do gênero masculino apenas para referir-se a homens e vocábulos do gênero feminino para referir-se às mulheres: projetos de lei como 4.610/2001, 6.653/2009 e 3.756/2015 visavam desmasculinizar documentos, redações de normas internas, editais de concursos públicos e outros espaços institucionais, porém, nenhum sem sucesso. Por sua parte, em 2005 foi apresentado um PL que se tornou a lei 12.605 sete anos depois, em 2012, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff; esta lei “determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear a profissão ou o grau em diplomas” (Freitag, 2022).

Desta maneira, é possível entender a forma como a discussão sobre a linguagem inclusiva era abordada na época, sendo que, mesmo latente em espaços de poder, não questionava de maneira generalizada o binarismo na língua(gem) e era focada na visibilização da mulher.

Portanto, entendo que este cenário pode ter contribuído para que a participante 1 não tivesse esta discussão na sua formação acadêmica como professora de ELE.

Neste sentido, ela acredita que a discussão “tem que ser feita nas universidades para elas chegarem até as salas de aula, nas salas dos professores” (PARTICIPANTE 1).

Sob outro enfoque, a participante 1 entende que a linguagem inclusiva e/ou não binária é usada com o intuito de abranger as pessoas que não se identificam com as normas tradicionais de gênero na sociedade ocidental moderna, já que “Quando a gente pensa nessa linguagem, a gente está pensando nas pessoas que precisam dela (...); você dá visibilidade a um grupo de pessoas que eram invisibilizadas” (PARTICIPANTE 1).

Todavia, a participante 1 afirma que não usaria a linguagem inclusiva e/ou não binária, referindo-se ao uso da vogal temática -e, para falar com todas as pessoas; quer dizer, ela demonstra ter preferência para usá-la com pessoas trans não binária e não como um substituto do masculino genérico ou do feminino: “Eu não usaria para falar com todo mundo (...). [Usaria] Para abarcar as pessoas não binárias, eu acho” (PARTICIPANTE 1).

De acordo com o que ela explicitou, é possível interpretar que há algum desejo de mudança no discurso, mas sem apagar outras identidades no processo, pois, “para não substituir uma coisa por outra (PARTICIPANTE 1)”, ela acredita que é preciso que se incluam todas as pessoas no ato de fala com formas como “olá a todos, todas e todes (PARTICIPANTE 1)”.

A partir desta observação, é possível pensar nas variações de uso do gênero no binário na língua. Silvia Cavalcante (2022) chama a atenção sobre a relativa produtividade que este fenômeno carrega apesar de que existe no nível da consciência. Assim como a participante 1 usa a linguagem inclusiva e/ou não binária para diferenciar o masculino, o feminino e o não binário, há quem a usa, de acordo com Cavalcante (2022), como uma forma de substituir o masculino “genérico” com apenas “todes” para falar com todo mundo, como uma forma de neutralizar os gêneros. Apesar de que os 39 exemplos que a autora divulga no artigo são referentes à língua portuguesa, os mesmos servem para demonstrar que a linguagem inclusiva e/ou não binária está sujeita “à variação como qualquer outra forma na língua” (Cavalcante, 2022, p. 91).

Já com relação ao ensino da linguagem inclusiva e/ou não binária em sala de aula, a participante 1 manifestou no questionário que se sente preparada para trabalhar este tópico; e na entrevista relatou que considera o ensino de línguas no Brasil muito conservador, pois é dependente dos manuais didáticos que, na sua opinião, são também conservadores. Porém, ela gostaria de conseguir incluir o tópico nas aulas, pois acredita que “todos deveriam” (PARTICIPANTE 1) aprender sobre o assunto desde que ninguém se sinta obrigado.

Nos últimos anos, o Brasil tem atravessado momentos no quais o conservadorismo é manifestado em muitos espaços da sociedade, e as línguas são tidas como lugares para produzir essas manifestações. Em uma análise sobre vários projetos de lei no Congresso Nacional que buscam proibir a linguagem neutra na língua portuguesa no Brasil, Fábio Ramos Barbosa Filho (2020) diz que no país há um fascismo linguístico consequência do fascismo que tem se

instaurado nos últimos anos na política e na vida social, o qual “lê qualquer gesto de reivindicação do reconhecimento à diferença como uma tentativa de destruição de *nós*” (Barbosa Filho, 2022, p. 157).

Esse cenário, relata a participante 1, a deixa “com medo de abordar temas que abordava com muita tranquilidade antigamente”. Ela acredita que o ensino de línguas estrangeira no Brasil é muito elitizado, e mesmo considerando o espanhol menos conservador, o ensino desta língua se limita muitas vezes a fins relacionados ao mercado de trabalho, sem uma abordagem “cultural e complexa como deveria” (PARTICIPANTE 1).

Me parece importante destacar que o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, elitizado na opinião da participante 1, tem sido atravessado pela maquinaria que o neoliberalismo exerce sobre o trabalho no mundo na atualidade, uma vez que o trabalhador é colocado em um lugar de prestador de serviço. Desta maneira, o corpo docente é cada vez mais empurrado para o trabalho autônomo, no qual os direitos trabalhistas conquistados no passado têm sido cada vez mais reduzidos. Moita Lopes (2021, p. 35) diz:

De modo contrastante, grande parte da população do mundo (incluindo grandes contingentes das populações LGBTI+) tem de se virar para viver segundo princípios econômicos orientados pela austeridade de regulações econômicas neoliberais, que se tornaram um mantra contemporâneo, apesar dos problemas dramáticos que estão surgindo em muitas partes do globo.

A uberização²⁶ do trabalho docente é, então, uma realidade que faz com que o estudantado se torne um cliente que guia o serviço que o professorado lhe presta. Portanto, é possível entender que as limitações da participante 1 para abrir a discussão da LI nas suas aulas se relacionam com a precarização do seu trabalho, sendo que o medo que ela sente não só se deve ao confronto com alguém ideologicamente contrário à discussão, mas também à perder o cliente e seu sustento. Entendo, então, a falta de liberdade de cátedra como uma consequência da precarização do trabalho da docente.

Por outra parte, a participante 1 destaca a origem colonizadora das nossas línguas, portanto a norma gramatical que se tem hoje, no espanhol, por exemplo, “é racista, é elitista (...) porque ela é feita por esta população desconsiderando as outras”, então “ter este tipo de discussão dentro das universidades é também um pouco quebrar esse paradigma de que a RAE está acima de Deus. Está acima do bem e do mal”.

Mas mesmo nesse cenário de medos, a professora afirma que é necessário que esta discussão exista, pois “tem muito caminho, porque é uma bolha muito pequenininha que não rompe as barreiras da universidade. Ela fica dentro da universidade. E quando você sai de lá e você vai para a iniciativa privada, são poucas empresas que aceitam essa expressão de gênero. Então, a pessoa talvez tenha que dar uma mudadinha quando vai para o mercado de trabalho” (PARTICIPANTE 1). Portanto, “ainda tem muito a caminhar até [a linguagem inclusiva] se concretizar” (PARTICIPANTE 1).

²⁶ Entendo a uberização como um modelo de trabalho precarizado criado a partir de plataformas digitais como Uber, que opera como uma mediadora entre o cliente e o prestador de serviço sem se responsabilizar por direitos como convênios, acesso a seguros, proteção a riscos no trabalho e vínculo empregatício.

Com isto é possível entender que, apesar das vontades de se aproximar a discussão de maneira profissional, a participante 1 está inserida em um contexto no qual suas condições de trabalho, que são impactadas pela dinâmica do neoliberalismo, fazem com que a relação com seus estudantes se transforme cada vez mais em uma relação comercializada entre prestador de serviço e cliente, o qual torna mais difícil a liberdade para ensinar e debater sobre diversos tópicos em aula. Neste sentido, e ainda sem ter passado por uma formação específica sobre a discussão, é compreensível que tenha que dar uma “mudadinha” para não perder sua fonte de renda.

4.1.2 Primeiro contato com o participante 2

Quadro 3: Reunião com participante 2

Aprendizagem de LI	Linguagem inclusiva	Empatia LGBTQIA+
<p>Aprendizado acadêmico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não aprendeu nada sobre a LI na universidade. <p>Aprendizado extracurricular</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tudo que sabe sobre a LI aprendeu em porque procurou na Internet. 	<p>Tipos de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhece o uso do @ como marcação de gênero. • Tem conhecimentos sobre -e como marcação de gênero não binária. • Conhece o uso do desdobramento de gênero e a barra oblíqua. • Acredita que no inglês há mais divulgação sobre o tema. 	<p>Engajamento com as causas LGBTQIA+</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acredita que a LI é importante para incluir outros sujeitos nos atos de fala. • Conhece parcialmente o significado das siglas LGBTQIA+.
	<p>Usos de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não usa a LI. 	
	<p>Ensino de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não se sente preparado para ensinar a LI. • Acredita que não deve ser obrigatório o ensino da LI. • Já teve estudantes que perguntaram sobre o tema e não soube 	

	<p>responder por não ter as ferramentas.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Acredita que é importante que os professores tenham ferramentas apropriadas para que possam cobrir as demandas dos estudantes. 	
--	---	--

O participante 2 relatou no questionário que respondeu antes da primeira reunião que não usa a linguagem inclusiva e/ou não binária em espanhol e que não se sente preparado para ensiná-la. Porém, afirmou ter alguns conhecimentos a respeito.

Trocar a vogal temática do masculino genérico por @ ou por uma marcação de gênero não binária como o -e de “todes” são uns dos tipos de linguagem inclusiva que o participante 2 disse conhecer: “Eu acho que essa de trocar, né? As vogais temáticas, os morfemas, né? Enfim, por um arroba, por um e, e basicamente essas. Mas isso. Do inglês a gente tem mais conhecimento, né?” (PARTICIPANTE 2).

Da mesma forma, ele comenta que tem conhecimento do desdobramento de gênero e do uso da barra oblíqua, os quais são utilizados para incluir os gêneros binários no ato de fala. No entanto, ele relata que não gosta dessas formas porque “muitos professores, muita gente, inclusive, já se comentou que dá uma quebra no texto, né? No ritmo do texto. Essa ruptura, né? Com a barra” (PARTICIPANTE 2).

O uso e problematização destas formas tem sido objeto de análises em diversas agendas científicas da área (Schwindt, 2020; Borba e Medeiros, 2021; Bentes, 2022; para citar alguns). Sobre o caso do desdobramento binário de gênero, Schwindt (2020, p. 15) aponta:

esse tipo de construção pode encontrar alguma limitação pragmática, sobretudo na fala, que tende a ser mais econômica do que a escrita por razões possivelmente relacionadas à memória. Violar, contudo, o pressuposto de economia, combinado ao ordenamento do feminino antes do masculino, parece ser justamente o que está em jogo para se alcançar o objetivo de inclusão nesse uso.

Desta maneira, entendo o desconforto que o participante 2 manifesta sobre esta forma de LI, já que, ainda que sua intenção seja perverter as normas (a violação da economia e do masculino genérico), corta com o fluxo da comunicação. Porém, ao meu ver, considero que o que mais está em jogo neste contexto não é necessariamente algo relacionado à economia e sim a ausência da representatividade de outras identidades que não se enquadram no paradigma tradicional de gênero binário.

Mesmo não usando, ele acredita que a linguagem inclusiva e/ou não binária seja “importante para a gente tentar incorporar outros sujeitos também, nos atos de fala”

(PARTICIPANTE 2) e “para tentar fazer o outro pertencer ao diálogo, ao discurso, à comunicação, à interação, abranger mais público”.

Também, mesmo considerando relevante estar informado sobre o tema, ele entende que ter estes conhecimentos não deve ser obrigatório para nenhum docente:

Eu acho que a pessoa deveria buscar como forma de complementação pedagógica, talvez, né? Não sei se deveríamos dizer deveria, como deve, é obrigatório, né? Enfim, já começamos mal, porque ninguém é obrigado a nada, na verdade. Eu acho que aquelas pessoas que se interessam e têm uma demanda, acho que sim poderiam buscar o conhecimento, buscar formas de complementação pedagógica e se surgir dúvidas também, se o material tiver disponível na internet, material bom, acessível, ou inclusive a venda também por um preço justo, por que não, né? Mas eu acho que deve ser livre, né? (PARTICIPANTE 1).

Por outro lado, ele afirma que teve dificuldades em alguns momentos para trabalhar com a linguagem inclusiva em sala de aula, não por falta de interesse mas por falta de preparo.

Muitos alunos, enquanto eu fui professor substituto de língua espanhola [em uma instituição federal de ensino superior no Distrito Federal], muitos alunos do Línguas Estrangeiras Aplicadas à Multilinguismo da Sociedade da Informação, sentiam essa necessidade, porque muitos se caracterizavam, se identificavam como não binários, pessoas que precisavam usar esses termos, esses tipos de linguagem, e bom, eu não tinha conhecimento (PARTICIPANTE 2).

Ao mesmo tempo, ele disse que já teve estudantes que se interessaram pelo tema mesmo não sendo pessoas trans não binárias, e, da mesma forma, demonstra que não teve as ferramentas para explicar de forma mais aprofundada. Ele diz:

Eu tenho alunos particulares que eles trabalham com leis, né? Trabalham no âmbito judiciário, enfim, no âmbito escolar, e eles precisam saber também, precisam ter esse conhecimento, né? Então, esses alunos também acabam, esporadicamente, citando, enfim, mas não se aprofundam muito, mas eles citam, né? Perguntam, ah, como se falaria isso em espanhol? E eu costumo dizer que é bem parecido com o português, né? A gente tem muitas semelhanças, inclusive essa, né? (PARTICIPANTE 2).

O conhecimento que o participante tem a respeito deste tópico foi adquirido, de acordo com ele, através da Internet por demanda dos estudantes.

Busquei na internet e o que havia eram pequenas sugestões e algumas dicas. Não havia um estudo mais aprofundado e um material mais condensado, mais embasado cientificamente, talvez eu possa dizer assim, com mais teoria. Então, sentia muito essa carência, essa necessidade, porque o meu público me pedia (PARTICIPANTE 2).

De maneira que, igual que a participante 1, o participante 2 não teve acesso às discussões sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária na sua formação em Letras Espanhol. Quer dizer que, mesmo havendo nove anos de diferença entre as formaturas de cada participante, não houve espaço acadêmico para isto. Porém, ele disse que o debate estava presente no recinto universitário não motivado pelo corpo docente mas pelos próprios estudantes: “O próprio corpo estudantil decente, que escolheu tratar sobre isso e preencheu um pouco dessa carência, talvez, né? Mas na formação específica, não tivemos nada sobre isso” (PARTICIPANTE 2).

Assim sendo, ele acredita que “os alunos, que são os personagens principais, os atores do processo de ciência e aprendizagem, eles demandam isso, então é importante que a gente, como professores, tenhamos essas ferramentas e saibamos como trabalhá-las em sala de aula, né? Porque a gente tá dando aula não é pra gente, é pro outro, e se o outro nos pede, nós tem essa demanda, então é realmente importante que a gente saiba como direcionar e saiba como tratar isso em sala de aula também” (PARTICIPANTE 2).

4.1.3 Primeiro contato com o participante 3

Quadro 4: Reunião com participante 3

Aprendizagem de LI	Linguagem inclusiva	Empatia LGBTQIA+
<p>Aprendizado acadêmico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não teve informação referente à LI na suas aulas na universidade. <p>Aprendizado extracurricular</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendeu sobre a LI nos manuais de redação que usava para a correção de textos. • Aprendeu acompanhando o debate de países hispano-americanos como Argentina, Uruguai e Chile. 	<p>Tipos de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhece o uso de -e como vogal temática não binária. • Acredita que a discussão sobre a LI é mais comum em países como Argentina, Uruguai e Chile do que no Brasil. 	<p>Engajamento com as causas LGBTQIA+</p> <ul style="list-style-type: none"> • Disse que a LI é justificada porque representa pessoas historicamente marginalizadas. • Considera que é problemático que docentes de ELE não saibam trabalhar com a LI em aula sendo que isto faz parte da língua em uso. • Disse que a LI é uma inovação.
	<p>Usos de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Disse que a LI é usada para garantir dignidade de grupos vulnerabilizados historicamente. <p>Ensino de LI</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se sente preparado para trabalhar em aula com a LI. • Teve dificuldades para encontrar materiais de apoio da LI. • Tem que produzir seus próprios materiais de LI. • Acredita que o ensino 	

	<p>da LI tem que ser em uma ambiente de controle.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Disse que faz o esforço de implementar o ensino da LI. 	
--	--	--

A partir das suas intervenções, é possível observar que o participante 3 tem alguns conhecimentos relacionados à linguagem inclusiva e/ou não binária que não só impactam as vidas das pessoas LGBTQIA+. Ele lembrou que, de acordo com os manuais de redação que usava na correção de textos, uma das formas da linguagem inclusiva que conhece é a substituição de termos complexos por palavras de maior compreensão, de maneira que a linguagem seja acessível para mais pessoas e “garantir por meio da linguagem o acesso aos direitos” (PARTICIPANTE 3).

Se referindo à linguagem não binária, o participante afirmou que a mudança das vogais temáticas tradicionais por marcações de gênero que desafiam a dominação masculina e binária é justificável na medida em que uma comunidade historicamente marginalizada é representada na sociedade e na língua.

a partir do momento que tem um grupo social, em termos linguísticos, uma comunidade de falas que não se sente representada pelo paradigma, seja ele desinência de gênero, seja a classe dos pronomes, possessivos e tal, e propõe a ampliação desses paradigmas para que essa comunidade de falas se sinta representada também a nível de língua, eu acho que aí justifica a mudança (PARTICIPANTE 3).

Simplesmente para aquelas pessoas que não se identificam com o status, vamos dizer assim, atual da língua, não vou dizer status atual, mas o paradigma tradicional de marcação de gênero, por exemplo, nos nomes, nas classes nominais, acho que serve para que esses sujeitos se sintam representados também no âmbito da linguagem (PARTICIPANTE 3).

No questionário respondido antes da reunião online, o participante 3 respondeu que se sente preparado para trabalhar com este tópico em sala de aula com seus estudantes, porém, na entrevista contou que já teve dificuldades para encontrar materiais didáticos que trabalhem com a linguagem inclusiva e/ou não binária na língua espanhola, pois os materiais “antigos, de 2022, se tiver um muito específico, mas os generalistas, tanto o manual didático dessas grandes editoras, se tiver, ele não tem” (PARTICIPANTE 3).

Diante desse cenário, ele relatou que tem que produzir seus próprios materiais para trabalhar com estudantes do ensino médio, já que dois deles se identificam como pessoas trans. Então o conteúdo que se tem para implementar estas discussões nas aulas vem da vontade e motivação dos professores: “com material didático específico, que trabalhe esse tipo de linguagem, é o professor que tem que produzir” (PARTICIPANTE 3).

O participante 3 disse ter se formado em 2011 em Letras Espanhol, então entende que para a época o debate da linguagem inclusiva ainda não estava tão evidente nas discussões

acadêmicas. De maneira que o que ele aprendeu sobre este tópico foi em outros espaços extra acadêmicos.

De acompanhar a rede social, os debates, me parece, por exemplo, que o uso dessas marcas, vamos dizer assim, da linguagem inclusiva em relação a gênero e outras formas, é muito mais forte em alguns países hispanos, não todos, aprendi com a Argentina, Uruguai, Chile, é muito mais do que no Brasil (PARTICIPANTE 3).

Porém, ele crê importante que a formação de professores de língua espanhol contemple estes tópicos, já que “se o futuro professor de línguas não sabe trabalhar com isso, acho que aí tem um problema, como é que se trabalha a língua em uso, porque a língua em uso está mudando” (PARTICIPANTE 3), portanto, ele entende que a discussão deve estar nos espaços acadêmicos: “tem que ser generalizado no curso em vários ambientes, várias disciplinas, vários espaços, não só no ambiente formal, mas também na formação continuada, na extensão”.

Para o participante 3, o uso da linguagem inclusiva e/ou não binária é “um bom exercício de respeito, de garantir a identidade” (PARTICIPANTE 3), o que demonstra o seu compromisso com mudanças sociais que permitam uma educação mais abrangente e atualizada com as demandas da população estudantil.

Desta maneira, é possível ver que tanto nas observações do participante 3 quanto às dos outros dois participantes há não só um interesse por saber mais sobre o tema, mas também uma ausência de conteúdo que auxilie os professores com as suas práticas de ensino, ao mesmo tempo que um comprometimento social para que os espaços de aprendizado de espanhol sejam seguros para garantir a dignidade de todas as pessoas envolvidas no processo.

4.2 Sobre a intervenção

A intervenção aconteceu no meio de cada reunião individual com os participantes. Como disse na seção metodológica, apresentei o manual em formato pdf através da plataforma Zoom, mostrei as partes dele que, no momento, eram a capa, o índice, a introdução, um glossário de conceitos relevantes, uma justificativa do uso da LI, uma lista de opções de LI e umas palavras finais.

Com a participante 1 a intervenção foi mais silenciosa da parte dela, pois dedicou o tempo a me escutar explicando o manual e suas partes, principalmente a lista de opções de LI que foi a que expliquei com mais detalhe. Porém, às vezes o que não é dito ou pouco pode ser igual de valioso para a análise dos dados.

Gostaria de trazer alguns dados que falam mais sobre as dúvidas e os juízos que a participante 1 tem sobre a LI. Falando do desdobramento de gênero como opção de LI, a participante afirmou que lhe parece muito cansativo. Eu entendo que falar “alunos e alunas” o tempo inteiro resulte pouco econômico para a comunicação, além de ser binário, o qual deixa por fora identidades que escapam dessa lógica. Porém, esta opção tem sido muito relevante para visibilizar as mulheres em uma sociedade historicamente patriarcal.

Já no momento do manual no qual falava sobre o uso de -e como morfema não binário, a participante 1 fez uma pequena intervenção para dizer que “parece até francês” (PARTICIPANTE

1). Portanto, sendo esta sua primeira reação sobre a vogal temática, acredito que é possível interpretar que ela está pouco familiarizada com o uso desta opção de LI.

Por outra parte, das poucas intervenções que a participante 1 fez durante a apresentação do manual, ela disse que acompanha a discussão sobre a LI em países como a Argentina mas desconhece como é o tema em outros países e pensa que outros lugares são muito conservadores: “eu acho o Peru muito conservador” (PARTICIPANTE 1). Dito isto, acho importante trazer alguns dados sobre como o Peru e suas instituições tratam a LI e a diversidade de gênero: desde 2007, a *Ley de igualdad de oportunidades entre mujeres y hombres* estabelece a incorporação e a promoção da linguagem inclusiva na comunicação escrita do governo, o qual incentivou produções de materiais como o guia de LI para uso em contextos governamentais elaborado em 2013 (Cuba, 2021). Entretanto, na contramão desse cenário, até o momento há uma ausência de leis de identidade de gênero no país (CONACOD, 2019) e tem havido grupos anti direitos que insistem em impedir que a diversidade avance: é o que aconteceu com a reforma do currículo escolar que o Ministério da Educação do Peru fez em 2016, que foi impugnada em 2017 ante a Corte Superior da Justiça de Lima por organizações tradicionalistas porque tinha como foco incorporar a igualdade de gênero e a diversidade no ensino básico (CIDH, 2020, p. 96).

Por sua vez, o participante 2, como foi dito anteriormente, logo no início da apresentação do manual, fez mais intervenções.

No primeiro momento, quando eu mostrava o glossário de termos do guia de LI e/ou não binária, o participante disse sobre a sigla LGBTQIA+ que conhece só parcialmente o significado dos termos do guarda-chuva da diversidade: “as primeiras. Depois acho que já fica mais difícil” (Participante, 2). E é que historicamente as siglas que dão nome à comunidade têm mudado de acordo com o debate e os entendimentos sobre as identidades conforme contextos culturais e históricos (Quinalha, 2022). Muitas foram as formas que já ocuparam o lugar da sigla atual: GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), GLT (gays, lésbicas e travestis), GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis), LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis) e outras que contêm “+” como recurso para expressar o caráter indeterminado e de constante mudança que os termos carregam, já que as identidades nomeadas nas siglas estão abertas à uma construção permanente na medida em que é desafiada a estrutura heteronormativa e binária herdada da sociedade ocidental moderna.

Dito isto, veremos mais termos identitários aparecendo na chamada “sopinha de letras”, e enquanto este debate não entrar ativamente na formação de docentes de ELE, é possível que o professorado tenha dificuldades para acompanhar as mudanças semânticas e epistemológicas da diversidade sexual e de gênero.

Por outra parte, o participante 3 fez intervenções durante a apresentação do manual para sugerir incorporar atividades didáticas no mesmo, de maneira que o professorado possa colocar o tema em debate nas aulas: “uma sequência, para além do guia, do uso, né, uma sequência didática para o professor trabalhar ali, já diria” (Participante 3). Por sua vez, o participante 2 interveio para sugerir o mesmo: “(...) propor interações, conversa, discute com o colega, em grupo, em

classe aberta, por que não, qual é a opinião, o que vocês opinam, né, trazer esses temas de gerar debate” (Participante 2).

Assim, como a pesquisa, posso afirmar que o manual foi uma construção em conjunto com os participantes, já que inclui atividades depois que recebi suas sugestões.

4.3 Contato com participantes após a intervenção

Depois de que os participantes ofereceram suas narrativas sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária em espanhol foi possível descrever seus conhecimentos, suas lacunas, suas motivações e até seus medos para tratar o assunto em aula.

Entendo a apresentação do manual de um ensino inclusivo de ELE que aconteceu no primeiro encontro com cada participante como uma intervenção do caso, a partir da qual eles puderam expressar como foram tocados por esse conhecimento, de maneira que o “objetivo metodológico (deste caso) é explicar o comportamento e significados que se tem após a intervenção” (Faltis, 1997, p. 148).

Após a intervenção, os participantes se encontraram comigo em uma reunião virtual em grupo na qual se estendeu a discussão que iniciamos no encontro com cada um deles. O foco desta vez se centrou nas seguintes questões, o qual contribuiu para a formação das três categorias e subcategorias que mencionei anteriormente:

- O que os participantes conseguiram refletir após ter acesso ao manual da linguagem inclusiva e/ou não binária em espanhol?
- O que mudou com relação ao uso da linguagem inclusiva em sala de aula?

Como mencionei na seção metodológica, nesta reunião participaram os participantes 1 e 2, pois o participante 3 não conseguiu fazer parte do grupo. Portanto, gostaria de começar analisando alguns dos dados coletados na reunião individual com este último participante, os quais se relacionam com as primeiras impressões que ele teve no momento depois da intervenção.

Depois que ele teve o primeiro acesso ao manual, durante a reunião, mostrou interesse no uso do mesmo nas suas práticas docentes, já que a população das suas aulas é conformada por pessoas que “estão fazendo as transições [de gênero] cada vez mais cedo” (Participante 3) e esta “é uma inovação que a gente está fazendo esforço de implementar” que, por se tratar de uma “novidade”, ele acredita que o uso da linguagem não binária “tem que ser no ambiente de controle, no sentido que eu tenho que controlar o uso, porque eu não uso desde sempre”.

Dito isto, entendo que, mesmo motivado em abrir a discussão, o participante demonstra que carece de uma formação docente com perspectiva *queer* ou *cuir* que possibilite que este tipo de conteúdo seja discutido em aula, já que a linguagem inclusiva e/ou não binária em espanhol não é necessariamente uma inovação se entendermos a sua existência na sociedade desde a década de 1970 (Meseguer, 1976); desta maneira, é compreensível que se tenha que estar “fazendo esforço” para implementar em um “ambiente de controle”.

Por outro lado, ele afirma que resulta restrito levar esta discussão às universidades e ao ambiente de trabalho, já que se trata de espaços conformados por pessoas de gerações anteriores.

Da reunião com o grupo surgiram dados complementares que me ajudaram a descrever as diferenças entre os dois momentos da coleta de dados: antes e depois da intervenção.

O participante 2 narrou que depois do nosso primeiro encontro refletiu sobre usar a linguagem inclusiva nas suas atividades como professor na universidade particular na qual trabalha. Inclusive, ele relatou que tentou usar “queridos” nos comandos escritos das atividades para os estudantes, porém, as autoridades da faculdade pediram para ele não usar mais porque aquilo poderia causar problemas com os estudantes, uma vez que já tinha acontecido algo similar no passado.

Eu coloquei, inclusive, nos comandos das atividades, porque como é um curso que eu estou trabalhando, educação à distância, né? Então eu tenho que colocar um comando, explicar. Então eu estava escrevendo, querida, querido, queridos estudantes, né? Enfim, professores em formação, porque eu estou dando aulas para professores em formação. Mas pelo que eu recebi de feedback, inclusive, foi que não era para utilizar. Enfim, era aconselhável, me sugeriram que não utilizasse, porque no semestre passado, e anos passados, houve muita discussão sobre isso, e parece que alguns alunos estavam relutantes, não queriam esse tipo de linguagem (PARTICIPANTE 2).

Entendo esta ação como uma censura institucional. A partir do momento em que a universidade dita modos comunicativos que agradam mais os defensores das tradições coloniais e ocidentais, como a linguagem binária de gênero, e sugere o professor de não usar práticas que desconstroem os saberes tradicionais, esta está usando seu poder institucional para censurar conhecimentos produzido por grupos historicamente vulnerabilizados.

As instituições de ensino que conhecemos hoje foram legadas pela sociedade ocidental moderna, o que fez com que se demarcarem os limites que a lógica binária estabelece sobre nossos corpos. Neste caso, o participante 2 foi silenciado por uma universidade particular que forma profissionais da docência, de maneira que, por muito que a experiência dele tenha sido única, é possível imaginar que a dita instituição quer se manter longe de questionamentos à tradição dado que o alunado da mesma é tido como cliente; portanto, a liberdade de cátedra, mais uma vez, é controlada.

É preciso, então, uma docência que questione estes espaços estruturados. De acordo com Foucault (1988), sob o olhar de Lopes Louro (20XX, p. 40), “a resistência — ou melhor, “a multiplicidade de pontos de resistência” — seria inerente ao exercício do poder”, de maneira que a transformação das estruturas hegemônicas, refletidas e produzidas pela língua(gem), é possível em resistência.

Por sua vez, a participante 1 relatou que tem desejos de implementar a linguagem inclusiva e/ou não binária nas suas aulas, porém, limitada às aulas com estudantes particulares, pensa que é difícil já que estas são voltadas aos interesses dos alunos.

Eu queria conseguir usar em sala de aula, só que eu estou trabalhando com aulas particulares agora. E como as aulas normalmente são direcionadas aos interesses dos alunos, ainda não surgiu oportunidade de trabalhar, mas eu estou tentando ver como eu vou conseguir colocar quando eu vejo que o perfil do aluno dá para fazer isso, né? (PARTICIPANTE 1).

O participante 2 disse que, por outro lado, não achou necessário usar a linguagem inclusiva e/ou não binária nas suas aulas particulares porque nenhuma das suas estudantes se identifica com marcações de gêneros diferentes das binárias tradicionais.

as minhas aulas particulares também, as pessoas... Não houve essa necessidade de utilizar a linguagem neutra, porque elas têm, ou seja, a maneira de tratar no feminino, que são mais alunas, né? E um aluno também que eu tenho, mas enfim. E bom, é isso. Não tive a oportunidade ainda (PARTICIPANTE 2).

Desta maneira, é possível observar que tanto antes da intervenção quanto depois da mesma, os participantes consideram que estas práticas inclusivas são principalmente necessárias para tratar com pessoas não binárias e não para substituir o paradigma tradicional da língua espanhola: os morfemas que se referem às mulheres e aos homens e o masculino genérico no discurso.

A participante 1 continua acreditando que a informação sobre a linguagem inclusiva é ainda pouco divulgada no ensino de línguas, o qual não só contribui com a dificuldade do professor levar este tema à aula, mas também com a desinformação dos estudantes, de maneira que, em função deste desconhecimento, eles não se sintam confortáveis para ter este tipo de discussões nas aulas de ELE.

E a gente tenta levar a informação e não consegue, porque as pessoas não querem ouvir. A informação dessa linguagem não é para você, que é menino e que é menina, sabe? É para quem não se considera menino e menina. Mas as pessoas não querem, elas não estão dispostas agora. Eu não acho que isso vai ser para sempre. Eu acho que as pessoas mudam (PARTICIPANTE 1).

Isto demonstra que ainda há medos por parte dos participantes em inserir este conhecimento em sala de aula, pois eles acreditam que podem perder o trabalho, já que, como mencionado anteriormente, ambos trabalham no ensino particular e é possível compreender esses espaços como fontes de lucro, o qual coloca os debates políticos em segundo plano no contexto atual, já que a polarização atravessa a população brasileira em diversos cenários.

O participante 2 descreve que “o país está bem dividido. São armas, são ferramentas que as pessoas usam. Qualquer detalhezinho, qualquer lisa, já indica que é tal, tal, tal, ou tal, tal, tal”, de maneira que eles acreditam esta discussão se concentra mais limitadamente no campo do ensino público superior. A participante 1 diz ao respeito:

eu acho que as universidades públicas têm mais abertura para trabalhar isso, mas ao mesmo tempo, por mais que a gente tenha professores muito progressistas, pelo menos na [na universidade], a maioria é progressista, a gente tem professores antigos, né, os professores demoram muitos anos a se aposentar, e aí para os professores terem acesso a esse material, normalmente é um aluno novo que está vindo fazer uma pesquisa, e aí esse professor tem que partir dele, achar isso legal para conseguir levar isso para a sala de aula, e eu não acho que é um processo tão simples (PARTICIPANTE 1).

No segundo encontro, depois da intervenção, mesmo tocados pelo tema e com vontades de levar este conhecimento para as aulas de ELE, os participantes continuaram manifestando medos de sensibilizar ideologicamente os alunos, que no caso são ao mesmo tempo clientes. Portanto, entendo que abrir uma discussão como esta no contexto deles, pode colocar em risco sua fonte de renda, sendo que os espaços nos quais eles ensinam ELE, são impactados pelas práticas do mercado neoliberal como já mencionei anteriormente.

Por outra parte, eles colocaram o cenário político atual do Brasil na discussão, já que em 2022 o país atravessou uma eleição estreitamente disputada entre dois candidatos, na qual o atual presidente conseguiu vencer apenas com 1,8 % a mais, e levantar discussões que envolvem direitos LGBTQIA+ é se posicionar de um lado da polarização, sendo que o outro lado é conhecido por demonizar a diversidade²⁷.

A gente está em 2023. Em 2013, 10, 9 anos atrás, eu ia dizer, falaria tranquilamente em sala de aula sem nenhum problema. Por mais que alguns alunos fossem se chocar, ia ser legal mostrar para eles a experiência. Então, estou falando de 10, 9 anos atrás, outra coisa. Só que a gente está no Brasil num momento muito delicado, numa polarização muito grande, em que outros aspectos acabaram virando uma polarização política. Outros aspectos que não eram para ser, necessariamente, viraram esses dois lados da balança. Então, virou, quem apoia fulaninho não pode aceitar a linguagem não binária (PARTICIPANTE 1).

Por sua vez, os professores participantes relataram que depois da nossa discussão no primeiro encontro se sentiram incentivados a perguntar os pronomes para os estudantes que chegam pela primeira vez nas suas aulas, porém, com cautela.

(...) agora que eu já estou pensando sobre o assunto e refletindo, né? Então eu agora vou tomar a iniciativa de perguntar, né? Mas sempre com cuidado, dependendo do contexto que eu esteja. Senão eu vou assumir pela aparência ou não sei. Enfim, pelo gênero mesmo que está exposto na pessoa, né? Para evitar desconfortos, né? Porque também as pessoas podem se sentir desconfortáveis. Eu, em sala de aula, em uma sala de aula que eu me sinta bem para perguntar, eu perguntaria nesse sentido. Mas geralmente as pessoas, eu acho que as pessoas que se identificam, talvez, acho que fariam, não? (PARTICIPANTE 2).

Assim, eles acreditam que, como professores, é importante saber usar os pronomes inclusivos e/ou não binários porque, se questionados, “você tem que aprender e saber, porque você é professor e caso te pergunte, você tem que saber” (PARTICIPANTE 1), o qual me faz refletir sobre a função docente de acolher o alunado e fazer da sala de aula um espaço para combater as injustiças e as exclusões, pois a escola não pode ser mais um lugar que contribua com o sofrimento de algumas pessoas historicamente esquecidas.

Portanto, sendo que esta não é uma discussão que muitas das pessoas que ensinam espanhol hoje no Brasil, os participantes acreditam que é fundamental ter manuais e guias como as que desenhei em parceria com eles, já que estas ajudam com um aprendizado que eles não receberam formalmente nas suas formações como docentes nem no ensino superior nem na sua formação continuada.

é importante que se tem esse material, até porque muita gente não tem acesso a esse tipo de informação, eu mesmo não teria esse tipo de informação se não fosse o seu manual, então é importante que haja esse tipo de manual e a gente insere, né, dentro de uma unidade didática de algum contexto, porque se não houver esse tipo de material, a gente tem que fazer o trabalho de formiga e a gente tem que pesquisar, e muitas vezes a gente não tem tempo (PARTICIPANTE 1).

Ao mesmo tempo, apesar de entender a importância de materiais o guia, a participante 1 dá a entender que, da forma como está configurada a sua profissão no momento, há pouco espaço para abrir esta discussão “porque a gente tem conteúdos que são prioridades (PARTICIPANTE 1). Por isso, entendo que a falta de uma formação de professores com perspectiva *queer* e *cuir* e a mercantilização da educação fazem com que a diversidade não seja contemplada no ensino.

²⁷ Lembrando que o ex-presidente Jair Bolsonaro declarou em diversas oportunidades pouca empatia com a comunidade LGBTQIA+ chegando a dizer que prefere que um filho morra em uma acidente do que seja gay. Disponível em: <https://acapa.com.br/bolsonaro-diz-que-prefere-um-filho-morto-do-que-gay/>

Desta maneira, acredito necessário levar estas discussões para a formação docente, já que a linguagem inclusiva e/ou não binária, além de ser uma realidade que atravessa muitas vidas, é uma maneira de garantir a dignidade de algumas pessoas que historicamente foram colocadas no outro lado da linha do abissal (Sousa Santos, 2007), na periferia, no lugar da incompreensão.

SEÇÃO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção anterior fiz uma análise dos dados coletados no trabalho de campo, a qual contribuiu ativamente para alcançar os objetivos traçados na pesquisa, pois é descrito o panorama atual da linguagem inclusiva e/ou não binária nas práticas de ensino e aprendizado dos docentes participantes e o seu compromisso com as causas LGBTQIA+. Nesta seção, apresentarei as considerações finais que darão uma resposta às perguntas que formulei no início deste projeto.

Quando comecei esta pesquisa propus três objetivos: relatar as experiências de três professores de ELE com as práticas linguísticas contra a discriminação de gênero, o andocentrismo e a heteronormatividade compulsória (Butler, 2019); apresentar um manual que os auxiliasse com estas práticas; e evidenciar o seu compromisso com as causas LGBTQIA+. Dado que assumi esta pesquisa como um estudo de caso interventivo, dividi os encontros virtuais com os participantes em duas partes: na primeira eles narraram seus conhecimentos sobre o tema e apresentei o manual com o intuito de intervir no seu conhecimento; na segunda eles contaram o que haviam refletido após o acesso ao material que criei. Porém, mesmo sabendo que o guia estaria aberto para mudanças futuras, dado que a língua(gem) e a pesquisa mesma são lugares mutáveis, me pareceu emocionante que as mudanças do mesmo acontecessem no processo de apresentação e intervenção com os participantes. Na medida que eu apresentava o manual para os professores, eles, ao mesmo tempo, assumiram uma postura interventiva, sugerindo câmbios, inclusão de outras práticas linguísticas inclusivas e até atividades para que os professores que o consultassem pudessem usar com os estudantes em sala de aula. É possível dizer, então, que o guia para um espanhol inclusivo que apresentei para os participantes foi construído com a contribuição deles, da mesma forma que a pesquisa, cujo conhecimento produzido se deu em função da convivência e a troca de informações com eles (Leffa, 2001).

A linguagem inclusiva e/ou não binária é e continuará sendo um desconforto social, assim como qualquer manifestação que parte dos reclamos de populações historicamente diminuídas e excluídas da esfera do poder. A questão é: como a formação de professores de espanhol tem assumido isto? Não será esta pesquisa que responderá a esta pergunta, porém, acredito que contribuirá com o debate que está sendo feito em diversos espaços da sociedade, já que as narrativas dos participantes, por muito individuais que estas sejam, servem para constatar como é a relação da docência com este tópico e quais poderiam ser os principais desafios para a abordagem do mesmo tanto no aprendizado quanto no ensino: nos processos de formação e em sala de aula com estudantes, respetivamente.

Dado que o conhecimento sobre a inclusão na língua espanhola está circulando e sendo construído nas mídias digitais, poderia ser difícil dizer que docentes de ELE formados em contextos similares aos dos participantes desta pesquisa não têm nenhuma noção sobre o tema. Porém, de acordo com o analisado, posso concluir que há um vácuo epistémico a respeito no processo de formação de professores de ELE, pois todos os participantes evidenciaram que os

conhecimentos que manejam sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária não foram produzidos durante suas experiências acadêmicas e sim a partir da formação continuada, isto é, não houve discussões formais sobre o tema nas salas de aula da universidade federal do Distrito Federal na qual eles se graduaram em Letras Espanhol, entre 2005 e 2018.

É claro que com o passar dos anos este debate tem sido cada vez mais aprofundado e que o mesmo não estava amplamente aberto nos anos que os participantes desta pesquisa se formaram, além de que a discussão da inclusão na linguagem tem sido abordada a partir de vários lugares ao longo da história, sendo não apenas a perspectiva *queer* ou *cuir* um destes lugares, mas também a feminista; de maneira que a mutabilidade do tópico tem sido atravessada por diferentes viés da marginalização e da periferia à sociedade de poder.

Por outro lado, embora a formação de professores seja hoje diversificada, a origem da profissão é masculina e religiosa (Louro, 1997), já que a figura do professor, durante a colonização europeia na América Latina, era governada por um “detalhado e minucioso conjunto de dispositivos de poder” (Louro, 1997, p. 94) criado para conquistar as almas infantis e garantir fiéis à instituição que dominava.

Desta maneira, é esperado que a formação de educadores no Brasil, que foi constituída durante os 300 anos de dominação europeia, branca, masculina e heterossexual, seja hoje banhada pelos vestígios daquele passado, uma vez que as universidades são espaços privilegiados onde não todas as pessoas tem o acesso garantido.

Apesar de que o magistério no Brasil passou por processos que permitiram a sua feminização a partir da segunda metade do século XIX (Louro, 1997), e que o sistema de cotas raciais e sociais em 2012 fez com que pessoas racializadas e de baixa renda pudessem entrar nas universidades públicas, a meritocracia continua conduzindo a educação. Em outras palavras, os historicamente favorecidos continuam ocupando e formulando a formação de docentes de espanhol (Silva Cruz, 2020), mercantilizando o ensino desta língua. Assim, uma formação de professores com perspectiva *queer* e *cuir* é limitada a certos nichos relacionados com o ativismo LGBTQIA+ e não atravessa o grosso da população acadêmica.

Dito isto, dado que a discussão sobre a linguagem inclusiva e/ou não binária não chegou pela universidade aos professores que participaram na pesquisa apesar de que as causas LGBTQIA+ sejam discutidas há décadas na sociedade brasileira (Green; Quinalha, 2018), é possível imaginar que outros docentes de espanhol também não tenham recebido esta informação e os espaços de educação superior públicos e particulares se mostrem fechados para introduzir estas discussões nas suas aulas, como ficou evidenciado no relato de um dos participantes da pesquisa, quem foi censurado ao abordar este tópico na universidade onde ele trabalha. Há, então, uma evidência que demonstra a ausência generalizada da discussão sobre a inclusão dos corpos LGBTQIA+ na formação de professores de ELE nas instituições acadêmicas.

Portanto, a forma como está configurada a sociedade no Brasil, onde os corpos racializados, *cuir* e tercermundistas sofrem inteligibilidade cultural, fazem com que seja

complexo e punitivo para os docentes abordar conhecimentos e práticas de ensino com perspectiva *queer* e cuir nas suas aulas, já que não tiveram sequer o preparo para fazê-lo.

Assim, o medo de perder o emprego é uma realidade que ficou evidenciada neste estudo de caso, uma vez que o ensino de ELE é uma fonte de renda para os professores, e se submeter a discussões que são consideradas tabu, colocam em risco a estabilidade financeira dos docentes, principalmente os que se limitam à área particular do ensino, pois nas instituições públicas parece ser um tópico mais recorrente e possível de acordo com a informação que proporcionou um dos participantes da pesquisa, já que, havendo garantias dos direitos trabalhistas, há mais liberdade de cátedra.

Lembrando ainda que, ao invés de termos garantidos os direitos conquistados durante anos de luta, há uma onda conservadora²⁸ que faz com que seja perigoso exteriorizar as causas das pessoas LGBTQIA+ no país, e ainda mais em salas de aula, pois tem se intensificado a discriminação nos espaços políticos e nas lideranças dos partidos que vencem nas urnas eleitorais do Brasil, de maneira que incentivar discussões com perspectiva *queer* e cuir na formação docente é imperativo se quisermos combater o ódio nas escolas e no ensino de ELE.

É por isso que me parece fundamental que materiais como o que construí junto com os participantes sejam divulgados e estejam ao alcance da docência, para que as salas de aulas contem com professores preparados para assumir um ensino libertador e democrático, de modo que os próprios estudantes sejam convidados a explorar a erotização dos processos de conhecer, aprender e de ensinar, pois *queerizar* a formação de professores de ELE implica pensar em um “erotismo presente na sala de aula e em outros espaços educativos, que se liga à curiosidade, portanto, ao desejo de saber” (Louro, 2015, p. 71).

Fazer da formação de professores de ELE uma prática inclusiva é desconstruir as normas tidas como naturais, valorizar os saberes dos ditos marginais, ressignificar o historicamente aprendido e, em consequência, garantir a dignidade de todas as pessoas envolvidas no processo de ensino/aprendizagem, porque um profissional da educação capacitado para lidar com a diversidade é capaz de se entender como um agente de transformação. Uma formação de professores de ELE que seja capaz de duvidar das normas de culto estruturadas por e para a classe dominante pode ser possível se fizermos do *queer* e do cuir um guia.

A educação não pode continuar sendo aquele lugar onde se produzem e reproduzem as desigualdades sociais e se acentuam os binarismos, sendo destacados os sucedidos e punidos os que por diversos motivos não se enquadram nos moldes do sucesso. Nesta pesquisa se demonstrou que há professores de ELE que, mesmo no meio de medos e riscos, entendem o processo educativo como um recurso que tem um potencial democrático que pode fazer com que as vidas das pessoas sejam mais íntegras e valoradas.

Desta maneira, para *queerizar* e cuirizar a educação acredito que seja preciso apelar pelas desconstruções dos paradigmas tradicionais, o qual implica assumir posturas e estratégias

²⁸ De acordo com uma pesquisa da revista Piauí, “ A proporção da população com alto grau de conservadorismo cresceu de 49% em 2010 para 54% em 2016 e chegou a 55% em 2018” (TOLEDO, 2018).

acadêmicas desafiadoras, colocar materiais que acrescentem a discussão dentro das universidades e instituições de formação docente, contar com um acervo de consulta que permita que a transformação acadêmica acompanhe as transformações sociais, que são cada vez mais aceleradas.

É nesse cenário que a língua(gem) tem um papel fundamental, já que “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (Louro, 1997, p. 65). É por isso que a linguagem inclusiva e/ou não binária se mostra como uma prática eficaz para desconstruir estruturas inquestionáveis que colocam muitas vidas no campo da marginalização.

Se requer, portanto, um ensino de ELE que seja diversificado e libertador que permita que o professorado assuma o “dever de contestar o status quo, especialmente no que diz respeito às questões da dominação de sexo, raça ou classe” (Freire, 2013, p 203), e isso, como ficou evidenciado nesta pesquisa, não é fácil se não se tem as ferramentas e o aprendizado para abordar estes assuntos. Se colocar nessas situações em contextos como os que vivenciam os docentes que participaram desta pesquisa, é lidar com relações de poder que colocam suas vidas financeiras em perigo, já que a estrutura neoliberal domina o seu trabalho.

Termino esta pesquisa com a esperança de que a mesma contribua com a mudança de paradigma que está cada vez mais presente tanto nos espaços acadêmicos quanto nos sociais, sendo que ambos se mantiveram distanciados por muitos anos e merecem uma reconciliação (Greenwood, 2006), dado que as universidades devem ser lugares que respondam às demandas da sociedade. Espero que este trabalho, construído entre várias vozes, convide outras pessoas para que façam parte do caminho da diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFP, Agence France-Presse. “Dicionário sueco incluirá pronome para gênero neutro”. Mundo, 24 de março de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/dicionario-sueco-incluire-pronome-para-genero-neutro.htm>.
- ALEMANY, L. “La ‘-e’ como género neutro es un acto político, no lingüístico”. El Mundo, Madrid, 2019. Disponível em: <https://www.elmundo.es/cultura/literatura/2019/12/20/5dfbb74921efa0fd2d8b4671.html>.
- ANZALDÚA, G. The Gloria Anzaldúa reader. AnaLouise Keating, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.
- ARGENTINA, Gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. RESOLUCIÓN N.º 2566/MEDGC/22 regula o ensino da linguagem inclusiva em escolas da cidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2022. Disponível em: https://documentosboletinoficial.buenosaires.gob.ar/publico/ck_PE-RES-MEDGC-MEDGC-2566-22-6395.pdf.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. 8a ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila. Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.
- BARCELOS, A. Compreendendo a pesquisa (de) narrativa. In: GOMES JUNIOR, R. (Org.) Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- BERNINI, Lorenzo. Las Teorías Queer: una introducción. Trad. Albert Tola. Barcelona/Madrid: Egales Editorial, 2018.
- BOHN, H. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M.; BARCELOS, A. (Orgs). Linguística Aplicada e Contemporaneidade. São Paulo, SP: ALAB; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BUTLER, J. Corps que importam Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo, SP. Crocodilo Edições, 2019.
- BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

- BOURDIEU, P. *¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos*. Madrid: Akal, 1985.
- BOURDIEU, P. *La dominación masculina*, Editorial Anagrama, Barcelona, 2000.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 580/2007, de 17 de outubro de 2002. Altera a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, para dispor sobre o contrato civil de união homoafetiva. Brasília: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/346155>. Acesso em: 20 out. 2023.
- CALVO, J. M. G. El género ¿una categoría morfológica? *Anuario de Estudios Filológicos*, Cáceres (Espanha), v. 2, p. 51–73, 1979.
- CÂMARA. R. H.. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), jul - dez, 2013, 179-191.
- CARVALHO, D. *Quem é ela? A invenção de um pronome não binário*. In: *Linguagem neutra. Língua e gênero em debate*. São Paulo, 2022.
- CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; FILHO, Fábio Ramos Barbosa. *Linguagem “Neutra”*. Língua e Gênero em Debate. São Paulo: Parábola, 2022, 73-94.
- CIDH. Informe sobre Personas Trans y de Género Diverso y sus derechos económicos, sociales, culturales y ambientales. Comisión interamericana de derechos humanos de la Organización de Estados Americanos, 2020.
- CERUTTI-RIZZATTI, M. *Introdução à linguística aplicada*. Florianópolis : LLE/CCE/UFSC, 2008.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- COMISIÓN NACIONAL CONTRA LA DISCRIMINACIÓN. Informe sobre la situación de la identidad de género de las personas trans en el Perú, 2019.
- CUBA, E. El lenguaje inclusivo como oportunidad epistemológica en la escritura académica. Em En César Jiménez-Yañez y Rosalba Mancinas-Chávez (Coord.). *Escritura académica con perspectiva de género. Propuestas desde la comunicación científica*. Universidad Autónoma de Baja California y Universidad de Sevilla, 2021.
- DAMIANOVIC, M. C. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 181–196, 2005.
- DERRIDA, J. Assinatura, acontecimento, contexto. In: DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991. p. 349-373
- DINIZ-PEREIRA, J; ZEICHNER, K. *Justiça social: desafio para a formação de professores*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

- FABRÍCIO, B. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* [online]. 2017, v. 17, n. 4, pp. 599-617. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201711426>. Epub 28 Ago 2017. ISSN 1984-6398.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FALTIS, C. Case study methods in researching language and education. In: Hornberger, N. & Corson, D. (eds.) *Research Methods in Language and Education. Encyclopedia of Language and Education*. V. 8. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997, pp. 145-152.
- FERREIRO, E. Diversidad y proceso de alfabetización. De la celebración a la toma de conciencia. En *Pasado y presente de los verbos leer y escribir*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- FETTERMAN, D. *Ethnography: step-by-step*.—3rd ed. (Applied social research methods series; v. 17), 2010.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 14ª ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREITAG, R. Conflito de regras e dominância de gênero. Em: THERO, Gabriel de Ávila; FILHO, Fábio Ramos Barbosa. *Linguagem “Neutra”. Língua e Gênero em Debate*. São Paulo: Parábola, 2022.
- FREITAS, M. A. O “x” da questão: gênero neutro como ato ético e estético? In: MORAES, F.; MOREIRA, T.; MUSSARELI, F.; MIOTELO, V. (orgs.), *Palavras e Contrapalavras: cortejando a vida no cotidiano*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015, p. 159–170.
- GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (eds.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção de informação*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.
- PEREIRA, Pedro Paulo G. *Queer decolonial quando as teorias viajam*. Contemporânea, 2015.

- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.; GOMES, S. (Orgs.) Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa; (org.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.
- GREENWOOD, J.; LEWIN, M. Reconstruindo as relações entre as universidades e a sociedade por meio da pesquisa-ação. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (eds.) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147. 2008.
- HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.
- LEFFA, Vilson J. A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplica. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.
- LEFFA, Vilson J. Língua Estrangeira: Ensino e Aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.
- LOURO, G. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6a ed. Petrópolis: Edições Vozes, 1997.
- LOURO, G. Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. Estudos Feministas. Ano 9(2), 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAZZARO, Daniel. Por uma educação lingüística queer: estranhando conceitos e práticas. Gragoatá, Niterói (UFF – ISSN: 2358-4114), v. 26, n. 56, p. 1052-1084, 2021.
- MANTILLA, J. R. “El lenguaje inclusivo tensa a ‘todes’ en Argentina”. El País, Córdoba, 2019. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2019/03/30/actualidad/1553959465_205850.html. Acesso: 09/02/2021.
- MESEGUER, Á. G. ¿Es sexista la lengua española? Una investigación sobre el género gramatical. Barcelona: Grupo Planeta, 1994.
- MESEGUER, Á. G. Sexismo y lenguaje. Cambio, Madrid, v. 16, n. 260, 1976.

MOITA, L. Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe. São Paulo, Parábola, 2021.

MORRILLO HERRERO, L. Repercusión mediática del informe de Ignacio Bosque «Sexismo lingüístico y visibilidad de la mujer» (2012). In: CARRISCONDO ESQUIVEL, F. M. (Ed.), La lengua en el candelero: repercusión mediática de asuntos lingüísticos. Vigo: Academia del Hispanismo, 2014. p. 97–134.

MOTTA, A.; NÚÑEZ, N. Educação popular e estudos feministas: contribuições para a linguagem inclusiva. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 80–88, maio/ago. 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NUEVA MAÑANA, LA. Fernández reivindicó la necesidad de hacer uso del lenguaje inclusivo. La Nueva Mañana, Buenos Aires, 2020. Disponível em: <https://lmdiario.com.ar/contenido/231652/fernandez-reivindico-la-necesidad-de-hacer-uso-del-lenguaje-inclusivo>. Acesso em: 09/02/2021.

RAE, Real Academia Espanhola. «Los ciudadanos y las ciudadanas», «los niños y las niñas». Diccionario panhispánico de dudas, s/v Género². 2005. Disponível em: <https://www.rae.es/espanol-al-dia/los-ciudadanos-y-las-ciudadanas-los-ninos-y-las-ninas>

RAE, Real Academia Espanhola. “Informe de la Real Academia Española sobre el lenguaje inclusivo y cuestiones conexas”. 2020. Disponível em: https://www.rae.es/sites/default/files/Informe_lenguaje_inclusivo.pdf

RUIZ, P. E. Construyendo identidades feministas en la red. Análisis crítico de las prácticas discursivas institucionales y no institucionales en el contexto universitario. Discurso & Sociedad, Logronho, v. 11, n. 4, p. 704–736, 2017.

PENNYCOOK, A. Global Englishes and Transcultural Flows. Routledge: 2007.

PINO, M. C. Esbozo de una bibliografía crítica sobre -x- y -e- como alternativas al masculino genérico en español (2014-2019). Huelva: Universidad de Huelva, 2019.

PRECIADO, B. Multitudes queer. Nota para una política de los "anormales". Nombres, (19). Recuperado a partir de <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/NOMBRES/article/view/2338>. 2003.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. São Paulo: CEBRAP, 2007.

SARMIENTO SALINAS, M. A. La fórmula de tratamiento usted como marcador étnico del habla: Sus correlaciones con algunos factores de la tríada ecológica en contexto de etnias en contacto. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Hispânicos, Lusos e Latinoamericanos) –

Institutionen för spanska, portugisiska och latinamerikastudier, Stockholms universitet, Estocolmo, 2006.

SARMIENTO SALINAS, M. A. “La e para la desexualización del género en beneficio de la motivación de ELE en Suecia. Revitalizando la propuesta de Álvaro García Meseguer”. In: MORIMOTO, Y.; PAVÓN LUCERO, M. V.; SANTAMARÍA MARTÍNEZ, R. (Eds.), La enseñanza de ELE centrada en el alumno. Logroño: Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera, 2015. p. 863–872.

SCHWINDT, L. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. Em: Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.

SILVA, E. Formação de professores de espanhol e a descapitalização simbólica da universidade. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046220409>

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SIMONS, H. Case Study Research: In-Depth Understanding in Context. In: LEAVY, P. (ed.) The Oxford Handbook of Qualitative Research. New York: Oxford University Press. 2014. pp 455-470.

SOUZA, F; BENETTI, F Abjeções ao Sul: uma reflexão sobre os estudos queer no Brasil (1990-2000). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373323790_ARQUIVO_abjecoesaosul.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

SPIZZIRRI, G.; EUFRÁSIO, R.; LIMA, M.C.P. et al. Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. Sci Rep 11, 2240 (2021). Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4>.

STAKE, R. Case Studies. In: Denzin, N. & Lincoln, Y. (eds.). Handbook of qualitative research. London: Sage, 1994. pp. 236-247.

TOLEDO, J. R. O conservadorismo vai à faculdade. Revista Piauí. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/grafico-conservadorismo/>

TRINDADE, R. A invenção do ativismo LGBT no Brasil: intercâmbios e ressignificações (2018). In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa; (org.). História do Movimento LGBT no Brasil. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

TMM, Absolute Numbers. TvT. 2021. Disponível em: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>.

QUINALHA, R. Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX ao nossos dias. Autêntica ensaios, 2022.

UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. “El Consejo Directivo de la Facultad aprobó el uso de lenguaje inclusivo”. Filo: Noticias, Buenos Aires, 2019. Disponible em: <http://novedades.filo.uba.ar/novedades/el-consejo-directivo-de-la-facultad-aprob%C3%B3-el-uso-de-lenguaje-inclusivo>. Acceso em: 09/02/2021.

APÊNDICES

ENTREVISTAS

Participante 1

Pessoa 1: participante

Pessoa 2: entrevistador

[00:00:00] Pessoa 1 Aí eles falavam para traduzir para o português por palavras genéricas, então, em vez de dizer os homens falando da humanidade, falavam para dizer as pessoas.

[00:00:18] Pessoa 1 Em vez de dizer os funcionários da empresa, eles tinham todo um manual já para ser seguido.

[00:00:26] Pessoa 1 Então, para evitar a linguagem, para evitar gêneros feminino e masculino, eles pediam para serem palavras mais genéricas, porque eles optavam por não usar também uma linguagem non-binária.

[00:00:45] Pessoa 1 Então, acho que ainda está muito aberto, sai muito da escolha de cada um.

[00:00:52] Pessoa 2 Exatamente.

[00:00:54] Pessoa 2 Está começando, né?

[00:00:56] Pessoa 2 Parece que como se estivesse começando, mas é uma questão que está ali na sociedade há muito tempo também, só que de diferentes formas.

[00:01:08] Pessoa 2 Você conseguiu responder o questionário que eu te mandei?

[00:01:12] Pessoa 2 Ah, entendi.

[00:01:13] Pessoa 1 Eu respondi ontem, eu acho.

[00:01:15] Pessoa 2 Perfeito.

[00:01:16] Pessoa 2 Aí depois eu vejo...

[00:01:18] Pessoa 2 Ah, eu estou vendo aqui.

[00:01:21] Pessoa 2 Perfeito.

- [00:01:22] Pessoa 2 Então, isso faz parte da colheta de dados que vamos fazer com que eu tenha um grupo de vozes conversando sobre esse assunto, e ter uns resultados interessantes para ver o que está faltando, como está sendo o panorama dessa questão dentro do ensino de espanhol, pelo menos no Brasil, minimamente.
- [00:01:51] Pessoa 2 Acho que isso funciona para fazer umas boas reflexões.
- [00:01:57] Pessoa 2 A primeira coisa que eu queria te perguntar era qual a opinião que você tem sobre a linguagem inclusiva, também conhecida como a linguagem neutra.
- [00:02:08] Pessoa 1 A pergunta já começou com a pergunta difícil, né?
- [00:02:13] Pessoa 1 A opinião que eu tenho...
- [00:02:17] Pessoa 1 A minha opinião, eu acho que é importante a gente ter essa discussão.
- [00:02:25] Pessoa 1 Eu acho que a gente ainda tem muito a caminhar até isso se concretizar, e não sei como vai se concretizar, eu acho que só o tempo para dizer isso.
- [00:02:40] Pessoa 1 Mas eu acho muito importante a discussão sobre a necessidade dessa linguagem inclusiva existir.
- [00:02:50] Pessoa 1 Se a que tem hoje em dia é a ideal ou não, não sei dizer, porque existem muitas discussões a respeito de, por exemplo, usar o arroba, porque o arroba não tem som, não tem como pronunciar, então você colocar o arroba no lugar de uma letra não está passando mensagem nenhuma, na verdade.
- [00:03:18] Pessoa 1 Então é você colocar o E, você não colocar, você colocar o I, não colocar.
- [00:03:22] Pessoa 1 Então assim, a gente ainda não tem uma resposta, mas pelo menos existir a discussão já é um passo.
- [00:03:31] Pessoa 1 Então eu acho importante, eu acho bacana dessa discussão existir, porque a partir do momento que você pensa numa linguagem neutra, não gosto da palavra neutra, né?
- [00:03:44] Pessoa 1 Porque não existe neutro, mas quando a gente...
- [00:03:48] Pessoa 1 Mas vamos falar neutro aqui para facilitar.

[00:03:51] Pessoa 2 Ou inclusiva, né?

[00:03:52] Pessoa 1 Inclusiva, né?

[00:03:54] Pessoa 1 Quando a gente pensa nessa linguagem, a gente está pensando nas pessoas que precisam dela.

[00:04:01] Pessoa 1 Então você dá visibilidade a um grupo de pessoas que eram invisibilizadas.

[00:04:07] Pessoa 1 Eu acho que é essa a resposta.

[00:04:09] Pessoa 2 É, boa resposta, né?

[00:04:11] Pessoa 2 E o que você aprendeu sobre essa linguagem, a linguagem inclusiva no geral, na sua formação na universidade?

[00:04:17] Pessoa 1 Nada, nada.

[00:04:19] Pessoa 1 Quando eu me formei ainda não existia essa discussão. Me

[00:04:22] Pessoa 1 Me formei tem muito tempo, parece que não, mas já tem bastante.

[00:04:27] Pessoa 1 Parece que não porque passa muito rápido, mas tudo muda muito rápido socialmente.

[00:04:33] Pessoa 1 Então não era uma discussão que tinha.

[00:04:38] Pessoa 1 Eu entrei na UnB em 2005.

[00:04:42] Pessoa 1 Eu entrei na graduação em 2005.

[00:04:45] Pessoa 1 Em 2005, quando eu entrei, tinha poucos anos que a UnB tinha cotas raciais.

[00:04:52] Pessoa 1 Então a discussão ainda era outra.

[00:04:54] Pessoa 1 A gente ainda estava na discussão das cotas raciais dentro da UnB, que hoje em dia já é algo superado, eu espero, dentro da universidade.

[00:05:04] Pessoa 1 Deveria ser, né?

[00:05:05] Pessoa 1 Porque a gente sabe dos movimentos aí.

[00:05:10] Pessoa 1 Mas ainda não tinha essa questão de gênero tão bem, não se discutia.

[00:05:16] Pessoa 1 Eu acho que as coisas foram vindo depois.

[00:05:20] Pessoa 1 Então eu fui conhecendo, quando eu me formei, a gente ainda falava LGBT.

[00:05:29] Pessoa 2 Exatamente.

[00:05:30] Pessoa 1 Então eu acho que na minha formação mesmo eu não tive nada.

[00:05:33] Pessoa 1 As coisas foram vindo agora, na verdade, há poucos anos.

[00:05:37] Pessoa 1 Pouquíssimo tempo.

[00:05:39] Pessoa 1 Pra mim, né?

[00:05:41] Pessoa 2 Não era aquele GLS do passado, já não era mais.

[00:05:47] Pessoa 1 Exatamente, já era LGBT.

[00:05:49] Pessoa 1 Mas também eu tenho que admitir que eu estou falando dentro do meu nicho.

[00:05:53] Pessoa 1 Então assim, a discussão não chegava a mim porque eu sou uma mulher hetero cis.

[00:05:59] Pessoa 1 Talvez ela tivesse começado a existir dentro de outros grupos que eu não pertencia e que eu não conhecia.

[00:06:05] Pessoa 1 Como as redes sociais se ampliaram muito dos últimos anos pra cá, então a gente acaba tendo mais acesso a esse tipo de discussão, que eu não ia ter na faculdade.

[00:06:17] Pessoa 1 Imagina, não tinha nem um celular desse direito na faculdade.

[00:06:23] Pessoa 2 Mas então, na faculdade, na formação docente, não era uma discussão que existia.

[00:06:29] Pessoa 2 Nada, nada.

[00:06:30] Pessoa 2 Academicamente falando.

[00:06:32] Pessoa 1 Existe hoje?

[00:06:35] Pessoa 2 Eu nem sei.

[00:06:37] Pessoa 2 Talvez na pós, né?

[00:06:40] Pessoa 2 Na pós-graduação, com certeza está tendo, né?

[00:06:43] Pessoa 2 E eu imagino que esteja, na verdade, em várias universidades dentro da Argentina, por exemplo, já é uma discussão bastante ampla.

[00:06:51] Pessoa 1 Mas é porque dentro da Argentina, o estudo de letra do espanhol lá, eu acho que é mais profundo do que aqui, porque é um estudo como língua estrangeira, né?

[00:07:01] Pessoa 2 Exatamente.

[00:07:02] Pessoa 1 É o estudo como língua mãe.

[00:07:03] Pessoa 1 Então, talvez aqui no Brasil tem muito essa discussão com o português.

[00:07:09] Pessoa 1 Mas eu não sei se ele alcança o espanhol e o inglês.

[00:07:12] Pessoa 1 E o francês ou as línguas estrangeiras.

[00:07:15] Pessoa 1 Eu acho que o ensino de língua estrangeira no Brasil ainda é muito tradicional e conservador.

[00:07:22] Pessoa 1 Os materiais que chegam, a gente fica muito pautado pelos manuais, né?

[00:07:27] Pessoa 1 E os manuais são conservadores.

[00:07:29] Pessoa 1 Então, não sei.

[00:07:32] Pessoa 2 Provavelmente, nesse quesito fica ainda pouco avaliado, pouco discutido, né?

[00:07:42] Pessoa 2 E você acha que todo docente de espanhol deveria aprender sobre

a linguagem inclusiva na sua formação? Por

[00:07:51] Pessoa 2 Por quê?

[00:07:52] Pessoa 1 Eu acho que a gente tinha que ter, sim, acesso a, pelo menos, não sei se um semestre, acho que um semestre inteiro não.

[00:08:01] Pessoa 1 Mas eu acho que acesso é informação.

[00:08:04] Pessoa 1 Porque, como eu falei, a partir do momento que a gente discute esse tema, então a gente dá visibilidade às pessoas que são abrangidas por esse tema.

[00:08:13] Pessoa 1 A UNB, pelo menos quando eu me formei, eu não posso falar da UNB hoje, muitos dos meus professores já não estão mais lá.

[00:08:21] Pessoa 1 E outros novos estão.

[00:08:22] Pessoa 1 Era uma formação bem progressista dentro do espanhol.

[00:08:32] Pessoa 1 Então, eu acho que a gente poderia, pelo menos, ter discussões sobre isso.

[00:08:38] Pessoa 1 A gente tinha muitos eventos na semana universitária, por exemplo.

[00:08:43] Pessoa 1 Poderia ser uma discussão na semana universitária, eu acho que tinha que ser pauta de palestras.

[00:08:51] Pessoa 1 Eu acho que o tema tem que estar dentro da universidade.

[00:08:57] Pessoa 1 Nem todos os temas dentro da universidade necessariamente tem que estar como disciplinas, né?

[00:09:01] Pessoa 1 Informativas.

[00:09:02] Pessoa 1 Exatamente.

[00:09:03] Pessoa 1 Mas eu acho que ele tem que estar sendo discutido nos âmbitos da formação.

[00:09:09] Pessoa 1 Então, ele tem que estar dentro da literatura, ele tem que estar dentro da gramática, o professor levar.

[00:09:17] Pessoa 1 E como é que seria isso dentro da gramática?

[00:09:19] Pessoa 1 Pô, eu não aprendi o vos.

[00:09:22] Pessoa 1 Se você for pensar, eu tive a maioria dos meus professores estrangeiros eram espanhóis.

[00:09:29] Pessoa 2 Olha.

[00:09:30] Pessoa 1 Quando eu estava lá, acho que eu tinha duas professoras chilenas de literatura, as duas.

[00:09:38] Pessoa 1 Só.

[00:09:39] Pessoa 1 Então, é isso. Isso

[00:09:42] Pessoa 1 Isso ainda é muito dentro do departamento da minha época.

[00:09:46] Pessoa 1 É um pouco diferente.

[00:09:47] Pessoa 1 Eu acho que quem está lá, que era meu professor, é o Henrique.

[00:09:50] Pessoa 1 O Henrique foi meu professor.

[00:09:51] Pessoa 1 Só.

[00:09:52] Pessoa 1 Eu acho que ninguém mais.

[00:09:55] Pessoa 1 E ele está dando aula, porque ele está como vice-diretor, né?

[00:09:58] Pessoa 1 Então, eu acho que tem que estar, só que eu acho que ele tem que estar, não como uma disciplina em si, mas dentro das vertentes.

[00:10:07] Pessoa 1 Dentro da literatura, dentro da linguística.

[00:10:11] Pessoa 2 É, deveria.

[00:10:13] Pessoa 2 Deveria ser uma discussão, deveria...

[00:10:15] Pessoa 2 Tipo, toda pessoa que ensina espanhol, pelo menos, deveria ter uma noção do que está acontecendo sobre isso, né?

[00:10:24] Pessoa 2 Segundo...

[00:10:25] Pessoa 1 O que eu sei é porque eu procurei por fora.

[00:10:27] Pessoa 1 Então, nunca fui dentro da UNB.

[00:10:32] Pessoa 2 Nada na formação, então.

[00:10:34] Pessoa 2 Nada na formação.

[00:10:35] Pessoa 2 E que formas, então, de linguagem inclusiva você conhece?

[00:10:44] Pessoa 1 É...

[00:10:44] Pessoa 1 Falar, basicamente, a mudança no final, por e, né?

[00:10:53] Pessoa 2 A marca de gênero, né?

[00:10:54] Pessoa 1 É, a marca de gênero no final, a vogal temática.

[00:10:58] Pessoa 1 Por e, basicamente, é o que eu conheço.

[00:11:01] Pessoa 1 O problema é que eu não lembro qual seria, nem no português, nem no espanhol. Eu

[00:11:04] Pessoa 1 Eu não lembro.

[00:11:05] Pessoa 1 Mas é alguma coisa com I, não é?

[00:11:08] Pessoa 2 É...

[00:11:09] Pessoa 2 Agora a gente vai...

[00:11:11] Pessoa 2 Eu vou apresentar o manual, né?

[00:11:13] Pessoa 2 Aí a gente vai ver.

[00:11:14] Pessoa 1 E, basicamente, a mudança por e ou a não denominação de gênero.

[00:11:21] Pessoa 1 Usar palavras mais...

[00:11:25] Pessoa 1 Usar as pessoas, o ser humano, em vez de falar as mulheres e os homens.

[00:11:30] Pessoa 1 É outra maneira.

[00:11:32] Pessoa 1 Basicamente isso, só.

[00:11:37] Pessoa 2 Bom, é bastante também, né?

[00:11:39] Pessoa 2 Tem muita gente que não, que se nega também.

[00:11:42] Pessoa 1 Ah, tem gente que tem repulsa só de ouvir falar.

[00:11:46] Pessoa 2 Exatamente. E

[00:11:48] Pessoa 2 E para que você acha que é usada essa linguagem, a linguagem inclusiva, no geral?

[00:11:56] Pessoa 1 Para abarcar as pessoas não binárias, eu acho.

[00:12:02] Pessoa 1 Eu, por exemplo, não usaria...

[00:12:03] Pessoa 1 Eu não uso porque...

[00:12:06] Pessoa 1 Você perguntou lá na coisa que você usa.

[00:12:08] Pessoa 1 Eu falei não, porque eu não conheço nenhuma pessoa não binária.

[00:12:11] Pessoa 1 Eu não conheço ninguém.

[00:12:13] Pessoa 1 Pessoalmente.

[00:12:14] Pessoa 1 Se eu já dei aula, eu também não sei.

[00:12:16] Pessoa 1 Porque a pessoa não se...

[00:12:18] Pessoa 1 Não se identificou.

[00:12:20] Pessoa 1 Então, acho que eu usaria para tratar uma pessoa não binária.

[00:12:23] Pessoa 1 Eu usaria o masculino para tratar uma pessoa que se reconhece como homem.

[00:12:26] Pessoa 1 O feminino para uma pessoa que se reconhece como mulher.

[00:12:29] Pessoa 1 E o neutro para falar de uma pessoa que não...

[00:12:32] Pessoa 1 Não está dentro de um nem de outro.

[00:12:35] Pessoa 1 Eu não usaria para falar...

[00:12:38] Pessoa 1 Eu não usaria para falar com todo mundo.

[00:12:41] Pessoa 2 No plural.

[00:12:44] Pessoa 1 Para falar com todo mundo assim.

[00:12:46] Pessoa 1 Por exemplo, eu não usaria...

[00:12:49] Pessoa 1 O não binário, por exemplo, com a minha irmã.

[00:12:52] Pessoa 1 Que eu sei que...

[00:12:54] Pessoa 2 Ah, claro.

[00:12:55] Pessoa 1 Que se reconhece como mulher.

[00:12:57] Pessoa 1 Ou com o meu amigo.

[00:12:59] Pessoa 1 Que eu sei que é gay, mas se reconhece como homem.

[00:13:02] Pessoa 1 Eu usaria com uma pessoa não binária.

[00:13:06] Pessoa 1 Então, tem a...

[00:13:08] Pessoa 1 Você conhece a Giana Viscardi?

[00:13:10] Pessoa 2 Conheço.

[00:13:11] Pessoa 1 Ela sempre cumprimenta falando olá a todos, todas e todes.

[00:13:15] Pessoa 1 Porque para todos é para os homens.

[00:13:17] Pessoa 1 Todas para as mulheres.

[00:13:18] Pessoa 1 E todes para as pessoas não binárias.

[00:13:20] Pessoa 1 Então, eu acho que é...

[00:13:22] Pessoa 1 Esse cumprimento, esse saludo dela é bem isso.

[00:13:26] Pessoa 1 O que usar para cada situação.

[00:13:29] Pessoa 2 Para não substituir uma coisa por outra.

[00:13:32] Pessoa 2 Não acabar fazendo aquela coisa de sempre.

[00:13:36] Pessoa 2 E que estudante você acredita que gostaria de aprender a usar a linguagem inclusive em espanhol?

[00:13:42] Pessoa 1 Que estudantes gostariam de aprender?

[00:13:44] Pessoa 1 Não sei que estudante gostaria, mas acho que todos deveriam.

[00:13:50] Pessoa 1 Mas quais gostariam?

[00:13:53] Pessoa 1 Eu acho primeiro que...

[00:13:56] Pessoa 1 Eu acho que a gente começaria pela...

[00:13:59] Pessoa 1 Eu gostaria de aprender como estudante.

[00:14:01] Pessoa 1 Porque eu acho que teria aberto um pouco a minha mente na época da graduação.

[00:14:07] Pessoa 1 E teria feito a conhecer ainda...

[00:14:10] Pessoa 1 Acho que teria queimado uma etapa, sabe?

[00:14:12] Pessoa 1 Eu poderia ter conhecido isso há mais de dez anos atrás.

[00:14:16] Pessoa 1 Eu não.

[00:14:17] Pessoa 1 Não, não tem estudo ainda não.

[00:14:19] Pessoa 1 Tem.

[00:14:19] Pessoa 1 Ai, meu Deus do céu.

[00:14:21] Pessoa 1 Mais de dez anos atrás já teria resolvido, assim, já teria.

[00:14:25] Pessoa 1 Mas eu acho que...

[00:14:26] Pessoa 1 Eu não sei, eu acho que...

[00:14:27] Pessoa 1 Eu não sei se você gostaria.

[00:14:29] Pessoa 1 Eu acho que todos deveriam...

[00:14:31] Pessoa 1 Aprender...

[00:14:34] Pessoa 1 Conhecer pelo menos a existência e entender por que ela existe.

[00:14:39] Pessoa 1 Claro que a gente não pode obrigar, até porque dentro da língua a gente não fala que existe uma obrigação.

[00:14:45] Pessoa 1 Nem a linguagem padrão, né?

[00:14:48] Pessoa 1 Das normas gramaticais, elas são obrigatórias.

[00:14:51] Pessoa 1 Porque ninguém coloca uma arma na sua casa.

[00:14:52] Pessoa 1 Você fala assim, eu tenho uma lei que determina.

[00:14:54] Pessoa 1 E você tem que falar assim.

[00:14:56] Pessoa 1 Isso não existe.

[00:14:57] Pessoa 1 Então, como não existe uma obrigatoriedade de uso de nada dentro da língua.

[00:15:02] Pessoa 1 Eu acho que todos deveríamos estudar isso.

[00:15:05] Pessoa 1 Mais do que querer estudar.

[00:15:07] Pessoa 1 Porque tem muita coisa que a gente estuda que a gente não quer.

[00:15:10] Pessoa 1 Até por uma questão de você agregar, né?

[00:15:14] Pessoa 1 Esse público e dar visibilidade.

[00:15:17] Pessoa 1 E fazer com que...

[00:15:19] Pessoa 1 Não sei.

[00:15:21] Pessoa 1 Às vezes uma pessoa não-binária consiga dizer dentro da faculdade que é não-binária.

[00:15:25] Pessoa 1 Que eu acho que isso não era possível na minha época.

[00:15:28] Pessoa 1 Se eu tive um colega, eu não sei.

[00:15:31] Pessoa 1 E eu acho muito difícil eu ter passado a vida inteira em escola e em trabalho.

[00:15:37] Pessoa 1 E dando aula há tanto tempo e não ter conhecido ninguém não-binário.

[00:15:43] Pessoa 2 Então, você poderia responder que você já teve estudantes que tivessem gostado que você usasse a linguagem inclusiva.

[00:15:50] Pessoa 1 Sim.

[00:15:50] Pessoa 1 Ou pelo menos que tivesse conhecimento.

[00:15:52] Pessoa 1 Ou pelo menos que parasse um momento em alguma aula.

[00:15:55] Pessoa 1 Sabe aquelas aulas que a gente dá uma distraída?

[00:15:57] Pessoa 1 Gente, é uma curiosidade aqui.

[00:16:00] Pessoa 1 Eu acho que teria sido importante.

[00:16:03] Pessoa 2 Que algum estudante teria gostado.

[00:16:07] Pessoa 1 Com certeza.

[00:16:08] Pessoa 1 Sim.

[00:16:09] Pessoa 2 Teria esse sentido incluso.

[00:16:10] Pessoa 1 Sim.

[00:16:11] Pessoa 2 Então, acho que é uma informação muito pertinente, muito importante que você acabou de dar.

[00:16:17] Pessoa 2 E agora, eu vou apresentar esse manual que eu fiz.

[00:16:24] Pessoa 2 Ele é um manual aberto. Ainda

[00:16:26] Pessoa 2 Ainda tem que ser construído.

[00:16:28] Pessoa 2 Ainda falta muita coisa.

[00:16:29] Pessoa 2 Mas eu consegui colocar algumas questões sobre a linguagem inclusiva.

[00:16:35] Pessoa 2 Depois eu vou disponibilizar esse manual para você.

[00:16:37] Pessoa 2 Para você ter ele.

[00:16:39] Pessoa 2 Você pode também sugerir algumas questões.

[00:16:44] Pessoa 2 Não sei se você consegue ver aqui.

[00:16:48] Pessoa 1 Consigo.

[00:16:49] Pessoa 2 Perfeito.

[00:16:51] Pessoa 2 Aqui tem, por exemplo, a linguagem não binária.

[00:16:57] Pessoa 2 É uma guia para um espanhol inclusivo.

[00:17:02] Pessoa 2 Está assinado por mim.

[00:17:05] Pessoa 2 Essa guia tem várias partes.

[00:17:07] Pessoa 2 Tem uma introdução.

[00:17:08] Pessoa 2 Os conceitos relevantes.

[00:17:10] Pessoa 2 Por que a linguagem inclusiva.

[00:17:13] Pessoa 2 O espanhol inclusivo.

[00:17:14] Pessoa 2 Quais são as formas que existem. O

[00:17:16] Pessoa 2 O que no momento se discutem.

[00:17:20] Pessoa 2 E umas palavras finais que eu escrevi.

[00:17:22] Pessoa 2 Está tudo em espanhol.

[00:17:24] Pessoa 2 Então, aqui temos uma introdução.

[00:17:27] Pessoa 2 Aqui uma guia para um espanhol inclusivo.

[00:17:32] Pessoa 2 Aqui eu falo sobre educar como um ato político.

[00:17:36] Pessoa 2 Depois você pode tomar uma lida melhor.

[00:17:40] Pessoa 2 Que tem a intenção de consolidar como uma ferramenta. Para

[00:17:45] Pessoa 2 Para que o professorado de espanhol possa consultar.

[00:17:49] Pessoa 2 Para fazer do ensino um ato comprometido.

[00:17:52] Pessoa 2 Com todas, todos e todes.

[00:17:56] Pessoa 2 Essa é a intenção desse manual.

[00:17:58] Pessoa 2 E aqui temos uns conceitos relevantes.

[00:18:03] Pessoa 2 São importantes para entender a discussão.

[00:18:08] Pessoa 2 O primeiro que temos aqui é a linguagem androcêntrica.

[00:18:12] Pessoa 2 Que é o uso do masculino de forma genérica.

[00:18:15] Pessoa 2 Para denominar a todas as pessoas.

[00:18:18] Pessoa 2 Que é o que mais tem visto na história da língua espanhola.

[00:18:23] Pessoa 2 Gênero.

[00:18:24] Pessoa 2 Que é uma construção sociocultural.

[00:18:27] Pessoa 2 Psicológica.

[00:18:28] Pessoa 2 Que determina o conceito de mulher, homem.

[00:18:31] Pessoa 2 E outras categorias não binárias e normativas.

[00:18:34] Pessoa 2 Sexo.

[00:18:36] Pessoa 2 Que são características físicas e biológicas.

[00:18:38] Pessoa 2 Que diferenciam as pessoas a nível sexual.

[00:18:42] Pessoa 2 Como órgãos, hormônios, etc.

[00:18:46] Pessoa 2 Identidade de gênero.

[00:18:48] Pessoa 2 A identidade de gênero é a percepção subjetiva.

[00:18:52] Pessoa 2 Que cada indivíduo tem em relação ao seu gênero.

[00:18:58] Pessoa 2 Alguma dessas até agora você já conhecia?

[00:19:01] Pessoa 2 Todas, todas.

[00:19:03] Pessoa 2 Orientação sexual.

[00:19:07] Pessoa 2 Conhece, já sabe.

[00:19:08] Pessoa 2 Que é a capacidade de sentir desejo e atração sexual.

[00:19:13] Pessoa 2 A sigla.

[00:19:14] Pessoa 2 A sigla é interessante.

[00:19:16] Pessoa 2 LGBTQIA+.

[00:19:18] Pessoa 2 Você conhece a sigla bem?

[00:19:23] Pessoa 1 Conheço, conheço.

[00:19:26] Pessoa 1 E é o que mesmo?

[00:19:28] Pessoa 2 E ou?

[00:19:30] Pessoa 2 Intersexo.

[00:19:32] Pessoa 2 São as pessoas que antigamente eram consideradas hermafroditas.

[00:19:38] Pessoa 2 Que hoje se chamam intersexo.

[00:19:44] Pessoa 2 A são pessoas assexuais.

[00:19:48] Pessoa 2 Que é de queer.

[00:19:50] Pessoa 2 E o mais tem várias denominações.

[00:19:53] Pessoa 2 Tem dois.

[00:19:56] Pessoa 2 Que são as pessoas dois espíritos.

[00:19:58] Pessoa 2 Que eu acho que é um conceito muito relevante também.

[00:20:00] Pessoa 2 Porque são essas pessoas que antes da colonização.

[00:20:05] Pessoa 2 Já tinham umas configurações de gênero diferente.

[00:20:08] Pessoa 2 Essas pessoas de origem indígena das Américas.

[00:20:14] Pessoa 2 Que tinham dois ou mais espíritos.

[00:20:17] Pessoa 2 Esse espírito podia ser um espírito feminino.

[00:20:20] Pessoa 2 Um espírito masculino, por exemplo. Então

[00:20:22] Pessoa 2 Então tem esse dois ali dentro do mais.

[00:20:26] Pessoa 2 Tem o pé do pansexual, por exemplo.

[00:20:30] Pessoa 2 É, como fala aqui.

[00:20:33] Pessoa 2 O mais representa outras identidades, incluindo o pansexual.

[00:20:38] Pessoa 2 A pessoa trans, né?

[00:20:39] Pessoa 2 É uma pessoa que não se identifica com o gênero que foi asignado no nascimento.

[00:20:45] Pessoa 2 Queer.

[00:20:46] Pessoa 2 Conhece, né?

[00:20:48] Pessoa 2 Perfeito.

[00:20:49] Pessoa 2 Travesti.

[00:20:51] Pessoa 2 Você sabe a diferença entre travesti e trans?

[00:20:54] Pessoa 1 Sim.

[00:20:55] Pessoa 2 Perfeito.

[00:20:57] Pessoa 2 Bom, aqui eu explico que é uma identidade individual e política.

[00:21:01] Pessoa 2 Que principalmente reivindica as pessoas latino-americanas.

[00:21:09] Pessoa 2 Não binária.

[00:21:13] Pessoa 2 Cisgênero.

[00:21:15] Pessoa 2 Expressão de gênero.

[00:21:20] Pessoa 2 Você refere como a pessoa se mostra.

[00:21:22] Pessoa 2 Como se mostra o gênero para o mundo.

[00:21:25] Pessoa 2 De acordo com a aparência, atitude, etc.

[00:21:29] Pessoa 2 Heteronormatividade.

[00:21:31] Pessoa 2 Perfeito.

[00:21:33] Pessoa 2 Então todos esses conceitos nos ajudam a entender por que uma linguagem inclusiva.

[00:21:38] Pessoa 2 Aqui eu escrevi um texto, né?

[00:21:40] Pessoa 2 Que depois você pode dar uma olhada.

[00:21:44] Pessoa 2 Sobre a sociedade ocidental.

[00:21:49] Pessoa 2 Sobre a linguagem dentro desse contexto.

[00:21:54] Pessoa 2 Então, um espanhol inclusivo.

[00:21:58] Pessoa 2 O que eu tenho para dizer e o que ainda falta também.

[00:22:05] Pessoa 2 Muitas formas para não deixar por fora as mulheres.

[00:22:09] Pessoa 2 Pessoas com identidades LGBTs.

[00:22:12] Pessoa 2 Enunciadas em espanhol.

[00:22:17] Pessoa 2 Então, a primeira que temos aqui.

[00:22:21] Pessoa 2 A proposta é usar palavras genéricas e coletivas.

[00:22:25] Pessoa 2 Que você mesma já falou.

[00:22:29] Pessoa 2 Evitar os alunos, os meninos.

[00:22:32] Pessoa 2 E falar, por exemplo, o alunado.

[00:22:38] Pessoa 2 Perfeito.

[00:22:40] Pessoa 2 Depois, palavras de pessoa.

[00:22:44] Pessoa 2 Usar a palavra pessoa anteposta.

[00:22:47] Pessoa 2 Por exemplo, os alunos presentes.

[00:22:50] Pessoa 2 Os docentes.

[00:22:52] Pessoa 2 As pessoas alunas presentes.

[00:22:56] Pessoa 2 As pessoas docentes.

[00:23:00]	Pessoa 2	Usar a palavra pessoa anteposta.
[00:23:04]	Pessoa 2	Metonímios.
[00:23:05]	Pessoa 2	Os diretores.
[00:23:07]	Pessoa 2	Os juízes.
[00:23:08]	Pessoa 1	Direção.
[00:23:11]	Pessoa 2	O juzgado.
[00:23:13]	Pessoa 2	Desdobrar.
[00:23:16]	Pessoa 2	É uma opção que até você mencionou antes.
[00:23:20]	Pessoa 2	Ou evitar os alunos.
[00:23:22]	Pessoa 1	Falar. Perreta.
[00:23:37]	Pessoa 2	Perreta.
[00:23:29]	Pessoa 2	Perreta. Os alunos e as alunas.
[00:23:41]	Pessoa 1	O problema de desdobrar é que fica cansativo.
[00:23:50]	Pessoa 1	Às vezes no discurso.
[00:23:52]	Pessoa 1	Eu acho que dá para usar como uma introdução.
[00:23:57]	Pessoa 1	Por exemplo, se é um discurso.
[00:23:59]	Pessoa 1	Ou um texto.
[00:24:01]	Pessoa 1	Dá para usar no começo.
[00:24:02]	Pessoa 1	Mas eu acho que fica muito pesado se usar essa sempre.
[00:24:07]	Pessoa 2	Exatamente.
[00:24:09]	Pessoa 2	Antigamente era mais usado.

[00:24:16] Pessoa 2 Hoje em dia tem sido mais questionado.

[00:24:19] Pessoa 2 Até porque exclui.

[00:24:23] Pessoa 2 Só eu vou te trancar lá fora.

[00:24:27] Pessoa 1 Quieta. O

[00:24:29] Pessoa 1 O uso do é.

[00:24:30] Pessoa 1 Vou tentar ignorar ela aqui.

[00:24:34] Pessoa 2 Les alunes.

[00:24:37] Pessoa 1 Parece até francês.

[00:24:39] Pessoa 2 Aí depois.

[00:24:44] Pessoa 2 Explicar com detalhes.

[00:24:50] Pessoa 2 Então se reemplaza por.

[00:24:54] Pessoa 2 Mais informação.

[00:25:04] Pessoa 1 Tipo.

[00:25:06] Pessoa 2 Fica. É

[00:25:08] Pessoa 2 É bastante amplo, mas é uma forma também.

[00:25:11] Pessoa 2 Detalhar.

[00:25:12] Pessoa 2 O uso da barra.

[00:25:15] Pessoa 2 Por exemplo.

[00:25:16] Pessoa 2 Aluno.

[00:25:17] Pessoa 2 Aluna.

[00:25:18] Pessoa 2 Aluno.

[00:25:19] Pessoa 2 Alunos.

[00:25:21] Pessoa 1 Ok?

[00:25:23] Pessoa 2 Palavras e marcas de gênero.

[00:25:27] Pessoa 2 Por exemplo.

[00:25:28] Pessoa 2 Quem ou quem é.

[00:25:29] Pessoa 2 Para.

[00:25:30] Pessoa 1 Pareja.

[00:25:31] Pessoa 2 Estudante.

[00:25:32] Pessoa 2 Ou quem sabe.

[00:25:35] Pessoa 2 Sobre isso.

[00:25:38] Pessoa 2 Estruturas com se.

[00:25:40] Pessoa 2 Os alunos.

[00:25:41] Pessoa 2 Perguntam por a informação.

[00:25:42] Pessoa 2 Se pergunta por a informação.

[00:25:45] Pessoa 2 Não usar a marca de gênero diferente.

[00:25:49] Pessoa 2 Para saber qual é a que se usa.

[00:25:51] Pessoa 2 Para a pessoa.

[00:25:52] Pessoa 2 Destinada.

[00:25:54] Pessoa 1 Por exemplo.

[00:25:56] Pessoa 2 Se sabemos.

[00:25:57] Pessoa 2 Que a pessoa é.

[00:25:58]	Pessoa 2	Uma mulher. Se
[00:25:59]	Pessoa 2	Se reconhece uma mulher.
[00:26:01]	Pessoa 2	Usar.
[00:26:02]	Pessoa 1	Chefe.
[00:26:02]	Pessoa 2	Diretamente.
[00:26:03]	Pessoa 2	Usar.
[00:26:04]	Pessoa 2	Presidenta.
[00:26:05]	Pessoa 2	Diretamente.
[00:26:06]	Pessoa 2	Caso seja mulher.
[00:26:08]	Pessoa 2	Se sabemos que a pessoa é não binária.
[00:26:11]	Pessoa 2	Mudar o uso. Se
[00:26:12]	Pessoa 2	Se é masculino.
[00:26:13]	Pessoa 2	Mudar.
[00:26:15]	Pessoa 2	Determinantes e marca de gênero.
[00:26:19]	Pessoa 2	Os participantes deste projeto serão informados.
[00:26:23]	Pessoa 2	Cada participante deste projeto receberá a informação.
[00:26:29]	Pessoa 2	Omitir o determinante.
[00:26:34]	Pessoa 2	Poderão participar os estudantes do grupo B.
[00:26:37]	Pessoa 2	Poderão participar estudantes do grupo B.
[00:26:42]	Pessoa 2	É uma forma que é muito comum principalmente na linguagem jornalística.

[00:26:49] Pessoa 2 Estudantes foram encontrados.

[00:26:54] Pessoa 2 Preposição mais sustentável.

[00:26:58] Pessoa 2 Com aprovação.

[00:27:02] Pessoa 2 É uma lista.

[00:27:06] Pessoa 2 Eu acho que é uma lista aberta.

[00:27:08] Pessoa 2 Que ainda tem muita coisa para adicionar.

[00:27:12] Pessoa 2 Mas é uma lista que dá para.

[00:27:15] Pessoa 2 Dá para ter.

[00:27:16] Pessoa 2 E usar.

[00:27:18] Pessoa 2 E depois eu escrevo umas palavras finais.

[00:27:21] Pessoa 2 Que depois também você pode dar uma olhada.

[00:27:23] Pessoa 2 Se concorda.

[00:27:26] Pessoa 2 A ideia dessa guia.

[00:27:29] Pessoa 2 Repito.

[00:27:30] Pessoa 2 É auxiliar ao corpo docente.

[00:27:33] Pessoa 2 Para que não só repete bastante.

[00:27:36] Pessoa 2 Dos estudantes.

[00:27:38] Pessoa 2 Mas também para que oriente.

[00:27:41] Pessoa 2 A todos.

[00:27:42] Pessoa 2 A todas e todos.

[00:27:44] Pessoa 2 A respeitá-las.

[00:27:47] Pessoa 1 Posso tirar uma dúvida?

[00:27:49] Pessoa 2 Com certeza.

[00:27:50] Pessoa 1 Eu sei que aí na Argentina.

[00:27:52] Pessoa 1 Essa discussão é bem presente.

[00:27:56] Pessoa 1 Bastante presente.

[00:27:59] Pessoa 1 Eu acompanho mais a Argentina.

[00:28:03] Pessoa 1 E a Espanha.

[00:28:04] Pessoa 1 Eu sei também que tem bastante discussão sobre isso.

[00:28:08] Pessoa 1 Você sabe me dizer de outros países latino-americanos.

[00:28:11] Pessoa 1 Por exemplo.

[00:28:12] Pessoa 1 Eu acho o Peru muito conservador.

[00:28:13] Pessoa 1 Por exemplo.

[00:28:15] Pessoa 1 Eu não tenho informações sobre a Venezuela.

[00:28:18] Pessoa 1 A gente não tem muita informação. O

[00:28:19] Pessoa 1 O que chega para a gente de informação.

[00:28:20] Pessoa 1 É sempre sobre política.

[00:28:22] Pessoa 1 Nunca sobre.

[00:28:23] Pessoa 1 Ou economia.

[00:28:24] Pessoa 1 Nunca.

[00:28:25] Pessoa 1 Coisas.

[00:28:27] Pessoa 1 Informações sobre o povo.

[00:28:29] Pessoa 1 Não sei.

[00:28:31] Pessoa 1 Colômbia.

[00:28:32] Pessoa 1 México.

[00:28:33] Pessoa 1 Eu sei que eles têm uma discussão.

[00:28:35] Pessoa 1 Acolorada.

[00:28:35] Pessoa 1 Mas ao mesmo tempo.

[00:28:36] Pessoa 1 Eles também são um país muito conservador.

[00:28:38] Pessoa 1 Então.

[00:28:39] Pessoa 1 Como é essa discussão?

[00:28:42] Pessoa 2 Com certeza.

[00:28:43] Pessoa 2 Mas a Argentina é um dos países onde mais se discute.

[00:28:47] Pessoa 2 Onde mais está presente essa questão da linguagem inclusiva.

[00:28:53] Pessoa 1 Tanto que minha única amiga estrangeira que usa é a Argentina.

[00:28:56] Pessoa 2 Argentina.

[00:28:57] Pessoa 2 Com certeza.

[00:28:58] Pessoa 1 Sim.

[00:28:59] Pessoa 2 Então.

[00:28:59] Pessoa 2 No texto eu até falo.

[00:29:01] Pessoa 2 Que tem algumas instituições argentinas.

[00:29:03] Pessoa 2 Muitas instituições argentinas que usam.

[00:29:08] Pessoa 2 Que não só ensinam.

[00:29:09] Pessoa 2 Mas também que dentro dessas instituições.

[00:29:12] Pessoa 2 Os professores têm que respeitar.

[00:29:15] Pessoa 2 Quem usa.

[00:29:16] Pessoa 2 Quem prefere ser chamado.

[00:29:18] Pessoa 2 Caso contrário.

[00:29:20] Pessoa 2 O professor pode ser punido por isso.

[00:29:23] Pessoa 1 E aqui estão querendo proibir os professores de usarem.

[00:29:27] Pessoa 1 Olha só.

[00:29:28] Pessoa 2 Mas também tem uma.

[00:29:29] Pessoa 2 Como todas as questões.

[00:29:32] Pessoa 2 Tem essa outra parte também que quer resistir.

[00:29:35] Pessoa 2 Que quer manter a linguagem conservadora.

[00:29:39] Pessoa 2 O prefeito de Buenos Aires proibiu.

[00:29:43] Pessoa 2 Usar.

[00:29:43] Pessoa 2 Aquilo dentro das escolas também.

[00:29:47] Pessoa 2 Então é uma discussão que.

[00:29:50] Pessoa 2 Ou uma prática que é.

[00:00:00] Pessoa 2 Proibida também. Aí, em outros países, é uma discussão que tá sendo, né, que tá sendo, está presente, né, porque está presente na mídia, né? Ela tá presente nas redes sociais, por exemplo, então a informação tá aí. Todo mundo sabe que aquilo existe, muita gente sabe que aquilo existe, né, que aquilo tá sendo implementado, né, nas falhas, nos enunciados de muitas pessoas. Mas, com certeza, tem países mais conservadores que outros, né? O Peru é um bom exemplo disso, né? É um país onde eu sei que não é muito aberto a essas discussões mais progressistas. O México tem uma resistência importante do feminismo, tem um movimento feminista bastante forte, principalmente nos últimos anos, e eu vejo que lá a

discussão tá sendo cada vez mais avançada. Mas, mesmo assim, como você falou, é um país conservador. Já a Venezuela, a Venezuela é um país bastante conservador, na verdade. Tem uma parte do país que quer, né, tem uma vontade progressista, mas, por outra parte, a população fica muito nessa questão da ideológica, né, de ou esquerda ou direita, né? Aquilo que não é minimamente conservador já é a esquerda. Então, como tem essa questão dentro do país, né, essa questão muito polarizada, aí as pessoas não se abrem a aceitar outras formas, né, outras mudanças. Então, a Constituição da Venezuela, né, que é a Constituição de 99, é uma Constituição que propôs o governo do Hugo Chávez, é uma Constituição que desdobra o gênero. Dentro dela tá escrito los ciudadanos y las ciudadanas, ou las ciudadanas y los ciudadanos. Em toda a Constituição inteira tá escrita dessa forma.

[00:02:21] Pessoa 1 Já igualando homens e mulheres.

[00:02:24] Pessoa 2 É, então, é uma discussão que já tá, que começou a existir há muitos anos, né, já tem mais de 20 anos, né, daquilo. Mas que é um país ainda onde o casamento igualitário não existe, por exemplo, né, é um dos poucos países da América Latina onde ainda não tem o casamento igualitário, ainda não tem leis para pessoas, leis de gênero, regulamento para pessoas trans. Então, é um país que se be um pouco, não é, tipo, historicamente conservador, como o Peru, por exemplo. Ele, com essa questão da polarização, ficou um pouco atrás.

[00:03:14] Pessoa 1 Acaba perdendo um pouco o espaço, né, para outras discussões.

[00:03:19] Pessoa 2 Com certeza.

[00:03:19] Pessoa 1 Interessante.

[00:03:20] Pessoa 2 Então, sim.

[00:03:21] Pessoa 1 Interessante.

[00:03:23] Pessoa 2 É, mas é uma discussão que existe nas redes sociais, na mídia, com certeza, tem.

[00:03:30] Pessoa 1 Tá lá, né, tá presente.

[00:03:32] Pessoa 2 Tá presente, nas vozes políticas também, né, tanto na direita quanto na esquerda. O movimento feminista tem chegado aí, por exemplo. O movimento LGBT também tem penetrado esses espaços. Então, tem uma resistência, eu acho. Mais alguma dúvida, assim, sobre isso?

[00:04:00] Pessoa 1 Acho que não. Tá.

[00:04:02] Pessoa 2 Bom, depois você pode dar uma lida, né, no manual. E aí a gente vai ter uma outra reunião, eu gostaria que você participasse. Essa outra reunião vai ser com os outros entrevistados. Então, eu vou conversar com mais dois professores ainda, aí vou disputar os três. Aí são de diferentes cidades, né, se formaram em diferentes momentos, né, o NB, a gente vai discutir, né. Aí você dá uma olhada no manual antes. E, já para finalizar, eu gostaria de apresentar o que você acha sobre o manual apresentado até agora, até o momento.

[00:04:52] Pessoa 1 Eu gostei bastante. Eu achei legal, eu quero ter esse manual. Eu acho, inclusive, legal para mostrar para os alunos que tem o interesse, né. E é muito bom conhecer, porque as informações, às vezes, no Google, ficam muito dispersas. Você não sabe bem, tem que coletar a informação em muitos lugares, cada pessoa defende uma maneira. Então, ter isso tudo sintetizado num lugar é bem bacana. E até para dar opção também, como eu falei, eu sou tradutora. Então, ter essa opção de... Diz que o tradutor não tem personalidade, né, a gente tem que fazer o que o cliente quer. Então, se o cliente quer que a gente use uma linguagem não binária, é muito bom ter um manual para recorrer. Ter um material de trabalho, um material de consulta, que foi feito por uma pessoa que está terminando o mestrado. Que fez uma pesquisa. Então, não é um manual que alguém tirou da caixola do nada. Falar, olha, eu tenho um manual de consulta do professor Ressus. E aí, dividir também, compartilhar. Como professora, eu acho fundamental ter acesso ao manual e conhecimento para levar algo mais para os alunos que tenham interesse. A gente sente quando o aluno vai falar, não quero mais ter aula com essa professora por causa desse manual. Porque a gente fica por causa dessa polarização no Brasil também. Eu fico com medo de abordar temas que eu abordava com muita tranquilidade antigamente. Então, antes de 2016, que eu acho que foi essa ruptura que a gente teve como professor de espanhol. Eu tenho medo de falar a palavra Cuba e Venezuela na sala de aula. Porque eu já ouvi coisas absurdas de alunos, apresentando o trabalho e falando assim. Porque o Che Guevara foi o maior capitalista da história deste país. Porque hoje em dia as pessoas ganham muito dinheiro vendendo camisas do Che Guevara. Muito fácil. No ápice da nossa crise política de 2016, com impeachment sendo votado. E eu estava de mãos atadas, porque eu tinha medo. Eu tenho medo, às vezes, de reações exageradas. Somente quando as aulas são presenciais. Mas à distância, hoje em dia, como eu não estou trabalhando mais no NB idiomas, eu tenho medo de perder os alunos. Porque eu preciso do dinheiro. Então, a gente tem que sentir o aluno para saber como vai abordar e se vai abordar o tema. E como, como eu te falei, eu tenho medo de falar Cuba e Venezuela na sala de aula.

[00:07:51] Pessoa 2 Até esse nível, né?

[00:07:55] Pessoa 1 Porque a gente está aí passando por uma luta até, né? O espanhol foi tirado das escolas. E a gente está tentando colocar de volta. Então, saber onde entra essa discussão é uma coisa que a gente vai sentindo com o tempo. Mas eu acho muito importante a gente ter acesso a um manual. Ter acesso a um documento. Ter um lugar de consulta. E conhecer pessoas que a gente pode tirar dúvida.

[00:08:26] Pessoa 2 Teu WhatsApp. Ah, com certeza.

[00:08:30] Pessoa 1 Ter pessoas que a gente consiga conversar, discutir. Vi isso, vi aquilo. O que você acha? Acha bacana? Pode usar? Não é legal? As discussões que eu vejo a respeito, normalmente são discussões muito preconceituosas e conservadoras. Então elas sempre entram no campo disso. É um absurdo. É sempre isso, sabe? As pessoas vão na norma e se apegam na norma como se aquilo fosse um código imutável. E a constituição da língua, né? As pessoas acham que a norma gramatical é a constituição da língua. E que a gente precisa de três sessões com três quintos para votar uma mudança na norma. Sem entender que a língua é volátil, né? Que a norma vem depois. Ela não vem antes. Ela não é precursora da língua. Ela só é uma consequência. E uma consequência bem problemática também. Porque aí vem outras discussões que a gente vê. Que vem a partir daí. Quem criou a norma? Então a norma é racista. Porque a norma não foi criada de acordo com a linguagem dos... No Brasil, por exemplo, a norma não foi criada de acordo com a linguagem das pessoas negras escravizadas. No espanhol, a norma, quando cita a América Latina, ela não leva em consideração populações dos Andes, por exemplo. Então a norma, ela é racista. Ela é elitista. Ela é... Porque é isso. Porque ela é feita para alcançar... Ela é feita por esta população, desconsiderando as outras. Então ter esse tipo de discussão dentro das universidades é também quebrar um pouco esse paradigma de que a RAE está acima de Deus. Está acima do bem e do mal. Nossa, ela é... Não é que eu odeie a RAE, não é isso. Eu respeito muito, consulto sempre os dicionários. Mas a gente tem que entender como ela surgiu. Onde ela existe? Quem são as pessoas que a compõem? E quem financia? Quem é que financia a RAE? Além do rei da Espanha.

[00:11:05] Pessoa 2 Exatamente. Com que dinheiro também? Com

[00:11:07] Pessoa 1 Com que dinheiro eles fazem trabalho? Trabalho?

[00:11:09] Pessoa 2 trabalho? Trabalho? Quem gera esse dinheiro também?

[00:11:12] Pessoa 1 Quais são os interesses por trás? Quais são os interesses mercadológicos por trás? Tudo isso é uma discussão que a gente tem que colocar também dentro dessa discussão de raça e gênero na língua. Eu tive uma discussão uma vez com uma colega, não vou dizer o nome, mas estrangeira, que ela defendia que a gente não podia falar médica, só médico, porque no espanhol não existe. Eu falei, mas está no dicionário. Ela, não, mas o correto é só médico. Eu falei, mas mulheres também são, mas não precisa, porque é um masculino... e nova. Ela tinha a minha idade. Mas de uma formação tão conservadora... Ela se formou no país dela, não se formou no Brasil. Mas de uma formação tão conservadora que eu acho que... Então, a gente tem que ter. E essa discussão, eu acho que ela tem que ser feita nas universidades para elas chegarem até as salas de aula, nas salas dos professores. Aqueles debates em sala de professor, que um chega com uma novidade e o outro chega com outra, e o outro chega com uma experiência. Tudo tem que estar ali para a gente enriquecer também e sair um pouco, porque... Eu tenho vários manuais aqui. Eu tenho alguns aqui atrás e tem uns na minha estante, ali na sala. E

se eu te contar quantos manuais desse, quantos livros didáticos tem uma pessoa negra dentro, eu vou te falar um, dois, que é os novos da Difusión, que eles estão com... tentando deixar a foto das pessoas dentro do livro mais diversa, mas ainda não existe um casal LGBT. Eu acho que, na verdade, eles estão evitando tratar desse assunto. Antigamente era comum... É isso, eu ainda não tinha me dado conta. Antigamente, nos livros didáticos, era comum encontrar um casal, Maria e Juan. Hoje em dia eles não tratam mais casais, são só amigos.

[00:13:22] Pessoa 2 É, pelo menos, né? Porque

[00:13:24] Pessoa 1 Porque eu acho que é para evitar. Mas aquele site do Profedele, eles colocam casais homofetivos nas unidades didáticas. Eu já peguei duas unidades didáticas que tinha. E é um material usado por professores de espanhol do mundo todo.

[00:13:45] Pessoa 2 Exatamente.

[00:13:46] Pessoa 1 Porque tem colaboração de muitos professores, né? É muito legal.

[00:13:50] Pessoa 2 Esse é o que tem, né? Tem o que mais fácil acesso, né?

[00:13:57] Pessoa 1 Então, achei bem legal. Acho que a gente tem que colocar a discussão aí para jogo. No espanhol e no português também. O espanhol tem uma observação mais. As línguas estrangeiras no Brasil ainda são muito elitistas, né? Por mais que a gente tenha... Por mais que a gente tenha tido espanhol nas escolas por um tempo, ainda é um espanhol ou inglês muito... Muito para você fazer uma provinha do vestibular. Ele não aborda a língua de uma maneira cultural e complexa como deveria. Então, a gente ainda está falando de um ponto de vista de... Em geral, não todo mundo. Professores que têm acesso... Eu não venho de uma família rica, mas eu tive acesso à educação. Eu tive acesso à escola. Eu tive água tratada, esgoto, né?

[00:14:56] Pessoa 2 Coisas básicas que...

[00:14:58] Pessoa 1 Coisas básicas que a gente sabe que a maioria da população não tem. Então, se a gente pensa desse ponto de vista, língua estrangeira no Brasil ainda é um privilégio. Estudar língua estrangeira é um privilégio. E dentro das universidades, quando você fala, apesar das cotas terem ajudado muito, as pessoas que acessam as cotas ainda são uma parcela um pouco mais privilegiada dentro dos mais pobres. Porque as pessoas mais, mais, mais pobres mesmo não conseguem permanecer dentro das universidades. Então, a gente ainda tem um corpo docente, um corpo decente que talvez esteja... tenha começado há poucos anos a se preocupar por questões de raça e gênero dentro das universidades. Está caminhando, já avançou muito. Eu vejo isso porque até o começo da pandemia eu dei aula presencial na UNB. Então, você vê que a cara da universidade mudou. A maneira de se expressar dos alunos se mudou. Mas a gente ainda vê que é o comezinho, assim. Tem muito caminho, porque é uma bolha muito pequenininha que não rompe as barreiras da universidade. Ela fica dentro da universidade. E

quando você sai de lá e você vai para a iniciativa privada, são poucas empresas que aceitam essa expressão de gênero. Então, a pessoa talvez tenha que dar uma mudadinha quando vai para o mercado de trabalho.

[00:16:35] Pessoa 2 Que é onde você está agora? Você está na iniciativa privada?

[00:16:39] Pessoa 1 Não, eu pedi demissão da UNB idiomas e eu abri a minha própria empresa. Então, agora eu faço as coisas do meu jeito. Estou ganhando muito dinheiro? Não. Mas não me levam mais desaforo para casa. Queria ter férias remuneradas? Queria. Mas as nossas condições de trabalho estão tão precárias que a gente está tendo que partir para abrir o nosso CNPJ. Porque depois da reforma trabalhista, as coisas ficaram muito feias.

[00:17:14] Pessoa 2 Eu estou igual.

[00:17:16] Pessoa 1 Você também está CNPJ?

[00:17:18] Pessoa 2 Igual, eu sou microempreendedor.

[00:17:20] Pessoa 1 Microempreendedor, eu não. Porque tradutor não pode ser MEI, né? E a gente tem que emitir nota. Então, eu tive que abrir uma MER microempresa, né? Pelo Simples. Mas fica tranquilo.

[00:17:31] Pessoa 2 É a mesma coisa, gente. O microempreendedor pode emitir nota, né? Só que também pode não emitir.

[00:17:39] Pessoa 1 Não emitir. A diferença é que MEI tem que ter contador. Aí o custo é um pouquinho maior. Mas aí, hoje em dia, não está tão caro. Não que a gente consiga essas empresas online de contabilidade. Que aí fica R\$120, R\$130 por mês. Fica mais barato. Mas é isso, né? Muitas, muitas discussões que vêm a partir daí. Porque nunca é uma coisa só. São sempre muitas coisas juntas. Eu terminei de ler o mês passado o livro do professor Gabriel Nascimento,

[00:18:13] Pessoa 2 Que é sobre racismo linguístico.

[00:18:15] Pessoa 1 E aí eu acho que isso entra muito dentro do acesso à língua estrangeira no Brasil, né? E como a gente está falando de professores que vêm de uma determinada classe social, talvez esses professores não estejam ainda tão interessados em abarcar, porque são professores muito conservadores. Eu vou falar menos dos professores de espanhol, porque eu acho que o espanhol tem essa veia latino-americana revolucionária, sabe? De Bolívar. Então, eu vejo muito... É muito difícil achar um professor de espanhol muito conservador. É muito difícil. Quando eu vejo um, eu falo... What the fuck? Como é que você fez graduação no mesmo lugar que eu? Porque é muito raro. É muito raro um professor de espanhol muito

conservador. Normalmente ele não é formado na UNB. Ele é formado em outros lugares.

[00:19:09] Pessoa 2 Em particular, principalmente, né?

[00:19:10] Pessoa 1 Em particulares, principalmente. Ou, por exemplo, algum colega peruano que eu tenho. Alguns colegas que, né?

[00:19:18] Pessoa 2 Sim, que tem uma formação de fora.

[00:19:20] Pessoa 1 Que tem uma formação cultural diferente. Então, o espanhol é menos conservador. Eu vejo muito no inglês. O inglês é muito conservador. A formação do inglês. É muito, mas muito, mas muito. Até na forma de tratamento dos alunos.

[00:19:34] Pessoa 2 Que trata alunos de criança. Aqui é a mesma coisa, sim.

[00:19:39] Pessoa 1 É isso. Então, voltando àquela pergunta, a gente tem que colocar na universidade para os professores saírem de lá mais bem preparados para o mundo real, né?

[00:19:53] Pessoa 2 E não só fica dentro das universidades públicas onde essa discussão acontece, né?

[00:20:01] Pessoa 1 Outro ponto importante é toda instituição normalmente trabalha com material didático. Sendo material de uma editora. Sendo material desenvolvido pela própria instituição. Eu prefiro trabalhar com os das editoras. Porque você pesquisa uma boa editora e você pega uma que tenha mais ou menos a sua cara. Mas até os materiais das melhores editoras é um espanhol muito amarradinho. Então, é aquele espanhol que não é para o aluno chegar em uma festa na Argentina e conseguir conversar com todo mundo. Ele ainda tenta ser um espanhol bem...

[00:20:40] Pessoa 2 Qual é a palavra? Bem... Hegemônico, né?

[00:20:46] Pessoa 1 É, eu não gosto da palavra como se existisse no espanhol estandar, mas é como se fosse, sabe?

[00:20:50] Pessoa 2 Hegemônico, né?

[00:20:52] Pessoa 1 Então, assim, não entram muitas expressões idiomáticas. É óbvio, não tem como entrar, porque senão você tem que fazer um manual para a Argentina. Um manual para o Peru. Um manual... Eu entendo isso. Eu entendo que é muito difícil você colocar muitas expressões, porque senão você vai ter que fazer um manual para cada país. Do mundo hispano. Mas, ainda assim, eu acho muito engessado. Aí você pensa. Com outras coisas do cotidiano. Já é um manual muito engessado? É um manual que desconsidera muitos países da América Latina?

Imagina, você vai considerar uma questão de gênero, né? Você não vê nos manuais, por exemplo, a conjugação dos verbos lá no final do livro e tem um vos.

[00:21:36] Pessoa 2 É.

[00:21:36] Pessoa 1 Ele explica. Sempre tem um lugar na unidade que ele aparece, mas é assim, assim, meia página, sabe? É um negócio pequenininho. É muito complicado.

[00:21:48] Pessoa 2 Tem manual que nem tem, né?

[00:21:50] Pessoa 1 Nem tem. Tem manual que não tem. Aí, quando tem, é um negócio meia página. Imagina, se tiver uma questão de gênero, vai ser uma nota de rodapé, assim.

[00:22:00] Pessoa 2 Eu acho que tem que partir do professor mesmo. Eu trabalho com os meus próprios materiais, muitas vezes. Eu também.

[00:22:06] Pessoa 1 É. Tem que partir do próprio professor.

[00:22:09] Pessoa 2 Levar sempre coisa extra. Criar. A gente tem que criar muita coisa, né? Mas é isso, Camila. Eu acho que foi uma discussão muito boa. Ainda está sendo. Vai ser uma discussão boa. Eu vou te mandar o manual para você dar uma olhada depois. E o chat do WhatsApp fica aberto sempre, né? Se você tiver uma dúvida, se você quiser trocar uma ideia sobre isso, sobre qualquer coisa também. Se quiser desabafar sobre a vida do professor, também está aberto para isso.

[00:22:40] Pessoa 1 Vamos aí. Você também pode me chamar.

[00:22:43] Pessoa 2 E eu vou te chamar. Vou te contatar depois.

[00:22:47] Pessoa 1 Ah, você me avisa.

[00:22:48] Pessoa 2 Aí eu vou te avisar.

[00:22:49] Pessoa 1 Desculpa o atraso. É que eu terminei uma aula e aí eu precisava muito tomar uma água e eu fui pro banheiro antes.

[00:22:56] Pessoa 2 Não, de boa, de boa. Obrigado pela atenção, né? Obrigado por ter se interessado.

[00:23:03] Pessoa 1 Eu que agradeço.

[00:23:04] Pessoa 2 Eu vou te mandar também depois uma folha que você tem que

assinar. Tá bom. De consentimento. Só eu vou te pedir para não colocar a data ainda. Porque eu estou ainda no processo da Plataforma Brasil. A plataforma precisa me autorizar. Então, eu já entrei no processo. Então, eu queria adiantar um pouco. Então, eu preciso de eles me autorizarem ainda para colocar a data. Então, eu vou te mandar depois. Tudo bem?

[00:23:37] Pessoa 1 Tá certo.

[00:23:39] Pessoa 2 De repente, posso... Acho que dá para mandar quando a gente fizer a reunião entre os outros professores. Aí manda para os três e assina no final.

[00:23:51] Pessoa 1 Tá certo.

[00:23:51] Pessoa 2 Então, muito obrigado por ter participado. Eu Eu

[00:23:53] Pessoa 1 Eu Eu que agradeço pela conversa. E a gente

[00:23:56] Pessoa 2 E a gente fica falando, né?

[00:23:57] Pessoa 1 Muito, muito, muito obrigada.

[00:24:01] Pessoa 2 Tá, ótimo final de semana.

[00:24:02] Pessoa 1 Ótimo fim de semana para você também. Divirta-se.

Participante 2

Pessoa 1: entrevistador

Pessoa 2: participante 2

[00:00:00] Pessoa 1 A primeira pergunta é sobre esse tópico da linguagem inclusiva. Qual é a sua opinião sobre, qual a opinião você tem sobre a linguagem inclusiva ou também conhecida como a linguagem neutra?

[00:00:17] Pessoa 2 Bom, eu acho que é importante, é importante para a gente tentar incorporar outros sujeitos também, nos atos de fala. Claro, não todos estamos preparados para utilizá-la, falta muitos materiais didáticos, inclusive, te parablenizo pela criação e por tentar preencher essas lacunas existentes, que eu acho muito importante, e vai ajudar muito, vai contribuir muito, principalmente no que se refere ao ensino de espanhol como língua estrangeira. Muitos alunos, enquanto eu fui professor substituto de língua espanhola na Universidade de Brasília, muitos alunos do ECA, Línguas Estrangeiras Aplicadas à Multilinguismo da Sociedade da Informação, sentiam essa necessidade, porque muitos se caracterizavam, se identificavam como não binários, pessoas que precisavam usar esses termos, esses tipos de linguagem, e bom, eu não tinha conhecimento. Busquei na internet e o que havia eram pequenas sugestões e algumas dicas. Não havia um estudo mais aprofundado e um material mais condensado, mais embasado cientificamente, talvez eu possa dizer assim, com mais teoria. Então, sentia muito essa carência, essa necessidade, porque o meu público me pedia. Então, quando o público, os alunos, que são os personagens principais, os atores do processo de ciência e aprendizagem, eles demandam isso, então é importante que a gente, como professores, tenhamos essas ferramentas e saibamos como trabalhá-las em sala de aula, né? Porque a gente tá dando aula não é pra gente, é pro outro, e se o outro nos pede, nos tem essa demanda, então é realmente importante que a gente saiba como direcionar e saiba como tratar isso em sala de aula também. Eu vou sentir muita falta, então, essa é a minha opinião.

[00:02:09] Pessoa 1 E o que você aprendeu sobre a linguagem inclusiva na sua formação na universidade?

[00:02:15] Pessoa 2 Nada, nada, nada, ou seja, não se falou, não se comentou, nada, nada, nada, realmente nada. Só os colegas que comentavam coisas, a gente que buscava na internet, enfim, é isso, então a gente não teve nenhuma formação específica nessa área. Poderíamos ter, quem sabe, né? No nosso curso de liderança espanhol, a gente tem um curso de usos especializados do espanhol. Pra não dizer que eu não aprendi nada, nada, nada, teve um colega, não sei se conhece, foi orientando, que é o Pedro Ramos, que ele trabalha com essa temática e ele tratou, em uma dessas aulas, sobre a terminologia, a linguagem, a sigla, a sigla, enfim, com os alunos, a gente, né? Com a graduação, ele era nosso colega, enfim, a gente tinha que apresentar. Eu tratei sobre o léxico de arte especializado, né? A arquitetura, a arte, enfim, cada um das aulas foi responsável por alguma coisa. Então, ele tratou. Então, nessa matéria, poderia ter tido um espaço pra isso? Poderia, teve, teve, mas não foi um professor, foi o próprio, né? O próprio corpo estudantil decente, que escolheu tratar sobre isso e preencheu um pouco dessa carência, talvez, né? Mas na formação específica, não tivemos nada

sobre isso.

[00:03:45] Pessoa 1 Entendo. E você se formou em qual o ano da universidade?

[00:03:52] Pessoa 2 Eu entrei em dois mil e quinze pra letras tradução francês, foi diferente de letras espanhol e eu queria ser professor, né? Então, eu troquei pra licenciatura e eu fiz a mudança pra letras espanhol. Eu comecei efetivamente em dois mil e dezesseis, né? No espanhol, porque teve todo o trâmite burocrático, enfim. E aí, eu fazia os dois cursos ao mesmo tempo, então, francês e língua espanhola, tem duas graduações nas duas línguas, então, e é isso, e eu terminei em dois mil e dezoito, mas foi um percurso aí um pouquinho bagunçado, mas entrei em dois mil e quinze e saí em dois mil e dezoito, nas duas.

[00:04:29] Pessoa 1 É, rapidinho também, né? Demorou muito, não?

[00:04:32] Pessoa 2 Não, eu sou ligeiro, sou bem rápido e ansioso.

[00:04:37] Pessoa 1 Ansiedade.

[00:04:38] Pessoa 2 Muita, muita.

[00:04:40] Pessoa 1 E você acha que todo docente de espanhol deveria aprender essa Língua inclusiva na sua formação? Por quê?

[00:04:49] Pessoa 2 Eu acho que fica muito taxativo. Deveria aprender? Eu acho que a pessoa deveria buscar como forma de complementação pedagógica, talvez, né? Não sei se deveríamos dizer deveria, como deve, é obrigatório, né? Enfim, já começamos mal, porque ninguém é obrigado a nada, na verdade. Eu acho que aquelas pessoas que se interessam e têm uma demanda, acho que sim poderiam buscar o conhecimento, buscar formas de complementação pedagógica e se surgir dúvidas também, se o material tiver disponível na internet, material bom, acessível, ou inclusive a venda também por um preço justo, por que não, né? Mas eu acho que deve ser livre, né? A gente poderia convidar os professores, né? Acho que seria uma boa ideia, mas nada de impor, né? Acho que a

[00:05:40] Pessoa 1 Parte do que a gente não gosta, não quer, né?

[00:05:45] Pessoa 2 Exatamente.

[00:05:46] Pessoa 1 Se pretende deconstruir, né? E que formas de linguagem conhece?

[00:05:54] Pessoa 2 Eu acho que essa de trocar, né? As vogais temáticas, os morfemas, né? Enfim, por um arroba, por um e, e basicamente essas. Mas isso. Do inglês a gente tem mais conhecimento, né? Porque a gente vê mais em séries, né? E também não tem tanta essa, essa formação das línguas românicas, né? Que a gente tem, o masculino, o feminino. No inglês também é mais fácil, também a gente consegue entender, porque tem mais acesso também, né? Talvez eu poderia dizer, as séries, por exemplo, que eu vejo, né? Enfim, as discussões em inglês, eu acho que

tem mais disseminação, se eu posso dizer.

[00:06:38] Pessoa 1 Olha, interessante.

[00:06:40] Pessoa 2 Ah, desculpa, em francês também, né? Como eu também tenho agradação em francês e também converso muito. Então, em francês é muito comum, por exemplo, esse tipo aqui. Por exemplo, porque o masculino é assim. Amish, por exemplo. O feminino Ami, né? Não sei se você sabe. E aí a gente faz o seguinte, a gente coloca assim, e aí a gente coloca assim, se a gente quiser no plural. Então, a gente separa por um ponto.

[00:07:09] Pessoa 1 Para ser inclusivo. Mas acaba sendo binário, né?

[00:07:17] Pessoa 2 Não sei, agora, não sei dizer, mas assim, acaba utilizando para todos, né? Talvez, acho que seria.

[00:07:22] Pessoa 1 É, porque, por exemplo, em espanhol, a gente faz assim também, né? Todos, né? E aí coloca toda. Também, essa aqui é uma forma, é uma das formas da linguagem inclusiva. É binária, né? Acaba sendo binária.

[00:07:38] Pessoa 2 Ah, certo. Bom, aí já é uma confusão terminológica minha. É, essa daí seria. Essa

[00:07:44] Pessoa 1 Essa aí, mas essa aí é binária também, né? E ela é meio que um O e ao mesmo tempo um A.

[00:07:52] Pessoa 2 Certo. É, realmente, essa no português também se usa muito, né? Mas assim, às vezes, muitos professores, muita gente, inclusive, já se comentou que dá uma quebra no texto, né? No ritmo do texto. Essa ruptura, né? Com a barra. Ou a barra também. A barra, a barra oblíqua. Dá uma ruptura, dá uma quebra. A barra, você Uma quebra. A barra, você

[00:08:13] Pessoa 1 uma quebra. A barra, você Uma quebra. A barra, você tá falando da barra. Da barra oblíqua, a barra. Sim, sim. Dá, com certeza, né? Para ler, né? Na oralidade fica difícil.

[00:08:23] Pessoa 2 Sim, quebra muito o ritmo do texto.

[00:08:27] Pessoa 1 E para que você acha que é usada a linguagem inclusiva?

[00:08:32] Pessoa 2 Acho que pelo próprio nome, né? Pra incluir, né? Pra incluir aquelas pessoas e não deixá-las naquele lugar de escanteio, né? Talvez, eu acho que é isso. Eu não tenho uma definição mais, enfim, mais embasada, né? Teoricamente, mas eu acho que tem um objetivo aqui. Mas é isso, acho que pra incluir, né? Pra tentar fazer o outro pertencer ao diálogo, ao discurso, à comunicação, à interação, abranger mais público.

[00:08:58] Pessoa 1 Você já falou um pouco sobre isso, mas eu queria que explicasse um pouco melhor que quais estudantes você acredita que gostariam de aprender a usar a linguagem

inclusiva em espanhol?

[00:09:10] Pessoa 2 Eu tenho certeza que os jovens, né? Esse público que acaba de entrar na universidade, inclusive, foi o público com quem eu tive contato e experiência, então eu posso falar desse público em específico porque eu tive essa experiência. Não que os adultos não tenham conhecimento, né? Eu tenho alunos particulares que eles trabalham com leis, né? Trabalham no âmbito judiciário, enfim, no âmbito escolar, e eles precisam saber também, precisam ter esse conhecimento, né? Então, esses alunos também acabam, esporadicamente, citando, enfim, mas não se aprofundam muito, mas eles citam, né? Perguntam, ah, como se falaria isso em espanhol? E eu costumo dizer que é bem parecido com o português, né? A gente tem muitas semelhanças, inclusive essa, né? Então, acho que fica mais fácil. Agora, no francês, os meus alunos de francês tem um pouquinho de dificuldade, né? Porque o feminino, masculino, já gera uma certa dificuldade, a formação do gênero, né? E do número em francês é um pouco mais complexo, né? Então, os alunos sempre tem um pouco mais de dificuldade.

[00:10:12] Pessoa 1 Exatamente. É um pouco mais similar, né? Entre português e espanhol. Tá. Então, você já teve estudantes que tivessem gostado que você usasse a linguagem inclusiva com eles?

[00:10:27] Pessoa 2 Não necessariamente que usasse, né? Eu acho que nesse sentido, acho que eles estavam também sendo pacientes com a gente, né? Se eu posso dizer essa palavra. Mas eles queriam aprender pra usar entre si ou pra usar em outras formas, na vida, enfim, porque nesse curso eles estão usando as línguas que eles têm que aprender, inglês, francês e espanhol, pra aplicá-las à sociedade da informação. Então, eles fazem trabalhos de legendagem, audiovisual, trabalho com corporas, né? Linguística de corpora, eles trabalham fazendo conferências internacionais, eventos, enfim, tem uma série de especificidades da área. Então, pra eles é importante ter esse preparo, né?

[00:11:11] Pessoa 1 Entendi. Bom, então, agora que já conheço um pouco sobre a sua, o seu panorama de conhecimento sobre a linguagem inclusiva, vamos apresentar esse manual. Mas é bastante, né? Assim, tem muita gente que não sabe nada, né? E agora, então, eu vou apresentar esse manual que eu criei recentemente sobre a linguagem inclusiva. Nesse caso, é uma guia para o espanhol inclusivo. Ele está escrito tudo em espanhol, né? Para os professores de espanhol, para que os professores de espanhol possam consultar, né? Está em construção, né? É.

[00:11:56] Pessoa 2 Já pela diagramação, está muito bom. Você tem algum curso de diagramação, alguma coisa nesse sentido?

[00:12:00] Pessoa 1 Não, não. Eu fiz.

[00:12:03] Pessoa 2 Foi no Feeling?

[00:12:04] Pessoa 1 Foi, foi, foi mesmo. É, eu já fiz, eu já tinha feito algumas coisas, assim, mas é tudo autodidata.

[00:12:13] Pessoa 2 Se precisar de revisor, ainda que eu não saiba muito mais, assim, né? Pra revisar depois de pronto.

[00:12:19] Pessoa 1 É, é uma boa também, né? Sempre bom ter uma outra visão, né? Além da nossa. Aí, esse manual, ele tem uma introdução, uns conceitos relevantes, né? Antes de... Por que uma linguagem inclusiva? Depois, as formas de espanhol inclusivo. Depois, umas palavras finais que eu fiz. Aqui nesse terceiro, eu acho que eu falo um pouco, né? Sobre isso, sobre por que linguagem inclusiva e não linguagem neutra, né? Então, aqui na tradução, eu acho que já comento um pouco sobre isso, né? Essa guia tem a intenção de ser uma ferramenta para que o professorado espanhol possa consultar, para que o ensino seja um ato mais comprometido com todas, todos e todes. E... Aí um... Aqui tem uns conceitos relevantes, né? Que eu acho necessário ver se todos os professores sabem. Por exemplo, a linguagem androcêntrica, né? Que é o masculino, né? Como forma genérica para denominar todas as pessoas. Aqui eu explico um pouco a diferença entre gênero e sexo. Que são muitas, na verdade, né? Muitas teorias sobre essas diferenças. Mas aqui tem algumas... Tem um resumo do que eu entendo, né? Que é o gênero como uma construção.

[00:13:47] Pessoa 2 Só uma coisa, assim, que acho que não sei se tem muito a ver. Mas Fidel não pediu para você colocar uma nota de rodapé falando, não explicando. Eu me baseio nesta definição, nesta teoria.

[00:13:57] Pessoa 1 Pois é. Não, falou. Não falou, mas eu acho que pode ser importante fazer isso. Mas é para isso que eu quero também, né? Eu quero ver, tipo, o feedback dos outros professores para modificar depois, né? Porque é um manual que está em construção. Aí no próximo, né? Tipo, no próximo encontro que você vai ler, se quiser, né? Se puder. Você pode ler com mais paciência o manual. E depois no próximo encontro a gente conversa um pouco mais sobre o que falta. O que tem a mais, etc. Né? Mas a ideia é que seja um manual simples, né? Que não seja uma coisa, uma questão acadêmica, assim, academicista, né? Que seja uma coisa que todos os professores possam consultar. Claro. Tem que ter, tipo, muita informação, assim. Mas aí depois tem identidade de gênero, né? Que é a processão, a orientação sexual, né? E você conhece essas diferenças, né?

[00:14:59] Pessoa 2 A sigla.

[00:15:00] Pessoa 1 Você conhece a sigla, né? Não toda, né?

[00:15:03] Pessoa 2 As primeiras. Depois acho que porqueja fica mais difícil.

[00:15:07] Pessoa 1 Fica, né? Aí tem o mais, né? Que aqui eu falo que representa outras identidades. No caso pansexual. Tem o dois também, que é dois espíritos, né? Que é uma identidade indígena das Américas. Aí esse dois espíritos é como antes da colonização. Muitos das comunidades, das sociedades daqui da região se identificavam não só com dois gêneros, né? Mas outros. Então tinha algumas pessoas que se identificavam como dois espíritos, né? Que tinha espíritos masculinos e espíritos femininos dentro. Então eram dois espíritos. Aí isso continua sendo uma identidade para algumas comunidades. Então foi inclusa na sigla. Isso principalmente nos Estados Unidos, né? Que é um lugar onde se modifica muito essa sigla também, né? Um grande referente da gente sobre a questão do gênero. E... É. Aí tem outras coisas mais, né? Depois tem trans, né? A pessoa que não se

identifica com o gênero assignado. Queer. Você conhece também essa diferença entre queer e trans? Travesti.

[00:16:42] Pessoa 2 Sim, sim, sim, né?

[00:16:44] Pessoa 1 Não, mas... Tudo bem. É que tá confuso, né? Porque uma nota em espanhol, a gente tá falando em português.

[00:16:51] Pessoa 2 Exatamente.

[00:16:51] Pessoa 1 Uma hora eu vou começar a falar espanhol aqui também. Travesti, sabe a diferença entre travesti e trans?

[00:17:02] Pessoa 2 Acho que não, né? Acho que a gente tenta evitar muito essa... Seria mais a... Da forma como se apresenta. Não necessariamente mudou, não é? O gênero. Só a forma como se apresenta, talvez. Na verdade... Não sei se poderíamos citar.

[00:17:18] Pessoa 1 Como uma expressão, né? Uma expressão de gênero. Mas, na verdade, a pessoa travesti é uma pessoa trans.

[00:17:27] Pessoa 2 Sim.

[00:17:28] Pessoa 1 É uma pessoa trans, só que é uma identidade individual e política também. Que é replicada por mulheres trans latino-americanas, principalmente. E... Que é além do gênero, né? Porque é uma questão política. É uma questão social. Elas... Foi formada como um termo pejorativo no início. Aí elas resgataram esse termo. Hoje em dia tem muitas mulheres trans da América Latina que se reivindicam como travesti. E não como trans. E a pessoa trans é uma pessoa que sempre foi vista como uma pessoa binária até. Uma pessoa que não ia pra rua trabalhar, por exemplo. Que não teve essa grande dificuldade que teve a mulher travesti. Então, é um termo político, eu acho. Mas tem muita, por exemplo, aqui... Lá no Brasil tem... Tem muita... Muita... Travesti famosa hoje. Por exemplo, a Líbia Quebrada, né? Que ela se entende como uma pessoa travesti.

[00:18:41] Pessoa 2 Poderíamos dizer Pablllo Vittar também, talvez?

[00:18:44] Pessoa 1 A Pablllo Vittar é mais uma Drag, né? Que é... É tipo... Acho que o gênero... Não sei se é não binário, na verdade. Mas... Talvez seja inclusive homem. A sua identidade. E... Que personifica o feminino dentro do drag, da personagem, né? Então, não é tanto uma pessoa trans, na verdade. O que eu entendo, né? Porque se for uma pessoa não binária, já é trans, né? Porque é uma pessoa que não... Que não se identifica com o gênero que lhe foi assignado no nascimento. Que é a pessoa não binária. Depois você vai... Pode ler...

[00:19:37] Pessoa 2 Com mais calma.

[00:19:38] Pessoa 1 Com mais calma. E na próxima reunião a gente conversa um pouco sobre os termos. Se tiver alguma dúvida. E... A pessoa cis gênero, né? Entende o que é a expressão de

gênero. O patriarcado e a ternonormatividade, né? Que são conceitos que eu acho que... Talvez para uma pessoa como você, né?

[00:19:58] Pessoa 2 Como a gente.

[00:19:59] Pessoa 1 Que é... Tem um pouco mais de conhecimento sobre o tópico. São conceitos básicos. Mas tem muito professor que talvez precise, né? Desses conceitos. Depois aqui. Por que o linguagem inclusiva? Porque linguagem inclusiva não é uma linguagem neutra. Bom, porque neutro... Tipo, tem uma... Uma questão, né? Não sei se é. Não sei se chega a ser neutro. Então, tem alguns trabalhos, né? Que... Inclusive no Brasil, né? Onde é usado a palavra neutro. É... Tipo, não... Que dizem que... É mais... Realista. Falar inclusivo, né? Porque abrange, né? Uma outra... Exatamente, abrange. Uma gente e tal.

[00:20:51] Pessoa 2 Exatamente. Eu acho, inclusive, melhor. Porque neutro... E para quê, né? Tem toda essa questão. E realmente não acaba sendo neutro, né?

[00:21:04] Pessoa 1 Não, não. Tem um viés aí, né? Tem um lado, né? Então, nada é neutro, eu acho. E... Aí... Bom, depois você pode dar uma lida melhor, né? E... Tem alguns dados aqui sobre a Real Academia Espanhola. Dentro de 2020. Dentro de 2020 eles fizeram um informe. Negando, né?

[00:21:34] Pessoa 2 Aí já tá... Já observo que tem patriarcal, né? Acho que tá... É assim que se escreve em espanhol? Patriarcal?

[00:21:41] Pessoa 1 De onde?

[00:21:42] Pessoa 2 Cultura patriarcal. Não, não estou de rodapé, não estou de rodapé.

[00:21:48] Pessoa 1 Aqui mesmo? Patriarcal.

[00:21:50] Pessoa 2 Você lembrou com a cultura patriarcal?

[00:21:52] Pessoa 1 Sim, é um type. É. É, vai ter alguns. Provavelmente.

[00:21:57] Pessoa 2 Posso identificar, sem problema nenhum, né?

[00:22:00] Pessoa 1 Obrigado.

[00:22:01] Pessoa 2 O material também. E...

[00:22:03] Pessoa 1 Bom, depois quais são as formas de espanhol inclusiva, né? Bom... E... Já a gente conversou, a gente já comentou sobre alguns, mas... Tem, por exemplo, essa daqui. E... As palavras genéricas e coletivas, né? Então, evitar os alunos, os garotos, né? Que é masculino. Aqui já tem um erro, né? O alunado, né? A juventude. Para as palavras genéricas. Outra forma também é usar a palavra anteposta. A palavra anteposta. Os alunos presentes. Evitar isso. Os docentes. As pessoas alunas presentes. As pessoas docentes. As pessoas alunas presentes. Nossa, Nossa,

[00:22:52] Pessoa 2 Nossa, Nossa, Nossa, eu tô perguntando aqui o tempo todo e nem perguntei. Você prefere que eu te trate por não binário?

[00:22:57] Pessoa 1 Não, não, não.

[00:22:58] Pessoa 2 Não, não, não. Não, não Não, não

[00:22:59] Pessoa 1 Não, não Não, não Não, não Não, não Não, não Não, não te... Él... Él... Él... Inclusive, eu acho que no meu... Aqui no meu nome do Zoom. No parênteses, tá. No meu pronome. Não sei se você consegue ver. Não tô vendo.

[00:23:13] Pessoa 2 Aonde que fica?

[00:23:14] Pessoa 1 O nome. Onde tem o nome. O meu nome. Tem o meu nome. Aí tem um parêntese. Embaixo da minha câmera. Ah, sim.

[00:23:23] Pessoa 2 Agora eu vi. Agora eu vi. Ah, é porque eu tinha que clicar na sua foto pra poder ver, porque não aparece. Tem que passar o mouse na sua câmera.

[00:23:30] Pessoa 1 Ah, sim. Agora eu vi. Então tem. Tem no parêntese. Tem o meu pronome no parêntese. Aí depois, tenho essas metonímias também que ajudam. Por exemplo, evitar os diretores, os juízes, né. Falar. A direção. O julgado.

[00:23:55] Pessoa 2 Desdublar.

[00:23:56] Pessoa 1 A gente já conversou um pouco sobre isso. Ao invés de falar os alunos. Os alunos e as alunas. Só que esse que é binário, né. Aí acaba excluindo também um pouco. E um que é mais popularizado ultimamente, principalmente aqui na Argentina. Esse é o uso do é no final. Ah, como vocal temática.

[00:24:19] Pessoa 2 Aqui no Brasil também é igual.

[00:24:21] Pessoa 1 E no Brasil também.

[00:24:24] Pessoa 2 Aqui a gente abstrai o artigo. Então a gente só fala alunos. Amigues, por exemplo, né. Alunes.

[00:24:34] Pessoa 1 Aí não fala o artigo, não. Não. Em espanhol tem a opção de mudar.

[00:24:44] Pessoa 2 Esse daí eu tava me sentindo quase que falando francês, né.

[00:24:57] Pessoa 1 Parece, né. Parece. E depois, explicações com detalhes. Evitar. Uma explicação detalhada aqui. O uso da barra, né. Que a gente já comentou antes, né. Quais são os benefícios e as dificuldades dela. E aluno, evitar isso. Aluno, aluna, alumne, aluno.

- [00:25:35] Pessoa 2 Eu entendo. Não gosto. Quebra o ritmo.
- [00:25:45] Pessoa 1 Palavras sem marca de gênero diretamente. Como quem, tienes, para, pareja, estudiante. Estruturas com se. Os alunos perguntam pela informação. Não. A gente pode dizer. Se pergunta pela informação. Diretamente. Chefe, presidente. Chefe, presidente, caso seja mulher. Diretamente. A gente já tem, né. A palavra presidenta. Em português e em espanhol. Tipo, jefe, também. E depois, determinantes sem marca de gênero diretamente.
- [00:26:43] Pessoa 2 Uma curiosidade. Em francês, a gente não tem profissões. Só tem masculinos. Não tem femininos.
- [00:26:48] Pessoa 1 Ah, não tem?
- [00:26:49] Pessoa 2 Tem algumas que tem, mas tem outras que não.
- [00:26:55] Pessoa 1 Mas aí não tem uma discussão?
- [00:26:59] Pessoa 2 Por exemplo, professora, professor. As pessoas estão incorporando já. Mas não tem. E outras profissões também.
- [00:27:09] Pessoa 1 É hora, né. De se incorporar. Até porque tem muito mais mulher professora, eu acho. Hoje em dia. Cada participante deste projeto receberá a informação. Está evitando dizer isso, né. Depois, a gente pode omitir o determinante. Poderão participar estudantes do Grupo B. Poderão participar estudantes do Grupo B. É aquilo que a gente falou. Tipo, a omissão do artigo. Aí a gente fala. Poderão participar estudantes do Grupo B. Diretamente.
- [00:27:52] Pessoa 2 Inclusive, em opinião pessoal. Inclusive, a segunda forma fica até mais bonita, né.
- [00:27:57] Pessoa 1 Acho que soa mais bonita. Menos informação, né. É mais econômico ainda. E depois, a preposição mais substantiva. Por exemplo, ao invés de falar aprovado. Não. Com aprovação.
- [00:28:16] Pessoa 2 O contrário também? Contra suspensão, por exemplo?
- [00:28:19] Pessoa 1 Com suspensión, contra reprobación. Claro. Ao invés de falar você foi aprovado. Você foi aprovado. Você está com aprovação.
- [00:28:31] Pessoa 2 Outra forma também poderia ser usar a voz ativa, né. Aprovei, suspendi. Outra opção que talvez poderia caber aí também.
- [00:28:43] Pessoa 1 Exato. É, poderia também. É, tem várias coisas que poderiam ser incorporadas ainda no manual. O manual, está em construção, claramente. Em construção. Falta muita coisa. Falta, tipo, editar algumas questões também.

[00:00:01] Pessoa 1 Essa breve lista de opções de linguagem, inclusive, e a gente tem umas palavras finais aqui, né, um espanhol para todes. Aí eu falo um pouco sobre o uso do arroba, né, sobre as dificuldades dele, As dificuldades do x também.

[00:00:19] Pessoa 2 Você acha que funciona nessas duas formas, arroba e x? Quais são as suas impressões pessoais?

[00:00:26] Pessoa 1 O arroba funciona, até um ponto ele funciona, né, mas aí arroba é binário, que é um A e um O, né, e tem outra questão, arroba não dá para ser incorporado na oralidade com facilidade, não dá, né, que você, como você vai ler aquilo, né, você tem que desdobrar o gênero, aí você ao invés de falar alunos, né, você fala alunos e aluna, aí é melhor escrever diretamente, né, e o x também não pode ser incorporado com facilidade na oralidade, então, mesmo sendo não binário, ele tem essa problemática. Então, aí para isso, todes é uma opção um pouco mais aceita hoje, é muito mais acessível, né, você pode ler e de alguma forma incluir outras pessoas com algumas, com algumas discapacidades visuais, por exemplo, né, porque essas pessoas não conseguiriam ler, né, esse é o tódix. Então, depois, você pode dar uma lida aqui nessa, nessa conclusão, nessas palavras finais, e é isso, é esse manual.

[00:01:58] Pessoa 2 Perfeito.

[00:01:58] Pessoa 1 Tem a minha fotografia aqui para vocês me conhecerem. E aqui o meu email, o meu Instagram também, se vocês quiserem entrar em contato comigo. E qualquer um que queira entrar em contato comigo, pode entrar.

[00:02:14] Pessoa 2 Tá ótimo.

[00:02:15] Pessoa 1 Bom, agora vou perguntar uma última questão, né, o que você acha sobre o manual apresentado, assim, umas palavras superficiais, né, com relação a essa apresentação superficial que você teve sobre o manual?

[00:02:36] Pessoa 2 Eu achei... Bom, primeiro de tudo, parabéns pela diagramação, pelo material, né, foi muito bom, assim, visualmente, achei que tá bem, não tá muito extenso, né, claro, pelo panorama que a gente teve agora, né, acho que não tá muito extenso no sentido de, ai, que cansativo, né, acho que tá bem legal. Gostei da organização, ficou muito bom, as explicações que foram, né, trazidas oralmente, acho que contribuíram também para entender bem como tá, como funciona. Não sei se eu posso, na leitura, acrescentar algumas coisas, como mais exemplos, talvez, ou alguma explicação que não tenha ficado muito clara, mas, de modo geral, me parece que tá, que está muito bem. Talvez, não sei se a sua, a letra, né, do manual seja proposital, para dar mais acessibilidade, ou se você, não sei, talvez..

[00:03:32] Pessoa 1 Não, não pensei...

[00:03:33] Pessoa 2 a tipografia, tamanho, essas coisas, talvez, né, acho que, com outro tipo de, de tipografia que ajude na leitura, que seja mais acessível, talvez, não sei, e também pensar, a

cor tá excelente, tá maravilhosa, mas, se for pensar, por exemplo, na impressão, né, talvez, pensar em cada um desses elementos, né, pré-textuais e pós-textuais e também de adição e diagramação. Eu não tenho nenhum curso nisso, né, só tô, enfim, mas, de acordo com o conteúdo, mesmo, eu acho que eu vou poder opinar mais depois de ler bem, mas, pelo que foi explicado, acho que tá, que tá muito bom.

[00:04:14] Pessoa 1 É, a ideia é que, na próxima, a gente, já, assim, não é obrigatório, né, mas, se você puder ler, dá uma melhor, uma lida mais densa.

[00:04:23] Pessoa 2 Eu espero o material para eu poder, já, dar meus comentários.

[00:04:26] Pessoa 1 E, depois, você usaria esse conteúdo, o conteúdo desse manual para ensinar nas suas aulas?

[00:04:32] Pessoa 2 Claro, claro que sim. Com adaptações, obviamente, porque eu tenho minha maneira de explicar, mas, com adaptações, com adaptações, usaria, assim, obviamente. Não, com adaptações que eu falo, claro, eu poderia mandar o material impresso, mas, em sala, como a gente tem um curto período de tempo, né, a gente não tem tanto tempo para trabalhar, né, e tentar direto ao assunto e tentar abordar, suscitar mais discussões, né, não ser só exposição, né, mas, também, trazer a opinião dos outros. Inclusive, não sei, poderia até ser uma sugestão para o seu manual colocar, para se trabalhar como sala de aula, a gente trabalha com, nesse método, né, na abordagem comunicativa de ensino, né, e por que não propor interações, conversa, discute com o colega, em grupo, em classe aberta, por que não, qual é a opinião, o que vocês opinam, né, trazer esses temas de gerar debate, porque eu acho que, em sala de aula de língua estrangeira, é importante ter isso, porque a gente quer que o aluno fale, que a gente quer que ele se comunique, né, então, ficaria muito expositivo, por isso que eu falo com adaptações, não que seu material esteja ruim, nem nada disso, é mais nesse sentido de tentar trazer mais discussões, debates, né, promover a interação entre os alunos e ouvi-los, né, também, eu acho que seria importante nesse sentido, por isso que eu falo com adaptações.

[00:05:51] Pessoa 1 Que bom, que bom ouvir isso, até que nem tinha pensado sobre, mas vai ser mudado, né, ele está em construção, repito, né. É, é, ele

[00:06:01] Pessoa 2 É, é, ele está em construção, realmente.

[00:06:03] Pessoa 1 Eu acho que sempre vai estar em construção, né, sempre vai estar em construção, porque a linguagem sempre vai estar em construção também, então, acho que sempre vai ter.

[00:06:15] Pessoa 2 Mas, ainda que esteja em evolução, né, e se for material pensado para os professores de línguas, né, usar em sala de aula, acho que deveria ter essa pegada também, né, de propor interações, de propor como tarefas, talvez, né, eu trabalho muito com isso, com tarefas, então, por isso que eu fico puxando a sardinha para o meu lado, né, rimando, elaspá mi sardina, de trazer isso, as tarefas, né, eu trabalho com tarefas prévias, capacitadoras e possibilitadoras, com vistas a uma tarefa final, então, nas tarefas prévias, a gente tem como uma sensibilização, né, para o aluno, é,

talvez, mostrar um texto, um vídeo que se busque na internet, eu acho que não interfere em nada colocar no manual, por exemplo, um vídeo em que se haja uma discussão, talvez, em espanhol, eu vi uns TED Talks aí, que falava sobre isso, né, na média, então, tem muito material online, oral, então, colocar isso e o professor mostrar para os alunos esse vídeo, essa discussão, um podcast, enfim, coloca um link, e propor, né, algumas perguntas, algumas coisas mais motivadoras para a interação, para que eles possam falar, porque o objetivo é esse, sala de aula, né, é fazer com que o aluno fale, comunique e debata, e depois a gente vem com tarefas capacitadoras, tarefas capacitadoras tem um foco na fórmula, né, então, a gente poderia analisar, talvez, esse discurso que a gente viu no vídeo, talvez, sei lá, fragmentar, o professor pode fragmentar e colocar, identifica as entoações, interrogativas, declarativas, né, talvez, aí, isso daí fica para cargo do professor, não para você, mas só dando um exemplo de como tarefas ajudam na contribuição para o material, né, enfim, eu como trabalho com isso, com entoações, com identificação, porque é importante, né, principalmente que a gente tem umas entoações bem diferentes aí, no português, não sei se você teve dificuldade, mas enfim, e é isso, e nas tarefas possibilitadoras, possibilitar espaço de interação, talvez, né, construir, sei lá, um podcast como uma tarefa final, né, ou um debate em sala aberta, ou produzir alguma coisa nesse sentido, acho que facilitaria, então, por isso que eu falo, com adaptações, mas o material sempre vai ser muito importante, né, porque vai ser uma primeira fonte, um...

[00:08:27] Pessoa 1 Exatamente, bom, Quéfren, eu agradeço pela participação, e achei muito importante as suas contribuições, e eu te espero, então, depois, no próximo convite que eu vou te fazer, com os outros colegas, eu preciso fazer entrevista do próximo professor, né, do terceiro professor, e depois disso, já a gente pode combinar uma data, eu imagino que, agora, a gente tá no início de abril, eu imagino que no final do mês, por aí, não sei se pra você fica bom, ou no início do próximo também, aí vê alguma data.

[00:09:06] Pessoa 2 Eu espero que coincida, mas vamos tentar, qualquer coisa a gente faz privado, particular, assim, particular que eu falei, é interação cara a cara, né, pra eu tentar contribuir, mas eu acho que vai dar certo, tomara que os horários dê, porque, claro, tem as aulas também, né, as particulares, eu também dou aula na Universidade Católica, então, às vezes...

[00:09:25] Pessoa 1 Você tem quais são os seus horários, assim, que você poderia disponibilizar, assim, pra isso, pra um encontro de uma hora, mais ou menos?

[00:09:33] Pessoa 2 Eu vou precisar olhar na minha agenda, depois eu te falo. É tudo bagunçado, na verdade, mas, enfim, geralmente, quando... Mas eu tô à disposição, então, você me manda, qualquer coisa vai que eu tô livre, né, se não, eu já te informo na mensagem, quando você for mandar, e aí eu já te dou um parecer, eu falo, olha, pra mim não vai dar tanto pra essa data, pode ser pra outra, né? A gente vai tentando casar os horários, tá?

[00:09:54] Pessoa 1 Sim, com certeza, com certeza. Eu tenho a outra professora também, ela falou que durante a noite, assim, é tranquilo pra ela também, e o outro também tinha falado isso, que é do Instituto Federal. Aí, bom, aí a gente vai achando, né? A gente vai se comunicando, acho que...

[00:10:25] Pessoa 2 Mas parabéns, parabéns pelo insight, né? Pelo fôlego de pesquisa e

pelas contribuições, acho que vai contribuir muito, né? Vai suprir muito essas carências aí no ensino da linguagem inclusiva, e parabéns. Espero também um convite pra sua defesa, né? Também eu quero ver como é que vai ficar e tentar participar.

[00:10:49] Pessoa 1 Bem, espero que seja um pouco mais organizado do que a qualificação.

[00:10:53] Pessoa 2 Não, é sempre mais organizado. Na defesa, você tem um momento de apresentação, você vai ter uns 15, 20 minutos pra apresentar todo o seu trabalho, então você tem que ter um fôlego de resumo aí bem bom também. Depois, se você quiser apostar, eu te mando o meu, como eu fiz, acho que pode ajudar, talvez.

[00:11:10] Pessoa 1 Ah, sim.

[00:11:11] Pessoa 2 Você apresenta, a banca comenta algumas coisas, porque tudo que ela já comentou, ela comentou a maioria na qualificação. Na defesa, vai ser coisas pontuais, até porque eles não têm muito tempo pra ficar dando críticas, sugestões e nada, mas eles vão tentar fazer um breve apanhado, sempre começa com elogio, é uma tradição, tá? Sempre começa com elogio e depois vem as críticas.

[00:11:36] Pessoa 1 Sim, sim.

[00:11:36] Pessoa 2 Primeira parte é elogio e depois as críticas. Enfim, e aí a banca, acho que tenta ser bem mais, como eu posso dizer, mais agradável, porque tem presença de externos, né? Familiares, enfim, amigos que vêm assistir. Não sei se o seu vai ser virtual, se vai ser presencial.

[00:11:54] Pessoa 1 Eu acho que vai.

[00:11:56] Pessoa 2 Presencial?

[00:11:57] Pessoa 1 Eu acho que vai ser virtual, porque o professor Kleber, ele tá na Stanford, não sei, ele tá de Stanford, então eu não sei se ele vai estar já no Brasil para o momento. A professora Jamilca, ela já, ela tá no Brasil, né? Ela tá em Brasília, eu acho. E o Fidel, né? Tipo, lá a qualificação ele tava em El Salvador, né? Então, não sei se ele vai estar em outro lugar no momento, então, eu mesmo nem sei onde eu vou estar.

[00:12:30] Pessoa 2 Então, ótimo. Não, que bom que temos, né? Toda essa questão do virtual que a gente pode ter isso, mas fica também mais fácil, né? Pra gente.

[00:12:40] Pessoa 1 Não, mas aí é isso. Então, eu te mando o manual agora, e depois a gente combina, e depois eu vou te pedir aquelas gravações que você fez da sua defesa, porque eu fiquei curioso agora, que é também do seu tópico, que eu gostaria muito de saber melhor o que você trabalhou. Ótimo, perfeito. Bom, querido, então a gente finaliza por aqui, e espero que tenham um ótimo dia, um bom final de semana.

[00:13:08] Pessoa 2 Igualmente. Três partos mais, não sei, mas bom final de semana. Cuide-se muito.

[00:13:14] Pessoa 1 Igual, tchau, tchau.

[00:13:15] Pessoa 2 E com isso, biscoito, até um dia nas oito. Com a dificuldade deste conto acabou.

[00:13:19] Pessoa 1 Pois é, graças. Tchau, tchau.

Participante 3

Pessoa 1: participante 3

Pessoa 2: entrevistador

[00:00:00] Pessoa 1 Se tem grupos sociais que não se vê representados pelo Código, pela língua em si, e apresenta uma proposta de mudança ou de adequação, uma mudança de certa forma, pela inovação, eu acho importante que a comunidade de fala passe a utilizar esses termos, né?

[00:00:32] Pessoa 1 Então, seria mais ou menos assim.

[00:00:36] Pessoa 2 Você tem algum entendimento sobre a linguagem inclusiva?

[00:00:44] Pessoa 1 Tem.

[00:00:44] Pessoa 1 Como a gente está sempre debatendo, e aí eu estou no doutorado também, estou fazendo o programa de linguística aqui da universidade.

[00:00:56] Pessoa 1 Óbvio que não é o foco da minha pesquisa, mas a gente tem buscado aprofundar, ver também, até do ponto de vista linguístico, quais são as limitações, quais são as inovações, até porque a gente está diante de um fenômeno linguístico de mudança linguística muito evidente.

[00:01:24] Pessoa 1 Então, acho que, acima de tudo, para além de uma postura política diante da mudança linguística, eu, como estudante de linguística, acho um fenômeno muito interessante ser estudado, tanto da perspectiva da disputa política que reflete na língua, quanto na perspectiva da linguística em si, de analisar quais as limitações, qual dessas formas inovadoras tem a possibilidade de cristalizar no uso, qual tem mais chance, por limitação do arcabouço fonológico da língua, qual tem mais dificuldade, quem são esses atores, um pouco da pragmática, quem são esses atores.

[00:02:18] Pessoa 1 Então, para mim é interessante o fenômeno da linguagem inclusiva, ou a linguagem neutra, no português utilizamos a linguagem neutra, eu adoro acompanhar.

[00:02:35] Pessoa 2 Você falou que está fazendo doutorado agora, mas na sua formação na faculdade, na graduação, o que você aprendeu sobre a linguagem inclusiva ou a linguagem neutra?

[00:02:51] Pessoa 1 Olha, não lembro.

[00:02:53] Pessoa 1 Não lembro, só se for uma matéria muito específica, mas tem uma memória boa.

[00:02:59] Pessoa 1 Eu acho que não foi trabalhar, até porque eu me formei em 2011, também no espanhol, na própria UNB, e esse debate não estava tão evidente ainda, não estava popularizado.

[00:03:12] Pessoa 1 Acho que é algo mais recente, dos últimos 10 anos, inclusive.

[00:03:17] Pessoa 1 Então, não tinha esse debate na graduação, não.

[00:03:21] Pessoa 2 Qual foi o ano que você se formou?

[00:03:23] Pessoa 1 2011.

[00:03:25] Pessoa 2 2011, na UNB.

[00:03:26] Pessoa 1 Isso.

[00:03:28] Pessoa 2 Já tem mais de 10 anos, então.

[00:03:30] Pessoa 1 Tem mais de 10 anos, então acho que, enfim, não me lembro.

[00:03:36] Pessoa 1 Esse é um fato, eu não me lembro.

[00:03:38] Pessoa 1 Menos se tivesse, seria muito residual, porque em 2011 eu acho que não era tão evidente.

[00:03:46] Pessoa 1 Não era tão evidente.

[00:03:50] Pessoa 2 Tinha outras formas de linguagem inclusiva.

[00:03:57] Pessoa 2 Você conhece outras formas da linguagem inclusiva, além dessa que está sendo popularizada ultimamente?

[00:04:07] Pessoa 1 Olha, eu lembro que na época...

[00:04:09] Pessoa 1 Rapidinho que eu só vou descer aqui, só porque o som vai colocar rapidinho.

[00:04:16] Pessoa 1 Aí eu já abro a câmera também.

[00:04:18] Pessoa 2 Tá, tranquilo.

[00:04:20] Pessoa 1 Estou te escutando, pode falar.

[00:04:23] Pessoa 2 De boa, estou aguardando a resposta.

[00:04:25] Pessoa 2 Você ia falar sobre as formas de linguagem inclusiva da época. você

[00:04:33] Pessoa 2 Que você além dessa que hoje é mais popularizada.

[00:05:15] Pessoa 1 Tá me escutando?

[00:05:16] Pessoa 2 Agora sim.

[00:05:18] Pessoa 1 Tá, beleza.

[00:05:20] Pessoa 1 Agora eu estou com fone de ouvido, já não estou dentro do carro, já não tenho ruído.

[00:05:25] Pessoa 1 Tá melhor já.

[00:05:27] Pessoa 2 Estou escutando melhor, inclusive.

[00:05:30] Pessoa 2 Melhorou a qualidade do som.

[00:05:33] Pessoa 1 É o fone e o movimento.

[00:05:36] Pessoa 1 Então vamos lá.

[00:05:40] Pessoa 1 Eu lembro na graduação...

[00:05:44] Pessoa 1 Não no debate na graduação, mas na comunidade universitária.

[00:05:50] Pessoa 1 Lembro que já tinha uma discussão com relação à natureza machista de espanhol, do português, do francês.

[00:05:58] Pessoa 1 E o esforço que, principalmente, as feministas colocavam de ter algumas adequações.

[00:06:08] Pessoa 1 De mudança de alguns termos.

[00:06:11] Pessoa 1 Alguns estudantes, alguns, qualquer pessoa, a comunidade sentiu.

[00:06:18] Pessoa 1 Que, de certa forma, também é um movimento de neutralização, só que neutralização do masculino.

[00:06:26] Pessoa 1 Da representação de gênero masculino.

[00:06:29] Pessoa 1 Então eu lembro que tinha um pouco desse debate.

[00:06:33] Pessoa 1 Essa era uma perspectiva.

[00:06:37] Pessoa 1 Uma outra perspectiva também, mas um pouco mais...

[00:06:42] Pessoa 1 Já saindo um pouco pela tangente, mas que, de certa forma, também pode ser englobada.

[00:06:48] Pessoa 1 Está dentro da perspectiva de variedade.

[00:06:53] Pessoa 1 Um professor de espanhol, como Língua Estrangeira, vai ensinar que, para não ser muito formal, ou seja, para adequar a esse público.

[00:07:01] Pessoa 1 Que público você vai trabalhar.

[00:07:04] Pessoa 1 Então tem que ter algum tipo de adequação vocabular também, nesse sentido.

[00:07:09] Pessoa 1 Isso aí eu lembro.

[00:07:11] Pessoa 2 Então você conhece outras...

[00:07:15] Pessoa 2 Hoje em dia você conhece outras formas de linguagem, várias formas de linguagem inclusiva.

[00:07:23] Pessoa 1 Eu já trabalhei com revisão de texto no órgão público.

[00:07:27] Pessoa 1 O manual de redação dizia que o vocabulário muito elaborado substitui por termos de melhor compreensão, porque a administração pública tem um compromisso com a publicidade, com a transparência.

[00:07:43] Pessoa 1 Então a linguagem também tem que ser mais objetiva, até alguns aspectos, simplificada para atingir um público maior.

[00:07:52] Pessoa 1 Então, que de certa forma é garantir, no caso da administração pública, garantir por meio da linguagem o acesso aos direitos.

[00:08:02] Pessoa 1 Essa até é a questão, evitar os juridiquês, economiquês e tal.

[00:08:09] Pessoa 2 Exatamente.

- [00:08:10] Pessoa 2 E você acha que todo professor de espanhol deveria aprender sobre a linguagem inclusiva na sua formação?
- [00:08:20] Pessoa 1 Com certeza.
- [00:08:21] Pessoa 1 Até porque é uma realidade.
- [00:08:23] Pessoa 1 Inclusive uma percepção que eu tenho.
- [00:08:25] Pessoa 1 De acompanhar a rede social, os debates, me parece, por exemplo, que o uso dessas marcas, vamos dizer assim, da linguagem inclusiva em relação a gênero e outras formas, é muito mais forte em alguns países hispanos, não todos, aprendi com a Argentina, Uruguai, Chile, é muito mais do que no Brasil.
- [00:08:49] Pessoa 1 Então, se o futuro professor de línguas não sabe trabalhar com isso, acho que aí tem um problema, como é que se trabalha a língua em uso, porque a língua em uso está mudando.
- [00:09:01] Pessoa 1 Então, o professor tem que, obviamente, se adequar a essas novas formas de comunicação e expressão.
- [00:09:13] Pessoa 2 É, e na faculdade poderia ter alguma coisa, né?
- [00:09:18] Pessoa 1 É, inclusive tem disciplina que dá para usar, tipo, uso especializado, acho que está no currículo ainda, está ali nas práticas também.
- [00:09:26] Pessoa 1 Acho que, também não sei se a abordagem, ó, nessa disciplina X você vai estudar essa variação, ou sei lá, espanhol tem, sei lá, espanhol peninsular, acho que ainda tem espanhol peninsular e espanhol da América na grade curricular.
- [00:09:41] Pessoa 1 No espanhol da América a gente está falando da variante reioplataense vai dizer que não existe.
- [00:09:45] Pessoa 1 A marcação de gênero, o paradigma de gênero se ampliou para adequar tais e tais formas de representação social.
- [00:09:55] Pessoa 1 Não sei, me parece que é uma visão minha, acho que tem que ser generalizado no curso em vários ambientes, várias disciplinas, vários espaços, não só no ambiente formal, mas também na formação continuada, na extensão.
- [00:10:10] Pessoa 2 Exatamente, né?
- [00:10:13] Pessoa 2 Formação continuada.
- [00:10:15] Pessoa 2 E outra pergunta aqui, você como professor de espanhol, para quem você acha que é usada a linguagem inclusiva?
- [00:10:27] Pessoa 1 Quem usa?
- [00:10:29] Pessoa 2 Para que?
- [00:10:29] Pessoa 2 Para que a linguagem inclusiva?
- [00:10:32] Pessoa 2 Você tem esse conhecimento de saber para que é usada a linguagem inclusiva dentro de uma sala de aula, por exemplo?
- [00:10:39] Pessoa 1 Sim.

- [00:10:40] Pessoa 1 Acho que, enfim, daquela perspectiva, a partir do momento que tem um grupo social, em termos linguísticos, uma comunidade de falas que não se sente representada pelo paradigma, seja ele desinência de gênero, seja a classe dos pronomes, possessivos e tal, e propõe a ampliação desses paradigmas para que essa comunidade de falas se sinta representada também a nível de língua, eu acho que aí justifica a mudança.
- [00:11:21] Pessoa 1 Então, para que serve?
- [00:11:23] Pessoa 1 Simplesmente para aquelas pessoas que não se identificam com o status, vamos dizer assim, atual da língua, não vou dizer status atual, mas o paradigma tradicional de marcação de gênero, por exemplo, nos nomes, nas classes nominais, acho que serve para que esses sujeitos se sintam representados também no âmbito da linguagem.
- [00:11:54] Pessoa 1 E aí serve para a gente respeitar o outro.
- [00:11:57] Pessoa 1 Acho que é um bom exercício de respeito, de garantir a identidade.
- [00:12:05] Pessoa 1 E ao fim e ao cabo a gente está trabalhando com a garantia da dignidade humana.
- [00:12:10] Pessoa 2 E você mesmo, você já teve alguns estudantes que tivesse gostado que você usasse a linguagem dentro da sala de aula?
- [00:12:20] Pessoa 1 Então, como eu atuo no ensino médio, isso é muito residual, ainda mais com a...
- [00:12:30] Pessoa 1 Com a aula de língua estrangeira, com a aula de espanhol.
- [00:12:35] Pessoa 1 Então isso é muito residual, é muita novidade para eles, para a comunidade.
- [00:12:40] Pessoa 1 Mas a gente tem observado uma curiosidade, eles querem saber, perguntam como é que é em espanhol, às vezes a pergunta vem de uma maneira mais jocosa.
- [00:12:50] Pessoa 1 Espanhol também tem essas babaquices, também quer mudar a língua, e a gente aproveita a oportunidade para explicar toda essa discussão.
- [00:13:00] Pessoa 1 Inclusive trazer exemplos históricos da tradição das línguas latinas, que não tinha terceira pessoa, por exemplo.
- [00:13:10] Pessoa 1 Isso é uma indalzação, não estava nos primórdios do latim a terceira pessoa.
- [00:13:16] Pessoa 1 Para explicar que a língua muda, a língua muda o tempo inteiro, a língua muda de maneira natural, muda de maneira induzida, está sempre em constante mudança.
- [00:13:27] Pessoa 1 Então...
- [00:13:28] Pessoa 1 E além dessa, enfim, continua.
- [00:13:31] Pessoa 1 Tem dia que eu digo assim, não sei se você pergunta como é que eu trabalho isso, semana que vem eu vou trabalhar Família e Possessivos, uma turma de primeiro ano, nível básico.
- [00:13:47] Pessoa 1 Primeiro ano ensino médio, nível básico.
- [00:13:50] Pessoa 1 Então, ali eu já dou uma ampliada, quando eu trabalho artístico também, já dou uma ampliada nesse paradigma.

[00:13:59] Pessoa 1 Aproveitar o próprio ensino.

[00:14:01] Pessoa 1 E mostro os exemplos.

[00:14:04] Pessoa 1 Então...

[00:14:05] Pessoa 2 Então já tem um material que você tem usado para trabalhar justamente com isso, né?

[00:14:13] Pessoa 1 Isso, que eu produzo, porque os didáticos não tem não.

[00:14:16] Pessoa 1 Não sei os que estão sendo lançados agora, em 2023, mas os antigos, de 2022, se tiver um muito específico, mas os generalistas, tanto o manual didático dessas grandes editoras, se tiver, ele não tem.

[00:14:36] Pessoa 1 E no livro didático, não tem mais livro didático de espanhol, acabou com a reforma do ensino médio.

[00:14:42] Pessoa 1 Mas também não tinha.

[00:14:44] Pessoa 1 A temática até aparece, né?

[00:14:46] Pessoa 1 Mas, com material didático específico, que trabalhe esse tipo de linguagem, é o professor que tem que produzir.

[00:14:55] Pessoa 2 Exatamente.

[00:14:56] Pessoa 2 Bom, então, eu vou apresentar agora esse manual que eu estou fazendo, que está sendo construído para ajudar alguns outros professores a se aproximarem também com o aprendizado da linguagem inclusiva. E

[00:15:16] Pessoa 2 E o material de consulta, que vai ser poder usado por diversos docentes.

[00:15:24] Pessoa 2 E, na verdade, eu gostaria até que pudesse ser usado por estudantes também.

[00:15:32] Pessoa 2 Então, é o material que está sendo produzido ainda, eu estou organizando, ainda estou incluindo algumas coisas, inclusive, esta pesquisa é para melhorar essa entrevista com você, para melhorar esse material depois, para ver o que você pensa sobre ele.

[00:15:55] Pessoa 2 Então, é uma guia em espanhol inclusivo.

[00:15:57] Pessoa 2 Está escrito em espanhol, está tudo em espanhol, tem algumas palavras introdutórias, alguns conceitos relevantes, não sei se você está conseguindo ver bem ali.

[00:16:09] Pessoa 1 Estou conseguindo.

[00:16:11] Pessoa 2 Vai ser uma apresentação superficial agora, depois eu vou mandar, depois você pode dar uma olhada melhor, pode ler um pouco melhor.

[00:16:23] Pessoa 2 E a ideia é que a gente tenha outra, outro encontro, eu gostaria muito de poder juntar os três professores que participaram nessa pesquisa.

[00:16:35] Pessoa 2 Você é o último que participou nessa reunião individual.

[00:16:41] Pessoa 2 Aí depois eu gostaria de ver se é possível fazer um encontro entre os

quatro e conversar um pouquinho sobre o que vocês pensaram sobre o tópico depois.

- [00:16:54] Pessoa 2 Trocar uma ideia entre todos.
- [00:16:58] Pessoa 2 Entre todos.
- [00:16:58] Pessoa 1 Se tu quiser, como eu trabalho em instituição que tem uma flexibilidade gigantesca, eu posso trabalhar em saúde alta e não feedback.
- [00:17:10] Pessoa 1 Se você estiver em Brasília também, se você está em Brasília.
- [00:17:14] Pessoa 2 Não, então o problema é que eu não estou mais em Brasília agora, eu estou em Buenos Aires, na Argentina nesse período, então está difícil.
- [00:17:24] Pessoa 2 Se você estivesse aqui, você poderia inclusive usar o espaço da minha aula para juntar a galera.
- [00:17:32] Pessoa 1 A gente pode pensar em fazer talvez online, se tiver disponibilidade de ver um momento online para os alunos, quem acham também.
- [00:17:44] Pessoa 2 Com certeza também, com certeza você pode me chamar, se quiser que eu participe em uma aula com vocês em algum momento, também, com certeza a gente podia combinar alguma coisa.
- [00:17:57] Pessoa 2 Para mim seria muito bom.
- [00:17:59] Pessoa 1 Se tu quiser, eu posso aplicar.
- [00:18:02] Pessoa 1 Posso aplicar com a turma e vai ter mais dados para a consultação.
- [00:18:09] Pessoa 2 Também é uma... É
- [00:18:11] Pessoa 2 É o incentivo, o incentivo dos professores a usarem, se quiserem usar nas suas aulas e depois, em outro encontro, conversar sobre como foi essa experiência, se aconteceu ou se não, se vocês conseguiram ver melhor o manual.
- [00:18:32] Pessoa 2 E trocar uma ideia entre os três professores, que são perfis bem diferentes, na verdade.
- [00:18:39] Pessoa 2 Os três são formados na UNB, em épocas diferentes.
- [00:18:45] Pessoa 2 São perfis diferentes de professores de espanhol.
- [00:18:52] Pessoa 2 Dá para combinar os três e coincidir.
- [00:18:58] Pessoa 2 Mas esse manual aqui, então, tem essa introdução, tem esses conceitos, depois porque, a linguagem inclusiva, depois um quadro, uma tabela com as formas que existem hoje e que podem ser usadas para fazer o espanhol mais inclusivo e depois umas palavras finais que eu uso. Eu
- [00:19:22] Pessoa 2 Eu explico um pouco sobre a guia, sobre a intenção da guia, que é uma guia que tem a intenção de ser uma ferramenta para que o professorado de espanhol possa consultar e fazer do ensino um ato mais comprometido com todas, todos e todes.
- [00:19:45] Pessoa 2 Depois eu tenho essa lista de conceitos relevantes.
- [00:19:48] Pessoa 2 Aqui falo sobre a linguagem androcêntrica, gênero, sexo, as diferenças aqui, identidade de gênero, orientação sexual, a sigla né, LGBTQIA+.

[00:20:02] Pessoa 2 Que inclusive não está completo aqui.

[00:20:08] Pessoa 2 Depois, se você ler depois e ver se está faltando alguma coisa, acho que poderia adicionar mais coisa, e a gente pode conversar depois.

[00:20:24] Pessoa 2 Depois tem essa definição de trans, a definição de travesti, que é diferente, queer, não binário, cisgênero, expressão de gênero, patriarcado, heteronormatividade.

[00:20:37] Pessoa 2 Você tem alguma pergunta sobre até agora?

[00:20:41] Pessoa 1 Não, até agora não.

[00:20:42] Pessoa 1 Estou vendo aqui, está bem legal, bom para trabalhar.

[00:20:49] Pessoa 2 Tem alguns erros assim, que eu já identifiquei, que vou corrigir depois, mas está sendo montado.

[00:20:59] Pessoa 2 Depois eu faço essa pergunta, por que uma linguagem inclusiva?

[00:21:06] Pessoa 2 Aí eu vou responder do que eu penso sobre isso, e com alguns referentes.

[00:21:17] Pessoa 2 E depois o espanhol inclusivo, as formas que existem, que há para incluir todas as pessoas.

[00:21:30] Pessoa 2 Então aqui nesse quadro é o quadro das propostas.

[00:21:35] Pessoa 2 Depois é o quadro do que deve ser evitado e o quadro do que a gente pode usar para substituir.

[00:21:47] Pessoa 1 Então aí tem essa usar palavras genéricas e coletivas, por exemplo.

[00:21:52] Pessoa 2 Evitar os alunos, os chicos, e tem os erros.

[00:21:58] Pessoa 2 Eu te falei que tem uns erros de edição que eu vou consertar depois.

[00:22:03] Pessoa 2 Depois, el alumnado, a gente pode usar essa, ou la juventud também.

[00:22:10] Pessoa 2 Usar palavras e personagens opostas, os docentes, as pessoas alunas presentes, as pessoas docentes.

[00:22:21] Pessoa 2 Metonimias, os diretores, os juízes.

[00:22:25] Pessoa 2 Evitar isso e dizer a direção ou o julgado.

[00:22:29] Pessoa 2 Desdobrar os alunos, os alunos e as alunas.

[00:22:34] Pessoa 2 Mas isso aqui acaba sendo binário.

[00:22:39] Pessoa 2 Eu explico inclusive dentro, antes eu falo um pouquinho desse desdobramento.

[00:22:46] Pessoa 2 Depois tem o uso do E, da marca de gênero E, como les alumnes, ao invés de os alunos.

[00:23:00] Pessoa 2 Explicações com detalhes.

- [00:23:02] Pessoa 2 Os alunos se encontram em uma situação de vulnerabilidade.
- [00:23:06] Pessoa 2 Estudantes, mulheres, homens e de outras identidades se encontram em uma situação de vulnerabilidade.
- [00:23:13] Pessoa 2 O uso da barra, os alunos, as alunas, alunes.
- [00:23:19] Pessoa 2 Palavras sem marca de gênero, quem, pareja, estudante, quem quer comer, etc.
- [00:23:33] Pessoa 2 Estruturas com se, os alunos se perguntam pela informação.
- [00:23:39] Pessoa 1 Passiva.
- [00:23:41] Pessoa 2 Exatamente.
- [00:23:42] Pessoa 2 Não usar uma marca de gênero diferente em caso de saber qual é a que usa a pessoa destinatária.
- [00:23:49] Pessoa 2 Por exemplo, sabemos que uma mulher, não dizer-lhe chefe ou presidente, chefe ou presidenta.
- [00:23:57] Pessoa 2 Determinantes sem marca de gênero, os participantes deste projeto serão informados.
- [00:24:02] Pessoa 2 Cada participante deste projeto receberá a informação.
- [00:24:07] Pessoa 2 Um determinante.
- [00:24:09] Pessoa 2 Omitir o determinante.
- [00:24:11] Pessoa 2 Poderão participar os estudantes do grupo E.
- [00:24:14] Pessoa 2 Poderão participar estudantes do grupo E.
- [00:24:19] Pessoa 2 E ainda tem essa palavra, estudantes, que é uma palavra não binária.
- [00:24:27] Pessoa 2 Preposição mais substantiva, aprovado, com aprovação.
- [00:24:34] Pessoa 2 E esse tipo de opção.
- [00:24:38] Pessoa 2 Então é um quadro que eu acho que ainda pode ter mais coisas, mas que está em construção.
- [00:24:46] Pessoa 2 Aí depois eu falo aqui umas palavras finais, um espanhol para todes, aí que comenta um pouco as dificuldades do arroba, por exemplo, ou as dificuldades do x.
- [00:25:03] Pessoa 2 E porque o uso do E, dessa marca de gênero.
- [00:25:10] Pessoa 2 E nesse caso é usada.
- [00:25:14] Pessoa 2 E depois aqui o meu, a minha apresentação no final, meu e-mail, meu Instagram, quem quiser me contactar por aí pode ficar à vontade.
- [00:25:27] Pessoa 2 Então é isso assim, é um manual que vou te enviar e você se quiser pode usar para suas aulas, ou simplesmente ler e tal.
- [00:25:44] Pessoa 2 E queria te perguntar, o que você achou do manual apresentado?

[00:25:49] Pessoa 1 Eu achei bom, achei bom.

[00:25:52] Pessoa 1 É legal, serve de guia.

[00:25:54] Pessoa 2 É a ideia, que seja uma guia.

[00:25:58] Pessoa 2 E você usaria esse conteúdo para treinar nas suas aulas?

[00:26:03] Pessoa 1 Claro.

[00:26:05] Pessoa 2 Com os seus estudantes?

[00:26:07] Pessoa 2 Você usaria com os estudantes ou você usaria para preparar as aulas?

[00:26:12] Pessoa 1 Assim, os dois, né?

[00:26:14] Pessoa 1 Porque assim, de certa maneira, essas adequações eu já faço, né?

[00:26:20] Pessoa 1 É óbvio que isso tem que ser no ambiente de controle, no sentido que eu tenho que controlar o uso, porque não é o uso desde sempre.

[00:26:32] Pessoa 1 Eu acho que é uma inovação que a gente está fazendo esforço de implementar.

[00:26:38] Pessoa 1 Nesse sentido, às vezes as formas, vamos dizer assim, tradicionais se manifestam, né?

[00:26:43] Pessoa 1 Mas é possível que tem tentado trabalhar de uma maneira mais inclusiva.

[00:26:51] Pessoa 1 Inclusive porque agora no Ensino Médio, especificamente, tem dois alunos trans, que acho que também é uma tendência, né?

[00:27:00] Pessoa 1 Como o debate de gênero, sexualidade está muito evidente no debate político, isso tende já a se manifestar na juventude, obviamente, né?

[00:27:11] Pessoa 1 Então é o guia até que eu posso até adaptar.

[00:27:16] Pessoa 1 Como é que eu faço?

[00:27:18] Pessoa 1 Com desculpa, a gente pode dizer assim, ó, tem uma noção em espanhol, pode trazer em português.

[00:27:24] Pessoa 1 Como é que se trabalha?

[00:27:25] Pessoa 1 Como é que lida com o público?

[00:27:27] Pessoa 1 Porque eu acho que essa é uma realidade também, né?

[00:27:29] Pessoa 1 Cada vez mais essas populações, estão fazendo as transições cada vez mais cedo, né?

[00:27:37] Pessoa 1 Então, isso vai aparecer no ambiente da escola, fica mais restrito ao que seria uma universidade de mercado de trabalho, né?

[00:27:44] Pessoa 1 Acho que a educação básica passa a atender também esse público.

[00:27:47] Pessoa 1 E daí a necessidade de adequação.

[00:27:50] Pessoa 2 Sim, né?

[00:27:51] Pessoa 2 É diferente.

[00:27:53] Pessoa 2 Bom, então, por enquanto, né, as perguntas que eu tinha para fazer, já foram feitas, já foram respondidas.

[00:28:02] Pessoa 2 Você tem alguma coisa mais para falar antes de ir para a gravação?

[00:28:08] Pessoa 1 Uma sugestão também, não sei, obviamente, que você vai ter tempo, né?

[00:28:14] Pessoa 1 Eu falei disso até porque, enfim, estou na pós-graduação, sei como é que é a correria.

[00:28:19] Pessoa 1 Se você também não pensou em fazer alguma sequência didática, o professor de espanhol fala assim, quer trabalhar isso.

[00:28:27] Pessoa 1 E aí tem uma sequência, para além do guia, do uso, né, uma sequência didática para o professor trabalhar ali, já diria.

[00:28:34] Pessoa 1 Não sei se você pensou, se já tem...

[00:28:37] Pessoa 2 É uma boa sugestão, até porque não é a primeira pessoa que fala, né?

[00:28:42] Pessoa 2 Não é o primeiro professor participante da pesquisa que já comentou sobre isso.

[00:28:48] Pessoa 2 Então, é uma coisa interessante que eu gostaria de fazer também. É

[00:28:52] Pessoa 2 É porque a ideia é que seja uma guia para o professor trabalhar e poder usar também com os estudantes ou ter algum espaço ali para essa manifestação.

[00:29:09] Pessoa 2 Então, eu acho justo, tá?

[00:29:12] Pessoa 2 Mas, então, aí depois eu espero ter essa próxima reunião, né, e a gente aporta mais detalhes, com mais detalhes algumas questões, troca uma ideia, mais ou menos para isso, né?

[00:29:26] Pessoa 2 Troca uma ideia entre professores sobre esse tópico que eu acho que é muito relevante, muito atual, até porque vocês têm essa cidade dentro das salas, né?

[00:29:41] Pessoa 2 Então, vou parar a gravação por enquanto.

[00:29:47] Pessoa 2 Acho que já.

Grupo

Pessoa 1: participante 1

Pessoa 2: participante 2

Pessoa 3: entrevistador

[00:00:00] Pessoa 3 Então, vocês estão prontos para começar a falar sobre o assunto, sobre o tópico?

[00:00:07] Pessoa 1 Sim, claro.

[00:00:09] Pessoa 3 Bom, o Lucas está escrevendo aqui no grupo, então deixa eu esperar ele terminar. Ah, tá. Ele falou que entra em cinco minutos. É, mas aí, enquanto ele entrar, né, a gente já pode ir começando, né, com os... A primeira pergunta é... O que vocês conseguiram refletir sobre a linguagem inclusiva depois do nosso primeiro encontro?

[00:00:41] Pessoa 1 Desculpa, cortou. Pode repetir?

[00:00:43] Pessoa 3 O que vocês conseguiram refletir sobre a linguagem inclusiva depois do nosso primeiro encontro?

[00:00:45] Pessoa 2 Você quer começar, Camila, primeiro?

[00:00:56] Pessoa 1 Pode começar.

[00:00:57] Pessoa 3 Vamos com o Quéfren, que parece que quer começar.

[00:01:00] Pessoa 2 Eu achei pertinente, né? Achei super interessante. Inclusive, dá até vontade de te convidar para a gente poder fazer um artigo junto e publicar alguma coisa. Enfim, mas é bem isso. Eu estava, enfim, tentando utilizar bastante, porque como eu estou trabalhando agora em uma universidade, enfim, agora nos comandos, enfim, no que eu escrevo eu tento abarcar, porque realmente a gente não tem uma ideia, né, de quem participa ou não. Mas, inclusive, tive uma dificuldade, porque eu sou novo nessa universidade, e eles me comentaram que não é para utilizar esse tipo de linguagem, porque houve uma discussão entre alunos, então objetivou-se por não utilizá-la mais. Então, ou seja, não poderia utilizar. Então eu fiquei... ué, mas fiquei com três pontinhos na cabeça, né?

[00:01:52] Pessoa 1 Mas é uma universidade, a gente não tem que abrir o conhecimento? Chocada. Não, vou perguntar o nome da universidade aqui, depois eu te pergunto no privado.

[00:02:05] Pessoa 3 É, não tem que expor.

[00:02:09] Pessoa 1 Ah, é um assunto que já estava, já tem me chamado atenção há muito tempo, no português principalmente, porque a gente tem debatido esse assunto frequentemente aqui no Brasil, né? Principalmente com essa onda aí conservadora que apareceu nos últimos anos. Então é um assunto que a gente vem debatendo muito no Brasil, e como eu sou tradutora também, já aconteceu de eu receber um documento para ser traduzido, e a empresa ter um manual de linguagem neutra a ser adotado, que é diferente de usar o e no final ou o arroba. Então, eles usavam aquelas outras técnicas táticas que a gente conversou sobre mudar, não sei, ser servidora e servidora por colaboradores.

[00:03:01] Pessoa 2 Ou mudar por pessoa colaboradora.

[00:03:04] Pessoa 1 Pessoa colaboradora, exatamente. Então é um assunto que já vem me chamando atenção. Eu queria conseguir usar em sala de aula, só que eu estou trabalhando com aulas

particulares agora. E como as aulas normalmente são direcionadas aos interesses dos alunos, ainda não surgiu oportunidade de trabalhar, mas eu estou tentando ver como eu vou conseguir colocar quando eu vejo que o perfil do aluno dá para fazer isso, né? Então eu achei muito legal. Eu queria até que você me reenviasse o manual depois, porque eu baixei pelo meu celular e depois eu perdi o arquivo. Eu não sei no meu celular onde as coisas ficam salvas.

[00:03:48] Pessoa 2 O celular fica bem complicado mesmo. Às vezes as mensagens apagam, a gente tem o recurso também de apagar.

[00:03:54] Pessoa 2 Quando a gente faz download no celular, eu não sei onde é que fica esse download. Para você me mandar depois, porque eu queria dar uma olhadinha.

[00:04:04] Pessoa 1 Se possível mandar para todos nós por versão e-mail, né? Porque vai ter a versão corrigida e tudo.

[00:04:10] Pessoa 3 Exatamente. É justamente isso que eu ia falar, né? Eu mandei a primeira versão, que é uma versão ainda a trabalhar, para ser trabalhada. Então essa próxima vai ser com ressumas e tal. Os comentários já crescem muito se vocês fizeram também no primeiro encontro. Então vou mandar.

[00:04:29] Pessoa 1 E sobre o uso no dia a dia, ainda também não tenho oportunidade de usar, porque eu vivo numa bolha dentro de casa, né? Eu trabalho em casa, então eu tenho poucos amigos, eu saio pouco. Então eu ainda não tive oportunidade, mas... Eu estou realmente muito chocada com essa história da universidade, não deixar nem você abordar o tema. Sério, eu estou muito pressionada. Jesus, eu vou

[00:04:54] Pessoa 2 Jesus, eu vou Jesus, eu vou falar, mas você não expõe depois, tá? Mas eu acho que, enfim...

[00:04:58] Pessoa 1 Não precisa falar o nome não, só...

[00:05:00] Pessoa 2 Sim, mas é uma universidade consternadora, querendo ou não. É uma universidade particular de Brasília, que eu estou trabalhando. Enfim, a pessoa, quando abrir meu lattes, vai ver qual que é. Mas de qualquer forma... Enfim, não se pode utilizar, preferiu. Eu coloquei, inclusive, nos comandos das atividades, porque como é um curso que eu estou trabalhando, educação à distância, né? Então eu tenho que colocar um comando, explicar. Então eu estava escrevendo, querida, querido, querides estudantes, né? Enfim, professores em formação, porque eu estou dando aulas para professores em formação. Mas pelo que eu recebi de feedback, inclusive, foi que não era para utilizar. Enfim, era aconselhável, me sugeriram que não utilizasse, porque no semestre passado, e anos passados, houve muita discussão sobre isso, e parece que alguns alunos estavam relutantes, não queriam esse tipo de linguagem.

[00:05:58] Pessoa 1 Eu achei que você estivesse explicando que existe, e mais ou menos como funciona em sala... E eles estivessem...

[00:06:05] Pessoa 2 Ah, não, não. Não, não. Ah, entendi.

[00:06:10] Pessoa 3 Nem isso, não chegou a ter a oportunidade.

[00:06:13] Pessoa 1 Não, mas aí, se chegar, você já fica assim, né? Também, mas não, não foi nesse sentido, não. Não sei se eu me expliquei bem, mas agora eu espero que esteja claro. Mas foi nesse sentido, de não utilizar esse tipo de linguagem nos comandos, enfim, em formatos institucionais, etc.

[00:06:30] Pessoa 3 Tá.

[00:06:30] Pessoa 2 É uma pena, né? Porque deveríamos, né? Tentar... De qualquer forma, é uma pena, se trata de uma universidade.

[00:06:38] Pessoa 3 E aí eu pergunto para vocês, para vocês, justamente, né? Se você colocou em prática o uso da linguagem, inclusive nas aulas, não nos comandos, que você já falou, comentou que foi proibido de fazer, mas nas aulas mesmo, ou seja...

[00:06:53] Pessoa 2 Não é que foi proibido, né? Assim, não vamos utilizar o termo proibido. Eles aconselharam não utilizar, mas para um bom entendedor, poucas palavras bastam, né? As aulas, as aulas, a educação à distância, realmente a gente não tem esses encontros que a gente pode tratar... É assíncrona, né? É assíncrona, as pessoas...

[00:07:18] Pessoa 3 Peraí, eu perdi o áudio. Vocês também?

[00:07:20] Pessoa 1 Eu também perdi o áudio do Quéfren.

[00:07:22] Pessoa 3 Eu também não estou escutando mais o Khefre.

[00:07:25] Pessoa 1 Não estamos te ouvindo.

[00:07:27] Pessoa 3 É. Não dá para escutar, não. Estranho, estava escutando bem.

[00:07:34] Pessoa 1 E o microfone não está mutado.

[00:07:36] Pessoa 3 Não está, não. E ele parece que não está escutando a gente, não, né?

[00:07:42] Pessoa 1 Você está ouvindo a gente?

[00:07:45] Pessoa 1 Não, não estou ouvindo, não. Peraí, deixa eu ver o chat.

[00:07:54] Pessoa 3 Tenta ver o microfone do... A configuração do microfone.

[00:08:00] Pessoa 1 Ah, ele saiu. Eu Eu... Eu Eu ia falar, tenta sair e entrar de novo. Ele já saiu.

[00:08:03] Pessoa 3 Sempre funciona, né?

[00:08:04] Pessoa 2 É a primeira coisa que a gente tem que tentar. Nossa, agora que eu vi como eu estou vermelha. Estava brincando com a minha cachorra lá fora.

[00:08:13] Pessoa 3 Sol de Brasília, né? Sol de Brasília é...

[00:08:19] Pessoa 1 Eu estava correndo com ela aqui atrás, aqui. Duas doidas correndo.

[00:08:23] Pessoa 3 Ah, que lindo. Sim, sim, é.

[00:08:27] Pessoa 1 Mas é uma pena, não está conseguindo usar. Tem alunos que se interessam, mas é muito difícil.

[00:08:36] Pessoa 1 É muito difícil. Nossa.

[00:08:40] Pessoa 3 Oi? Ah, peraí, está...

[00:08:43] Pessoa 1 Não.

[00:08:43] Pessoa 3 Conectando o áudio. Agora está falando.

[00:08:45] Pessoa 1 Ah, está conectando.

[00:08:47] Pessoa 3 Agora deveria. Não. Está conectando ainda.

[00:08:58] Pessoa 1 Agora. não. Está mudo.

[00:09:00] Pessoa 3 Está mudo. Tem que...

[00:09:03] Pessoa 2 Agora sim. Agora sim. Ah, é sim. Ah, perfeito. Ai, que vergonha. Não acontece. Eu estava falando sobre isso aí, que eu até fiquei nervoso aí. Tá, eu estava falando que eu estava dando aula na educação à distância.

[00:09:14] Pessoa 1 Ele perguntou sobre se você conseguiu usar em sala.

[00:09:19] Pessoa 2 Não, ainda não. Não.

[00:09:19] Pessoa 1 não. Não. Não. Não. Não, porque é assíncrona, né?

[00:09:22] Pessoa 2 É assíncrona. E com as minhas aulas particulares também, as pessoas... Não houve essa necessidade de utilizar a linguagem neutra, porque elas têm, ou seja, a maneira de tratar no feminino, que são mais alunas, né? E um aluno também que eu tenho, mas enfim. E bom, é isso. Não tive a oportunidade ainda. E também para a Camila, eu também vivo na minha bolha.

[00:09:46] Pessoa 1 Eu queria conseguir chegar a estes alunos, sabe? Para mostrar que eles seriam acolhidos. Mas eu não consigo. Ainda não chegou. E como os alunos chegam para mim normalmente através de indicação, eu não consegui romper, quebrar essa barreira e alcançar estes alunos que talvez se interessassem.

[00:10:11] Pessoa 3 Aí vocês acham que só estes alunos que se reconhecem como pessoas não binárias são os que gostariam de aprender a linguagem não binária?

[00:10:22] Pessoa 1 Não. Eu tenho uma aluna que eu acho que ela é bem interessada e uma pessoa muito culta. Ela era professora da Secretaria de Educação, aposentou há pouco tempo. E ela adora estes assuntos. Então, com ela... Ela agora está de férias. Então, com ela eu estou planejando em algum momento abordar. Porque eu acho que ela vai se interessar. Só que, desculpa, a gente vai ser invadido agora. bem.

[00:10:51] Pessoa 2 Mas, realmente, como a professora Camila está falando, que a gente tem essa liberdade com certas pessoas, não com todas. Não todas estão interessadas. Então, as pessoas que demonstram mais curiosidade são aquelas mais abertas. E com as quais a gente pode conversar.

[00:11:04] Pessoa 1 Tem gente que eu fico assim, eu acho que se eu tocar no assunto eu perco o aluno.

[00:11:08] Pessoa 2 É, exatamente.

[00:11:09] Pessoa 1 Porque funciona como na universidade onde você trabalha. Se eu tocar no assunto... Eu conheço o perfil do aluno. E eu sei que para aquele perfil não é legal. E eu vou perder o aluno. E aí não dá para eu perder o aluno.

[00:11:27] Pessoa 2 Exatamente. É horrível.

[00:11:28] Pessoa 1 Então, a gente fica um pouco amarrado nisso. Meu sonho seria trabalhar em uma universidade pública. Onde eu teria mais liberdade para atuar. Porque nem dentro das escolas tem. As escolas também têm várias normas. Não sei como está aqui no DF, no ensino público, mas tem estados que proibiram também o uso. Alguns estados proibiram.

[00:11:57] Pessoa 3 Então, vocês ficam com medo nesse sentido, né?

- [00:12:02] Pessoa 1 De retaliações.
- [00:12:05] Pessoa 3 É, o Lucas que trabalha em escola pública era para responder sobre isso.
- [00:12:11] Pessoa 1 Deve estar entrando.
- [00:12:13] Pessoa 3 É, ele entra em algum momento e a gente volta no assunto. Então, vocês acreditam que os estudantes gostariam de aprender? Esses estudantes mais distanciados da ideia não gostariam de aprender a linguagem inclusiva para saber que existe, que eles não vão usar, por exemplo. Inclusive para saber que existe, como é, e que se fala.
- [00:12:45] Pessoa 1 Eu acho que o buraco é um pouquinho mais embaixo. Se a gente estivesse tratando esse assunto há 10 anos atrás... A gente está em 2023. Em 2013, 10, 9 anos atrás, eu ia dizer, falaria tranquilamente em sala de aula sem nenhum problema. Por mais que alguns alunos fossem se chocar, ia ser legal mostrar para eles a experiência. Então, estou falando de 10, 9 anos atrás, outra coisa. Só que a gente está no Brasil num momento muito delicado, numa polarização muito grande, em que outros aspectos acabaram virando uma polarização política. Outros aspectos que não eram para ser, necessariamente, viraram esses dois lados da balança. Então, virou, quem apoia fulaninho não pode aceitar a linguagem não binária.
- [00:13:44] Pessoa 3 Exatamente. De jeito
- [00:13:45] Pessoa 1 De jeito nenhum. Em Brasília, que é onde eu moro e onde a maioria dos meus alunos estão, a maioria, mais 70% da população, apoia fulaninho. Então, se eu abordo com os alunos o tema da linguagem não binária, automaticamente eles vão me pôr numa caixinha de Comunista! Vai para Cuba! Leva o bandido para cá!
- [00:14:11] Pessoa 1 Entendeu? Então, virou algo muito maior do que Olha, gente, que legal que está acontecendo na língua para uma coisa muito mais complicada por trás. Então, por isso agora eu não me sinto confortável em falar disso abertamente. Por exemplo, 2016, eu não podia citar Cuba e Venezuela na sala de aula.
- [00:14:40] Pessoa 1 Entendeu? Estava lá a lição, a lição tinha Cuba. Eu falava Cuba com medo, me tremia, porque eu não sabia o que ia me esperar e já aconteceram, assim, diretamente alguns ataques. Tinha uma foto do Che. E o pessoal falava em sala, tinha burburinho, né? Então, de 2016 para cá ficou muito delicado. As coisas foram, e foram tomando uma proporção muito descabida. Então, se eu estiver num espaço onde eu me sinta segura, eu vou falar abertamente. Eu vou explicar, vai ser legal. Já usei na tradução, em trabalho de tradução. Pode acontecer, porque na tradução, a gente normalmente tem que usar a linguagem padrão, mas, na verdade, o que o cliente pede para a gente usar, a gente usa. Então, se o cliente tem um manual e pede para usar uma linguagem, eu vou usar. Então, é muito legal eu ter esse conhecimento, eu ter isso para oferecer para os meus clientes. Mas em sala de aula, temos muitas variáveis.
- [00:15:45] Pessoa 2 Exatamente.
- [00:15:47] Pessoa 1 Eu não sei como está isso em outros países, mas aqui virou uma polarização política essa questão. E aí, Brasília, né?
- [00:15:58] Pessoa 2 As pessoas que eu conheço e que se interessam são pessoas jovens, pessoas assim, millennials, como a gente pode falar, né? E que se engajam não necessariamente em um perfil político, mas que estão mais abertos e não estão necessariamente no lado mais conservador da história. Ou seja, são pessoas que estão na universidade, por exemplo, pública, não só universidades, mas também algumas pessoas que eu conheço que são jovens e se interessam, acham interessante tudo, mas também há pessoas jovens que dizem que é um absurdo, que não estão de acordo e que, enfim, é uma... Como eles dizem, é um fenômeno bizarro da língua. Assim dizem.

[00:16:49] Pessoa 1 Até pessoas que se dizem do campo progressista, né? Falam que é um absurdo, que isso não deve ser feito, que não é assim que funciona.

[00:16:59] Pessoa 2 E dizem, por exemplo... Ah, você tem que aprender, no meu caso, né? Você tem que aprender e saber, porque você é professor e caso te pergunte, você tem que saber. Mas eu não preciso, por exemplo, com pessoas que já conversei sobre isso, saber sobre o assunto, sobre o uso da linguagem inclusiva.

[00:17:20] Pessoa 1 É isso, porque antes eu acho que daria para abordar em sala de aula como tópico de curiosidade, porque alguns tópicos de curiosidade que a gente aborda em sala de aula servem para alguns alunos se identificarem e levarem para eles e outros não. Outros vão falar, oh, existe, legal, curiosidade. Mas esse ainda não está dando para colocar no tópico de curiosidade, porque a gente está lidando, além da polarização política, com toda a LGBTQIA +fobia. Então, todo o preconceito que tem por trás também, né? De exclusão dessas pessoas. E também a falta de informação. E a gente tenta levar a informação e não consegue, porque as pessoas não querem ouvir. A informação de essa linguagem não é para você, que é menino e que é menina, sabe? É para quem não se considera menino e menina. Mas as pessoas não querem, elas não estão dispostas agora. Eu não acho que isso vai ser para sempre. Eu acho que as pessoas mudam.

[00:18:23] Pessoa 2 Eu acho que é mais fácil essa bipolarização também, né? Eu acho que é mais difícil essa polarização. E as pessoas estão... Está dividido, né? O país está bem dividido. São armas, são ferramentas que as pessoas usam. Qualquer detalhezinho, qualquer lisa, já indica que é tal, tal, tal, ou tal, tal, tal.

[00:18:46] Pessoa 1 Talvez abordar agora gere um desconforto maior do que se a gente conseguisse abordar isso daqui há uns dois, três anos. Três anos não que vai ter eleição, mas... Acho que só uns anos.

[00:18:57] Pessoa 3 Tomara que sim, né?

[00:19:00] Pessoa 3 Que esses anos acabe a polarização. Mas vocês, especificamente, como vocês abordam a questão dos pronomes de gênero ao conhecer esses estudantes pela primeira vez? Como vocês sabem os pronomes dos estudantes? Vocês fazem questão de perguntar qual é o pronome da pessoa? Vocês simplesmente assumem um pronome de acordo com a aparência da pessoa? Como vocês manejam essa informação?

[00:19:29] Pessoa 1 Pode começar, Kefren.

[00:19:31] Pessoa 2 Eu, por exemplo, não tive a oportunidade, mas agora que eu já estou pensando sobre o assunto e refletindo, né? Então eu agora vou tomar a iniciativa de perguntar, né? Mas sempre com cuidado, dependendo do contexto que eu esteja. Senão eu vou assumir pela aparência ou não sei. Enfim, pelo gênero mesmo que está exposto na pessoa, né? Para evitar desconfortos, né? Porque também as pessoas podem se sentir desconfortáveis. Eu, em sala de aula, em uma sala de aula que eu me sintam bem para perguntar, eu perguntaria nesse sentido. Mas geralmente as pessoas, eu acho que as pessoas que se identificam, talvez, acho que fariam, não?

[00:20:14] Pessoa 1 Depende, né? Só se ela se sentir acolhida no espaço. Quando eu trabalhava ainda na UnB Idiomas, eu nunca cheguei a perguntar. Eu acho que ainda não era uma questão tão latente para mim, né?

2.m4a

[00:00:01] Pessoa 1 Fiquei até 2021, primeiro semestre de 2021, já conhecia o assunto, mas nunca tinha pensado em perguntar para os alunos. Normalmente eu perguntava como ele gostaria que eu pronunciasse o nome, porque alguns alunos se incomodam da gente pronunciar o

nome deles com a pronuncia em espanhol. Eu falo, não, meu nome não é Jessica, não é Jessica.

[00:00:25] Pessoa 2 É, é bem isso.

[00:00:27] Pessoa 1 É, alguns alunos já deixavam claro, assim, qual é o pronome. Nas aulas particulares, como os alunos normalmente vêm até mim, é muito difícil eu ter o primeiro contato com o aluno, ele já chega se apresentando. Então, eu sou o fulano de tal amigo de fulaninha, ou amiga de fulaninho. Aí você, aí eu sou curiosa, aí eu já ponho no Instagram, aí eu já joga o nome da pessoa no Google, vejo se tem lá, vejo se tem no Facebook, vejo se tem no... É, porque eu dou uma pesquisada nos alunos, eu sou um stalker de aluno, eu sou um stalker... De aluno.

[00:01:08] Pessoa 3 Informação é privada, seus nomes são privados, tá? Nada vai ser publicado.

[00:01:13] Pessoa 1 Não, mas é porque eu gosto de saber com que que eu vou lidar. É muito difícil você pega de surpresa. A primeira aula para mim, até hoje, gente, sério, eu dou aula há muito tempo, eu dou aula desde 2008, 2007, até hoje, eu tenho pesadelos às vezes, eu tenho dor de barriga.

[00:01:30] Pessoa 2 Nossa, eu te via dando aula lá, super assim, com a postura, aquela professora assim, super que não tem...

[00:01:34] Pessoa 1 Personagem!

[00:01:35] Pessoa 2 Eu nas minhas observações falava, nossa, eu quando crescer quero ser que nem a professora tal, muito boa, explica super bem, didática excelente, anda pelas falas, contagia os alunos...

[00:01:47] Pessoa 1 Personagem total, eu tenho uma personagem professora, tá?

[00:01:52] Pessoa 3 Todos temos um pouco, né?

[00:01:55] Pessoa 1 Nossa, eu tenho dor de barriga às vezes, então agora que a gente tá mais assim nessa, nas redes, eu já dou uma stalkeada no aluno para saber o que que eu vou abordar. Até porque como eu não tô mais seguindo um curso, que é o UNB-Idiomas, que eu tinha um respaldo por trás de mim, eu seguia o método do UNB-Idiomas, eu tô fazendo o que falam para eu fazer, colocando a minha personalidade ali dentro de sala de aula. Com as aulas particulares, tem aluno que não quer material, tem aluno que eu tenho que levar o tema, tem aluno que é aula livre, tem aluno que quer trabalhar um livro, tem aluno...

[00:02:29] Pessoa 2 Só quer conversação.

[00:02:30] Pessoa 1 É, só quer conversação, então eu tenho que saber o que que eu posso falar em sala de aula para cativar aquele aluno, eu tenho que estudar aquele aluno para saber o que que vai funcionar para ele, e aí eu dou uma stalkeada, por exemplo, eu comecei um aluno novo esses dias, eu fui dar uma olhadinha, se vota no fulaninho ou não, para eu saber o que que eu posso abordar em sala de aula, já vi que não vota, já vi que é um advogado progressista, já vi que escreveu um livro e tal, com ele eu já sei que talvez eu consiga tocar nesse assunto, daqui a um tempo, porque ele começou agora também, coitado, é muita informação, mas sei lá, daqui a alguns meses, talvez com ele eu consiga falar e você, o que que você acha sobre isso, né, já ouviu falar, não ouviu, sabia que no espanhol tem também, que é advogado, talvez ele precise conhecer mais coisas, né, estar mais aberto, então é mais ou menos isso, entendeu? Eu vou um pouco, eu sou meio vendida nesse sentido.

[00:03:35] Pessoa 2 Não, mas você tá certa, porque esse é o trabalho, você não pode dar esse luxo de perder alunos, de perder clientes, né, querendo ou não, é sua renda, forma de renda, então não é bom arriscar.

[00:03:46] Pessoa 1 E na sala de aula, quando a gente tem 20 alunos numa sala de aula, eu conseguia manipular a energia que eu digo assim, tipo, para eu ser o centro em determinado momento, para eles serem o centro em determinado momento, e eu conseguia lidar muito bem e ter esse jogo de cintura. Quando a gente tá com uma aula particular, é só eu e o aluno, então o foco tem que ser nele o tempo inteiro, não tem um quadro aqui na frente, não tem um fulaninho que vai fazer uma piada ali, a gente ri, não tem aquela distraçãozinha de dois minutos aqui, é a gente e o aluno, a gente e o aluno, a gente e o aluno. Então quando a gente conhece, mais ou menos sabe o que tá esperando, a gente já sabe o comentário que a gente pode fazer em sala, a piada, o como chamar. Então eu acho que é isso, assim, nesse momento, não vai rolar falar com todo mundo, vai rolar falar com quem me der abertura e mostrar que tá disposto a ouvir a palavra de Jesus, esse daqui.

[00:04:52] Pessoa 1 Eu perco o amigo, mas não perco a piada, né, gente?

[00:04:59] Pessoa 1 Desculpa.

[00:05:00] Pessoa 3 Não, bem, foi boa, foi boa. Segunda vez... segunda vez

[00:05:03] Pessoa 3 boa. Segunda vez... segunda vez que eu falo com ele.

[00:05:05] Pessoa 3 Foi boa, foi boa dessa vez.

[00:05:08] Pessoa 2 Pois é, mas eu gostei, eu gostei, eu acho que é realmente isso, a gente tem que esperar essa abertura mesmo, né. Inclusive eu tava até pensando, assim, em utilizar e perguntar, principalmente nessa parte com alunos básicos, né, acho que pode parecer que é muita informação, mas já dizer, porque a gente já diz um monte de informação, né, a gente já diz que tem, no espanhol a gente tem vários pronomes, né, a gente cita, o vos sempre fica naquela parte de, como eu posso dizer, um acento, né, em tal lugar, curiosidades, a gente nunca incorpora, eu tento sempre incorporar, enfim, em todos, e aproveitar a oportunidade também pra comentar sobre isso, né, da linguagem neutra, acho que também funcionaria também dentro de uma unidade didática, de uma sequência didática sobre os pronomes, inclusive, né, talvez, acho que seria interessante.

[00:05:54] Pessoa 1 Vocês conhecem algum vídeo, algum contexto de vídeo que a gente consiga mostrar em sala? Com pronome sendo usado, ou linguagem neutra sendo usado?

[00:06:08] Pessoa 1 Sei lá, um youtuber, um... Eu Eu

[00:06:10] Pessoa 3 Eu Eu tenho alguns que eu posso mandar, que são crianças falando sobre a linguagem inclusiva, por exemplo, ou crianças falando, usando a linguagem inclusiva falando, tem vários vários exemplos, assim, eu tenho um que eu acho que eu tenho até guardado por aí. Mas ele tá no YouTube. Que a gente

[00:06:30] Pessoa 1 Que a gente sai do mundo só das ideias, né, de, olha, pode ser que você encontre, fica muito no pode ser, né, quando a gente mostra um vídeo, somente crianças, né, que abre o coração de qualquer um, é, aí eu acho que dá uma quebrada no gelo.

[00:06:48] Pessoa 3 É que, por exemplo, aqui na Argentina tá sendo bastante usado, né, então muitas crianças já estão falando com a linguagem inclusiva, né, muitas crianças, inclusive, hoje, chamam outras crianças usando a linguagem inclusiva.

[00:07:06] Pessoa 2 Olha que legal. Muito diferente daqui, né? Você vai fazer esse contraste na sua pesquisa sobre...

[00:07:12] Pessoa 3 Não, não, é, bom, na verdade, sim, né, então eu preciso falar um pouco sobre como é o panorama do uso da linguagem inclusiva em alguns países, em algumas realidades hispânicas, mas foco não é esse, especificamente, mas eu falo já, em algumas partes do texto, eu falo um pouco sobre, sei lá, o presidente da Argentina falando de Todes, por exemplo, né, como as universidades daqui de Buenos Aires, algumas têm regras de proibição de professores de proibirem a linguagem dentro da sala, por exemplo. Se algum estudante quiser escrever um texto

usando a linguagem inclusiva, nenhum professor tem a opção de proibir eles, né? Então, essas são algumas regras que já tem na legislação universitária de Buenos Aires. Então, essas coisas eu menciono, né, um pouco sobre como tem sido o avanço da linguagem inclusiva em alguns países, né, eu não posso abordar todos porque eu não conheço todos, né, mas eu conheço algumas realidades e essa, de Buenos Aires, é uma... é um referente bastante importante sobre a linguagem inclusiva, que é um lugar onde eu acho que esse tópico avançou bastante. Sei que na Espanha também tem um pouco essa discussão e tal, mas eu acho que aqui na América do Sul, a Argentina é esse país que tá sendo vanguarda com relação a esse tópico, tanto que tem proibição também, né, o governo da cidade proibiu ensinarem os professores das escolas básicas a linguagem inclusiva, então tem uma resistência também ao mesmo tempo.

[00:09:12] Pessoa 1 Ah, sempre tem, né?

[00:09:14] Pessoa 3 Então vocês já me falaram um pouquinho sobre as suas estratégias para garantir o conforto do estudante, né, e quais vocês acham que são os desafios de incorporar a linguagem neutra não binário no ensino de espanhol, no geral, não só nas suas práticas do Centro, mas no geral. Não sei se tem alguma ideia sobre...

[00:09:42] Pessoa 1 A dificuldade...

[00:09:44] Pessoa 2 Talvez seja, por exemplo, só interrompendo a Camila, eu acho que, por exemplo, muita gente trabalha com o ensino de línguas, né, a gente agora não tá trabalhando em escola de idiomas, mas se a gente pudesse falar pro nosso eu de anteriormente, que a gente temos muitos colegas também aí, né, e o ensino do espanhol fica muito focado também nessa esfera de ensino em cursos em centros de línguas, então o que eu quero dizer aqui, a gente depende muito do manual, do livro de texto, né, se o livro de texto não aborda, claro que a gente não tá ingressado no livro sempre, a gente pode trazer material de fora, como a gente faz, com gramática, com qualquer coisa, mas é importante que se tem esse material, até porque muita gente não tem acesso a esse tipo de informação, eu mesmo não teria esse tipo de informação se não fosse o seu manual, então é importante que haja esse tipo de manual e a gente insere, né, dentro de uma unidade didática de algum contexto, porque se não houver esse tipo de material, a gente tem que fazer o trabalho de formiga e a gente tem que pesquisar, e muitas vezes a gente não tem tempo, porque a gente tem conteúdos que são prioridades.

[00:10:50] Pessoa 1 A gente trabalha normalmente dentro das escolas de idioma, que é a realidade, né, da grande maioria, temos a limitação de tempo e de material, de informação, porque a gente precisa seguir um calendário muito apertado e tem que abordar muita coisa em pouco tempo, então a gente sempre tem que saber o que vai ser prioridade, e normalmente prioridade é o que vai cair na prova mais um pouquinho, né. Fora no contexto de escolas, a gente tem o que a gente já falou, as escolas normalmente pedem, proíbem ou aconselham que não seja abordado em sala de aula esse tipo de tema. Tudo vai depender da escola, obviamente, né, a gente sempre vai ter uma escola mais progressista, uma escola mais conservadora, mas a maioria das escolas são muito conservadoras e a maioria das escolas abordam o que vai cair no Enem.

[00:11:47] Pessoa 2 É, exatamente.

[00:11:47] Pessoa 1 E aí o espanhol da escola acaba virando como o inglês da escola, é muito instrumental e é muito focado na norma padrão da RAE, então a gente não tem muito espaço também nem para trabalhar oralidade nas escolas, que dirá outras coisas mais.

[00:12:09] Pessoa 2 Inclusive a RAE, já que você citou, já nega, né, então, ou seja, já é totalmente contra, então a gente também não pode ser opor em muitos centros de língua.

[00:12:19] Pessoa 1 E no ensino superior vai depender, eu acho que as universidades públicas têm mais abertura para trabalhar isso, mas ao mesmo tempo, por mais que a gente tenha professores muito progressistas, pelo menos na UNB, a maioria é progressista, a gente tem professores antigos, né, os professores demoram muitos anos a se aposentar, e aí para os professores terem acesso a esse material, normalmente é um aluno novo que está vindo fazer uma pesquisa, e aí

esse professor tem que partir dele, achar isso legal para conseguir levar isso para a sala de aula, e eu não acho que é um processo tão simples. Eu acho que, sei lá, daqui a alguns anos, quando esse corpo docente for se renovando dentro das universidades, a gente vai ter professores que vão trazendo esse diálogo para a sala de aula, mas eu acho que agora, eu não sei, gente, eu me formei tem muitos anos, mas eu não sei, tem muitos anos mesmo, mas eu não sei como tá, se é algo que tem sido abordado nas universidades públicas ou não, pelos professores, ou se é algo que os alunos levam, e aí o professor propõe um debate. Na minha época, nem existia a discussão de uma linguagem neutra, eu me formei em 2010.

[00:13:36] Pessoa 2 Eu me formei em 2018. Assim, na graduação, né, os professores, eles escreviam os e-mails sempre assim, com arroba, né, ou então usando queridos e queridas estudantes, né, havia muito isso, sempre mandava e-mails nesse sentido, colocava as barras também, então existia isso. Por exemplo, mas falando com os alunos, não, por exemplo.

[00:13:59] Pessoa 1 Perguntando, né, o pronome.

[00:14:02] Pessoa 2 Na pós-graduação, já sim, em 2020 que eu entrei, então na pós-graduação já havia professores que já tratavam, né, dois professores, eu lembro bem que tratavam que eu tive aula

[00:14:13] Pessoa 1 ÉOutrarque aí a pós-graduação vai para outro rumo, né, os professores estão mais atualizados, porque aí eles estão na pesquisa, normalmente, né.

[00:14:22] Pessoa 3 Outra coisa. Inclusive, a gente fez uma matéria junto, né, eu acho. É, 2020, você um ano antes que eu.

[00:14:32] Pessoa 2 Só que eu fiz em 2021 essa matéria, né.

[00:14:35] Pessoa 3 Sim, sim, sim. É, você terminou bem rápido, na hora. Parabéns. E, bom, e agora que você está falando sobre o futuro, né, você falou que daqui a alguns anos, de repente, alguns professores vão estar mais, ter mais informação sobre isso, mas o que vocês acham do futuro dessas marcas de gênero não binárias na língua espanhola?

[00:15:07] Pessoa 2 O latim vulgar, não é? Também era desacreditado pela vida e pelas pessoas, né. Olha como que ele virou, né, francês, espanhol, aí tantas línguas, né, o português, enfim. Então a gente tem que dar tempo ao tempo. Obviamente, o latim vulgar de antigamente, né, olhando para uma perspectiva diacrônica, não era por uma comunidade que era marginalizada, tanto, né, claro, as elites sociais, enfim, mas por uma questão de, enfim, né. Enfim, o que aconteceu foi que todos conseguiram utilizar a língua ao fim e a cabo, porque a elite queria só o latim clássico, né, e o mesmo acho que pode acontecer, não é? Quem sabe? Todos os países estão utilizando, pelo que se sabe, né, os países mais daqui do ocidente,

[00:15:58] Pessoa 1 democráticos, né?

[00:15:59] Pessoa 2 eles estão utilizando, né, então, os países desenvolvidos principalmente, então, por que não? Isso não pode acontecer, né, essa evolução.

[00:16:09] Pessoa 1 É, acho difícil fazer previsões para o futuro, principalmente se tratando de línguas, porque as coisas... tem um rumo que a gente não imagina e, com relação a esse tema, é mais difícil ainda tentar fazer uma previsão para o futuro, porque é diferente de, é diferente de um vós-me-ser que virou um você pelaquela economia linguística, sabe? É outro movimento que está acontecendo agora, né, é um movimento que, olha essas pessoas, elas precisam ser tratadas de alguma maneira, tá, mas como vamos tratá-las? Tá, então, existe essa, essa, essa maneira, tá, qual é a melhor? Ah, não sei, vamos usar essa agora, vamos, entendeu? Então, não é uma coisa que está acontecendo naquele processo natural de mudança da língua, é uma coisa que está acontecendo, sendo pensada para acolher uma população que é marginalizada. Então, eu acho muito difícil tentar fazer uma previsão, eu sou uma pessoa otimista, então, louca, então, eu tento pensar que alguma solução vai sair disso. Por mais que não seja exatamente o que a gente tem hoje, é... Ah, ele caiu de

novo, de novo, que pena. Por mais que não seja o que a gente tem hoje, eu acho que algo vai sair disso, porque eu acho que tudo deixa uma marca em algum momento, né, mas eu não sei, eu não consigo fazer uma previsão, eu acho que alguma coisa vai acontecer, alguma mudança vai acontecer, porque alguma mudança precisa acontecer, e hoje em dia as pessoas estão mais preocupadas em que essas mudanças aconteçam, estão questionando outras coisas, estão questionando o masculino genérico, por exemplo, então, para de me lambar, mamãe! Mas eu não sei, não sei, assim, não tem como falar, ó, vai mudar mesmo, no futuro vai todo mundo usar em algum momento a linguagem neutra, mas eu acho que alguma coisa vai mudar. Ela me ama!

[00:18:28] Pessoa 3 Ah, o Quéfren falou aqui que tá com problema de áudio, né, que não tá conseguindo... É, mas aí tá falando que tá conectando.

[00:18:37] Pessoa 1 Peraí, vou colocar aqui pra ele.

[00:18:50] Pessoa 3 É, mas será que conecta, né? Será que não? É, mas assim, a discussão já tá sendo encerrada também, né, as perguntas acho que já... Ah, agora acho que tá escutando, né? Agora você tá escutando, só que tá com o microfone fechado. Não, não, não, não, não, se microfone não tá funcionando, né, mas, de repente, o áudio já tá funcionando pra ele. Você tá escutando, gente? Você tá escutando? Não, a gente não tá escutando. Não, a gente não tá escutando, mas você tá escutando a gente, né, pela vista. Mas o que eu tava dizendo... Ah, agora sim.

[00:19:37] Pessoa 2 Agora foi. Agora sim. Gente, com a fusão o Zoom tá...

[00:19:41] Pessoa 1 O meu pediu pra eu atualizar antes de entrar na reunião.

[00:19:45] Pessoa 3 Ah, olha só. Não, mas assim, eu tava falando que as perguntas já foram respondidas aqui, tipo, se vocês têm mais alguma coisa pra responder, pra aportar, tipo, aí eu paro, eu permito vocês falarem mais um pouquinho, ou paro a gravação de uma vez, né, que a última pergunta era sobre o futuro, né, o futuro da, assim... Não, agora a gente não tá escutando de novo.

[00:20:13] Pessoa 1 Eu queria ouvir. Tava

[00:20:15] Pessoa 3 Tava escutando bem agora, há pouquinho, mas agora parou de escutar de novo. Que estranho, hein? O que será isso? É, o que você fez aí? Você tinha feito alguma coisa pra gente escutar. É, que estranho. Não, não. Tenta mudar a configuração de...

[00:20:41] Pessoa 2 E agora?

[00:20:42] Pessoa 3 Agora sim. Agora sim.

[00:20:45] Pessoa 2 Eu, quando eu coloco o meu fone, dá um problema, mas antes eu tava com o fone e tava dando normalmente. Tava, tipo... Não sei.

[00:20:52] Pessoa 1 Às vezes é uma atualização aí que depois funciona. É, alguma coisa.

[00:20:56] Pessoa 2 Enfim, mas o que eu queria dizer é que eu não consegui escutar o que a professora Camila disse, então eu não consigo ligar bem, mas eu acho que não tem muito o que falar, né? Eu acho que eu já falei tudo que eu tinha de dizer.

[00:21:09] Pessoa 3 É, você falou já. Você falou.

FORMULÁRIOS

Marca temporal	Qual é a sua idade?	Qual é o seu gênero?	Qual é sua língua materna?	Quais línguas você fala?	Qual é seu nível acadêmico?	Você sabe o que significa as siglas LGBTQIA+?	Você sabe o que é ser cisgênero?	Você sabe o que é uma pessoa não-binária?	Você sabe o que é a linguagem inclusiva?	Caso saiba o que é a linguagem inclusiva: você usa?	Você se sente preparada/o/e para ensinar a linguagem inclusiva?	Você sabe o que é uma pessoa trans?	Caso saiba, defina brevemente o que é uma pessoa não-binária.	Caso saiba, defina brevemente o que é uma pessoa cis-gênero.	Caso saiba, defina brevemente o conceito de pessoa trans.	
16/3/2023 9:49:57	35	Mulher	Português	português, espanhol e um pouco de inglês	Pós-graduação	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Que não se identifica com o sexo biológico, com o gênero atribuído a esse sexo biológico	Que não se identifica como pertencente a um gênero único	Pessoa que se identifica como pertencente a um gênero único	Que não se identifica com o sexo biológico, com o gênero atribuído a esse sexo biológico
6/4/2023 11:00:51	26	Homem	português	português, espanhol, inglês e francês.	Pós-graduação	Não completamente	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	aquela que se identifica com o gênero diferente do que nasceu.	aquela pessoa que nasce com o sexo que se identifica.	aquela que se identifica com o gênero diferente do que nasceu.	
19/4/2023 21:07:48	32	Homem	Português	espanhol e francês	Pós-graduação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	o	Que o gênero	o	



ESPAÑOL PARA TODES

GUÍA PARA UNA ENSEÑANZA
DE ESPAÑOL INCLUSIVA

JESÚS GUZMÁN
2023

ÍNDICE

01

Introducción: español inclusivo

02

Conceptos relevantes

03

¿Por qué el lenguaje inclusivo?

04

Español inclusivo

05

Palabras finales: español para todes

06

Actividades didácticas

1

INTRODUCCIÓN: ESPAÑOL INCLUSIVO

Educar es un acto político. Enseñar una lengua implica emprender una actitud dialógica con personas que traen consigo historias de vidas diversas. En una sala de clase es posible encontrar más que un puñado de identidades. Así mismo, el profesorado que se entiende como un agente social tiene un potencial para la transformación, ya que su conocimiento no es transferido como si se tratara de dinero sino que es devuelto en el diálogo con cada individuo que permite conformar ese hermoso colectivo que es el aula. Ya decía Paulo Freire¹ que la enseñanza es una devolución organizada, sistematizada y acrecentada al pueblo, compuesta por aquellos elementos que el cuerpo docente recibió de forma inestructurada.

Por eso es posible pensar en la clase como una confluencia donde diversas aguas se juntan para producir un enorme río de conocimiento que seguirá fluyendo por medio del lenguaje. Es por eso que usar lenguajes inclusivos puede resultar apropiado para no forjar las desigualdades que hacen algunas vidas más difíciles que otras.

La lengua es inclusiva si quienes la usamos queremos que lo sea, y para ello, es fundamental abrazar nuevos paradigmas que cuestionan los que guiaron nuestra forma de interpretar y nombrar el mundo que nos rodea.

¹ Freire, Paulo. Pedagogía del oprimido, 2a ed. México: Siglo XXI editores, 2005.

Se trata de desnaturalizar las normas aprendidas que invizibilizan existencias e identidades otras. Al final, la lengua es como un río en el que el agua que corre siempre es otra. Es mutable.

En las últimas décadas ha habido mayor preocupación por la inclusión de género representada en la lengua española, lo cual ha promovido el uso de diversas prácticas para combatir la marginación de grupos históricamente minorizados como lo son las mujeres o las personas LGBTQIA+. El uso de "-@", de "-x", del desdoblamiento de género o más recientemente el uso de "-e" en lugar del masculino genérico son algunas de estas prácticas, y en esta guía se podrán consultar estas y otras alternativas que permiten vencer el androcentrismo en la lengua española.

Dado que esta discusión está en constante actualización, se busca que esta guía sea una herramienta de consulta adaptable por el cuerpo docente de español y que le permita hacer de su enseñanza un acto comprometido en dialogar con todas, todos y todes.

2

CONCEPTOS RELEVANTES

- **Cisgénero:** persona que se identifica con el género que le fue asignado al nacer.
- **Comunicación inclusiva:** es el proceso de transmitir información y establecer interacciones de manera que se reconozcan y respeten las diferencias y diversidad de las personas. La comunicación inclusiva busca ser accesible para todos los individuos, sin excluir ni discriminar a nadie por su identidad de género u otras características.
- **Estereotipos de género:** son creencias simplificadas y generalizadas sobre las características, roles y comportamientos que se atribuyen tradicionalmente a hombres y mujeres en una determinada sociedad. Estos estereotipos pueden ser limitantes y contribuir a la discriminación y desigualdad de género.
- **Expresión de género:** se refiere a cómo una persona muestra su género al mundo de acuerdo con la apariencia, la actitud, el comportamiento o los gestos.
- **Género:** construcción sociocultural y psicológica que determina el concepto de mujer, hombre y otras categorías no binarias o normativas.
- **Heteronormatividad:** la heterosexualidad como norma social para la orientación sexual de una sociedad.
- **Identidad de género:** percepción subjetiva que un individuo tiene sobre sí en relación al género.

- **Lenguaje androcéntrico:** uso del masculino de forma genérica para denominar a todas las personas.
- **LGBTQIA+:** siglas que abarcan las categorías lesbiana, gay, bisexual, transgénero, queer, intersexual y asexual. El "más" representa otras identidades como pansexuales, genderqueer, no binario, polisexuales, 2 espíritus, etc.
- **Literatura y escritoras/es no binarios o transgénero:** hace referencia a la producción literaria realizada por personas no binarias o transgénero. Se refiere a obras literarias escritas por autores y autoras cuya identidad de género no se ajusta a las categorías tradicionales de masculino o femenino, o que han explorado temas relacionados con la no binariedad o la experiencia transgénero.
- **No binario:** persona que asume una identidad de género que no encaja en las categorías del binarismo de género, dado que no se percibe ni como hombre ni como mujer.
- **Orientación sexual:** capacidad de sentir deseo y atracción sexual, emocional y afectiva por personas del mismo género y/o de un género distinto al propio.
- **Patriarcado:** predominio de varones en una sociedad o grupo social.
- **Pronombres personales:** son palabras que se utilizan para referirse a una persona en tercera persona, reemplazando su nombre. Los pronombres personales incluyen opciones como "él", "ella", "ellos", "ellas", "elle" y "elles", y pueden variar según la identidad de género de la persona a la que se refieren.
- **Terminología inclusiva:** se refiere a la utilización de términos y vocabulario que no excluyan ni discriminen a personas de diferentes identidades de género. Esto implica el uso de palabras y expresiones que reconozcan la diversidad de género y eviten reforzar estereotipos o prejuicios.

3

¿POR QUÉ EL LENGUAJE INCLUSIVO?

El lenguaje es un instrumento que sirve para la formación y transmisión de conceptos y sentidos comunes; permite que la realidad que nos rodea sea organizada y procesada en el sistema cognitivo. Es, por lo tanto, fundamental para la vida en comunidad. De esta manera, en él se reflejan comportamientos colectivos, pues está cargado de ideología, de las ideas que establecen quienes hacen uso del mismo, de ahí que puede actuar como (re)productor de estigmas que afectan la consolidación de algunas identidades que históricamente han sido empujadas a la incomprensión social.

De acuerdo con el lingüista Norman Fairclough (2001), la identidad de una persona es medida por el lenguaje en vista de que este viabiliza su construcción. Es por el lenguaje que se puede no solo definir sino construir el "yo" que posee cada individuo. De esta manera, ¿cómo es el proceso de construcción de una identidad que no es mencionada en el acto comunicativo? ¿Hay espacio para el empoderamiento de una mujer o de una persona queer femenina si estas son "estos"? ¿Por qué el maculino suele usarse para referirse a todas las personas? ¿No interfiere su uso en una construcción empoderada de otras identidades?

Cabe echar un ojo al pasado para explicar los actos del habla que dejan por fuera de la escena lingüística a personas que históricamente quedaron del lado de la incongruencia social.

La sociedad occidental moderna fue levantada a partir de la dominación patriarcal cisgénero heterosexual, es decir, fueron los hombres blancos heterosexuales quienes dominaron la esfera de la productividad por mucho tiempo, sin embargo, desde hace al menos un siglo, las mujeres y las personas LGBTQIA+ buscan revertir el orden que les oprime, presente no solo en las leyes sino en el uso de la lengua.

En los últimos años, movimientos feministas y colectivos LGBTQIA+ han impulsado discusiones sobre a quién nombramos, a quién dejamos de nombrar y cómo lo hacemos. Es decir, se ha puesto sobre la mesa el uso del masculino de forma genérica y sus relaciones con la sociedad patriarcal y cómo esto forja la desigualdad sexual y de género.

Es a partir de esta premisa que se entiende el lenguaje inclusivo como una alternativa para normar a todes. Existen diferentes formas, desde usar palabras no binarias como "persona" o "estudiante", hasta modificar la marca de género masculina (-o) o femenina (-a) por una no binaria (-e).

A pesar de que parte de la sociedad e instituciones como la Real Academia Española se resisten a cambiar el masculino genérico por una forma más plural, en múltiples espacios y sectores hispanamericanos es común usar el lenguaje inclusivo. Universidades, organismos públicos, escuelas y hasta personas influyentes usan la inclusividad en sus comunicaciones.

Es por ello que es posible pensar que una sala de clase sea un espacio no solo para transformar el lenguaje sino también celebrar su flujo.

En su informe de 2020, la Real Academia Española alegó que no hay motivos para relacionar el uso del masculino genérico con la cultura patriarcal y por ende ningún motivo para evitarlo.

4

ESPAÑOL INCLUSIVO

Hay muchas formas para no dejar por fuera a mujeres e identidades LGBTQIA+ en un enunciado en español. Vamos a revisar algunas de ellas.

Propuesta	Evitar	Reemplazo
Usar palabras genéricas y colectivas	"Los alumnos" "Los chicos"	"El alumnado" "La juventud"
Usar la palabra persona antepuesta	"Los alumnos presentes" "Los docentes"	"Las personas alumnas presentes" "Las personas docentes"
Metonimias	"Los directores" "Los jueces"	"Dirección" "El juzgado"
Desdoblar	"Los alumnos"	"Los alumnos y las alumnas"
Uso de "-e"	"Los alumnos"	"Les alumnes"
Explicaciones con detalle	"Los alumnos se encuentran en una situación de vulnerabilidad"	"Estudiantes mujeres, varones y de otras identidades se encuentran en una situación de vulnerabilidad"
Uso de la barra /	"Alumno"	"Alumno / a / e / x"
Palabras sin marca de género		"Quien/quienes" "Pareja" "Estudiante"

Propuesta	Evitar	Reemplazo
Estructuras con “se”	“Los alumnos preguntan por la información”	“Se pregunta por la información”
No asumir un pronombre en caso de no saber cuál es el que usa la persona destinataria	“Él es muy inteligente”	“Esta persona es muy inteligente”
Determinantes sin marcas de género	“Los participantes de este proyecto serán informados”	“Cada participante de este proyecto recibirá la información”
Omitir el determinante	“Podrán participar los estudiantes del grupo B”	“Podrán participar estudiantes del grupo B”
Preposición + sustantivo	“Aprobado”	“Con aprobación”
¿Qué otras propuestas de lenguaje inclusivo se pueden agregar?		

5

PALABRAS FINALES: ESPAÑOL PARA TODES

La preocupación con el género gramatical en la lengua española está presente desde hace varias décadas. Ha habido algunas propuestas para evitar el androcentrismo.

El uso de @ en lugar del masculino genérico se popularizó al final del siglo XX, el cual funcionó para problematizar la falta de visibilidad femenina en varias esferas de la sociedad.

Años más tarde, este uso fue básicamente sustituido por -x, que ponía en discusión no solo la ausencia de la feminidad sino de otras identidades de género, ya que @ solía interpretarse como un desdoblamiento binario de género (femenino-masculino).

Ambas propuestas sumaron mucho para el estímulo de estas discusiones, sin embargo, carecían de algo importante: la expresión oral, lo cual deja por fuera a personas con discapacidad visual, ya que estas marcas solo pueden ser identificadas por la vista debido a que son símbolo que tienen una complejidad fonético: no permiten la lectura en voz alta ni la pronunciación verbal.

Cerca del 2010, comenzó a popularizarse el uso de -e como marca générica y no binaria, la cual no solo incluye otras identidades, además de la oposición masculina-femenina, sino que también es incorporada en la oralidad. O sea, a diferencia de las otras dos alternativas mencionadas anteriormente, -e puede ser leída fonéticamente. Podemos decir *todes* pero no *todxs*, podemos decir *todes* pero no *tod@s*.

Es por ello que hoy en día, el uso de -e como marca genérica es incentivada no solo por personas influyentes en las sociedades hispanas, sino también por instituciones públicas y privadas, como es el caso de la Universidad Autónoma de Buenos Aires, que propuso que toda persona que se sienta cómoda usando -e, en lugar del femenino -a o del masculino -o, debe ser respetada.

De esta manera, dado que el profesorado de lenguas tiene una función no solo académica sino social, me parece importante que la voluntad del estudiantado sea respetada, es decir, cualquier marca de género que este quiera usar en la sala de clase de español como lengua extranjera debe ser respetada.

Así mismo, esta guía tiene la intención de auxiliar al cuerpo docente para que no solo respete las indentidades de sus estudiantes sino para que oriente a todes a respetarlas.

6

ACTIVIDADES DIDÁCTICAS

Estas actividades tienen como objetivo proporcionar al estudiantado un repertorio lingüístico en español relacionado con la diversidad representada en la vestimenta a través de la lectura de imágenes. Al mismo tiempo, buscan abrir una discusión sobre los estereotipos de género y sexualidad que dominan nuestras sociedades, y así plantear preguntas al alumnado sobre los estándares de género y sexualidad a partir de imágenes históricas de prendas consideradas "masculinas" y "femeninas".

Material para el cuerpo docente:

- Moda no binaria: un panorama histórico contextualiza la tendencia
- BOLETIM N° 002-2021 ASESINATOS de personas trans en Brasil
- Género y diversidad sexual en la escuela: la urgencia de la reconstrucción de significados y prácticas
- Objetivos de discriminación y exclusión, estudiantes LGBT cuentan lo que esperan de la escuela

Ruta:

Discusión inicial: la actividad comienza con discusiones en español a partir de la siguiente imagen:



Piensen en un nombre para esta persona infante.

¿Cómo creen que se viste este infante en el día a día?

¿Qué ropa le ponen?

¿Cuál creen que será el color favorito de esta persona?

¿Cómo creen que será dentro de cinco años?

¿Cuáles serán sus actividades favoritas cuando tenga 10 años?

¿Qué ropa usará cuando tenga más de 20 años?

Y ustedes, ¿cuáles son sus actividades favoritas?

¿Qué actividades suelen gustar a los hombres de su familia? ¿Y a las mujeres?

¿Qué ropa usan sus mejores amigos? ¿Y ustedes?

¿Cuáles son sus prendas y colores favoritos?

Dinámica:

- Análisis de imágenes: vestimentas



- Pregunta al alumnado cuáles de estas prendas concuerdan con lo que se considera masculino y femenino en las siguientes imágenes del antiguo Egipto y de la civilización inca.



892



JESÚS GUZMÁN

Profesor de español e investigador en
la maestría del Programa de Posgrado
en Lingüística Aplicada de la
Universidad de Brasilia.

✉ hjesus.ag@gmail.com

📷 [jesusguzmanprof](https://www.instagram.com/jesusguzmanprof)

🌐 [linkedin.com/in/jesusanguloguzman](https://www.linkedin.com/in/jesusanguloguzman)